



112)

EX-LIBRIS:

370

PEDRAS DE ARMAS
E ARMAS TUMULARES
DO DISTRITO DE BRAGA

PEDRAS DE ARMAS E ARMAS TUMULARES DO DISTRITO DE BRAGA

Publicou-se:

- Vol. I — Cidade de Braga. Tomo I (1970) e tomo II (1971).
Vol. II — Concelho de Braga (freguesias rurais) (1972). 2.^a ed. (1980).
Vol. III — Concelhos de Terras de Bouro e Amares (1973).
Vol. IV — Concelhos de Vicira do Minho e Póvoa de Lanhoso (1974).
Vol. V — Cidade de Barcelos e freguesias rurais do seu Concelho (Aquém-Cávado) (1975).
Vol. VI — Concelhos de Barcelos (Além-Cávado) e Esposende (1977).
Vol. VII — Cidade de Guimarães. Tomo I (1981).

Em preparação:

- Vol. VII — Cidade de Guimarães. Tomo II.
Suplemento aos vols. I a IV (revisão e aditamentos).

ARTUR VAZ-OSÓRIO DA NÓBREGA

Do Instituto Português de Heráldica

PEDRAS DE ARMAS
E ARMAS TUMULARES
DO DISTRITO DE BRAGA

Vol. VII

CIDADE DE GUIMARÃES

Tomo I



ASSEMBLEIA DISTRITAL DE BRAGA

1981



Fotografias de

FOTO-STÚDIO (Braga)

PEDRAS DE ARMAS

E

ARMAS TUMULARES

Localização:

— Igreja de Nossa Senhora da Oliveira (1). Na frontaria, — à direita do portal (2).

Material: granito, — e calcário (as *quinas* e as torres, cravadas no granito) (3).

Época: num dos anos desde o de 1387 ao de 1393 (4), — e século dezanove.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica real.

Escudo clássico, assente sobre a Cruz de Avis, — o conjunto assente sobre um escudo também clássico. O primeiro escudo encimado por uma coroa real aberta sustida por um anjo sainte do bordo superior da placa em que assenta o escudo maior, o qual se encontra ladeado de dois anjos adultos (*tenentes*). — Com vestígios de pintura. Todo o conjunto descrito está dentro de um nicho.

(1) N.ºs 1 a 12.

Lê-se nas *Memórias Resuscitadas da Antiga Guimarães*, pelo P.^e Torquato Peixoto d'Azevedo, (1692), ed. de 1845, na pág. 205, que «esta igreja [...] por todas as paredes, de uma e outra parte, tem frestas com vidraças, e em cada uma dellas as armas de seu reformador, el-rei D. João o 1.^o, e a rainha sua mulher D. Filippa de Alencastre», e, na pág. 217, que «a capella mór aonde se venera a Santissima Virgem, tem de cada lado uma [capela] de abobeda de pedra com as armas d'el-rei D. João 1.^o seu fundador, ambas do mesmo tamanho, e architectura, com os corpos para o claustro, como o tem tambem a capella mór, com portas arcadas para a igreja, com grades de ferro, ambas pintadas, douradas e azulejadas».

(2) Na frontaria do templo: nas pilastras que delimitam os flancos do janelão gótico flamejante de calcário, — mandado fazer por D. João I e executado pelo mestre de pedraria João Garcia, natural de Toledo, e cujo vão veio a ser tapado, no século dezasseis, com uma grossa parede de granito, — estão, várias vezes repetidos, o brasão de armas do Rei de Boa Memória (com o escudo, encimado pela coroa real aberta, sobreposto à Cruz de Avis) e o escudo com a Cruz de S. Jorge.

(3) Aquando da segunda invasão francesa, em 1809, as pedras de armas reais da então vila de Guimarães foram sujeitas a maus tratos intencionais: picaram-se os escudetes e os castelos (ou as torres). Anos depois, em data que não consegui apurar (princípios da segunda metade do séc. XIX?), pretendeu-se restituir ao escudo de cada pedra de armas os símbolos que um gesto de poderio efémero fizera desaparecer: cravaram-se no campo cinco *quinas* e na bordadura sete *torres*, de calcário.

(4) Inferiormente à pedra de armas está uma lápide de granito, embebida na parede, com a seguinte inscrição em caracteres latinos: ERA DE MIL E CCCC E XXV ANNOS SEIS DIAS DO

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

PORTUGAL

Cruz de Avis

(1)

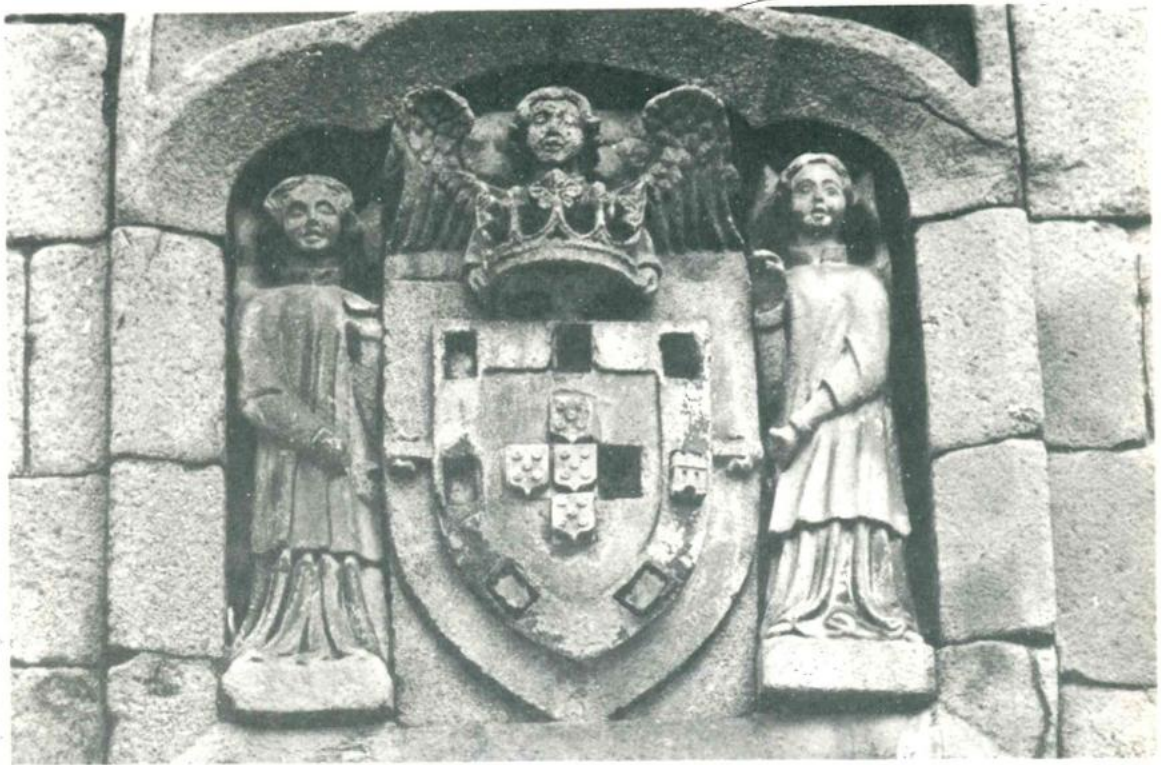
(1) O brasão de armas e a cruz: ordenamento heráldico usado por D. João I enquanto não introduziu a Cruz de Avis no escudo, para figurar como mais um elemento das Armas Reais.

Das cinco *quinas* cravadas no granito falta uma e das sete torres (em vez de castelos), também cravadas, existem três, estando duas delas quase desfeitas (5).

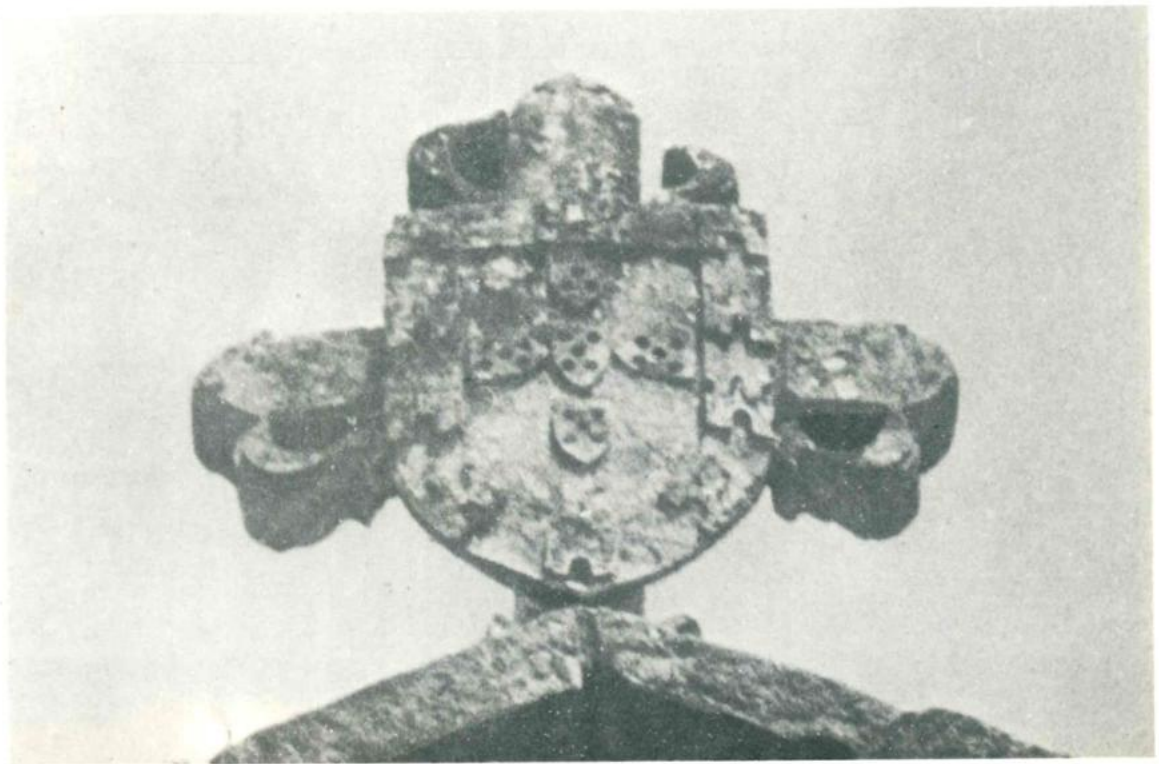
MES DE/MAIO FOI COMEÇADA ESTA OBRA POR MANDADO/DELREI DOM IOAM DADO POLA GRAÇA DE DEOS A/ESTE REINO DE PORTVGAL FILHO DO MVI NOBRE REI DÓ/PEDRO DE PORTVGAL. ESTE REI DOM IOAM OVVE/BATALHA REAL COM ELREI DOM IOAM DE CASTELLA/NOS CAMPOS DE ALGIBARROTA E FOI DELLA VENCE-/DOR. E Á HONRA DA VICTORIA QVE LHE DEV SAN-/TA MARIA MANDOV FAZER ESTA OBRA. (*com letras geminadas*). Abaixo deste letreiro, dos princípios do século dezassete, esteve uma outra lápide, de calcário, também embebida na parede, — retirada, não há muitos anos, para o Museu Regional de Alberto Sampaio, — de cujo texto, em caracteres góticos, se fez a transcrição, incompleta, seiscentista. Lê-se na lápide antiga (cf. *Santa Maria de Guimarães*, por António de Azevedo, pág. 34, nota (5)): ERA DE MIL I CCCC E XXV ANOS : SEIS DIAS : DO MES : DE MAYO : FOY COMEECADA : ESTA : OBRA : // POR : MANDADO : DELREY : DON IOHÃO : DADO : PELA GRACA : DE DEOS A ESTE REINO DE PORTVGAL // FILHO DO MVY : NOBRE : REY : DON PEDRO : DE : PORTVGAL : ESTE BO REY : DON IOHAN : OVE : BATAL//HA REYAL : EN CANPO : CO ELREY : DON IOHÃO DE CASTELLA NOS CAMPOS : DE : ALIVBAROTA : E : FO // Y DELA VENCEDOR : I : A HONRA DA VITORIA : QVE LHE DEV A VIRGE S MARIA MANDOV FAZER ESTA // OBRA DA QVAL FOY MEESTRE : POR SEV MANDADO : IOHÃO GARC MESTRE : EN PEDRARIA : I : FO // Y ACABADA : 3 DIAS : DO MES : DE : : ERA DE : MIL : I : CCCC 31 ANOS :

No Museu Regional de Alberto Sampaio, firmada numa das paredes do claustro da Colegiada, encontra-se a lápide, de calcário, proveniente da capela-mor da igreja, comemorativa da sagração do templo, a 23 de Janeiro de 1401, por D. João de Azambuja, que fora Bispo do Porto (1391-1398) e, à data, era Bispo de Coimbra (1399-1402), — a qual tem, encimando a inscrição, dois brasões de armas de D. João I (escudo clássico: cinco escudetes postos em cruz, cada um carregado de cinco besantes, os escudetes dos flancos apontados ao do centro, e bordadura carregada de sete castelos, — o escudo assente sobre a Cruz de Avis) e, entre estes, um escudo, também clássico, com a Cruz de S. Jorge. Ver *O Altar-mór da Colegiada*, por Alfredo Pimenta, in «Boletim de Trabalhos Históricos», do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães, vol. I (1933-1936), e *O Altar-mor da Igreja de Nossa Senhora da Oliveira*, pelo mesmo Autor, bolet. cit., vol. XII (1949-1950).

(5) É para lastimar que na pedra de armas de D. João I não se tivesse feito uma reconstrução acertada do escudo. Pois que, por pura ignorância: quanto aos cinco escudetes, postos em cruz, não se colocaram os dois dos flancos apontados ao do centro, e quanto aos castelos das armas joaninas, estes foram substituídos por sete torres.



1



2

Localização:

— Igreja de Nossa Senhora da Oliveira (6). Na frontaria, — firmando-se no vértice da empena.

Material: granito.

Época: num dos anos desde o de 1387 ao de 1393 (7).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica real.

Escudo boleado de bico, assente numa cruz da Ordem de Avis.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

PORTUGAL

Cruz de Avis

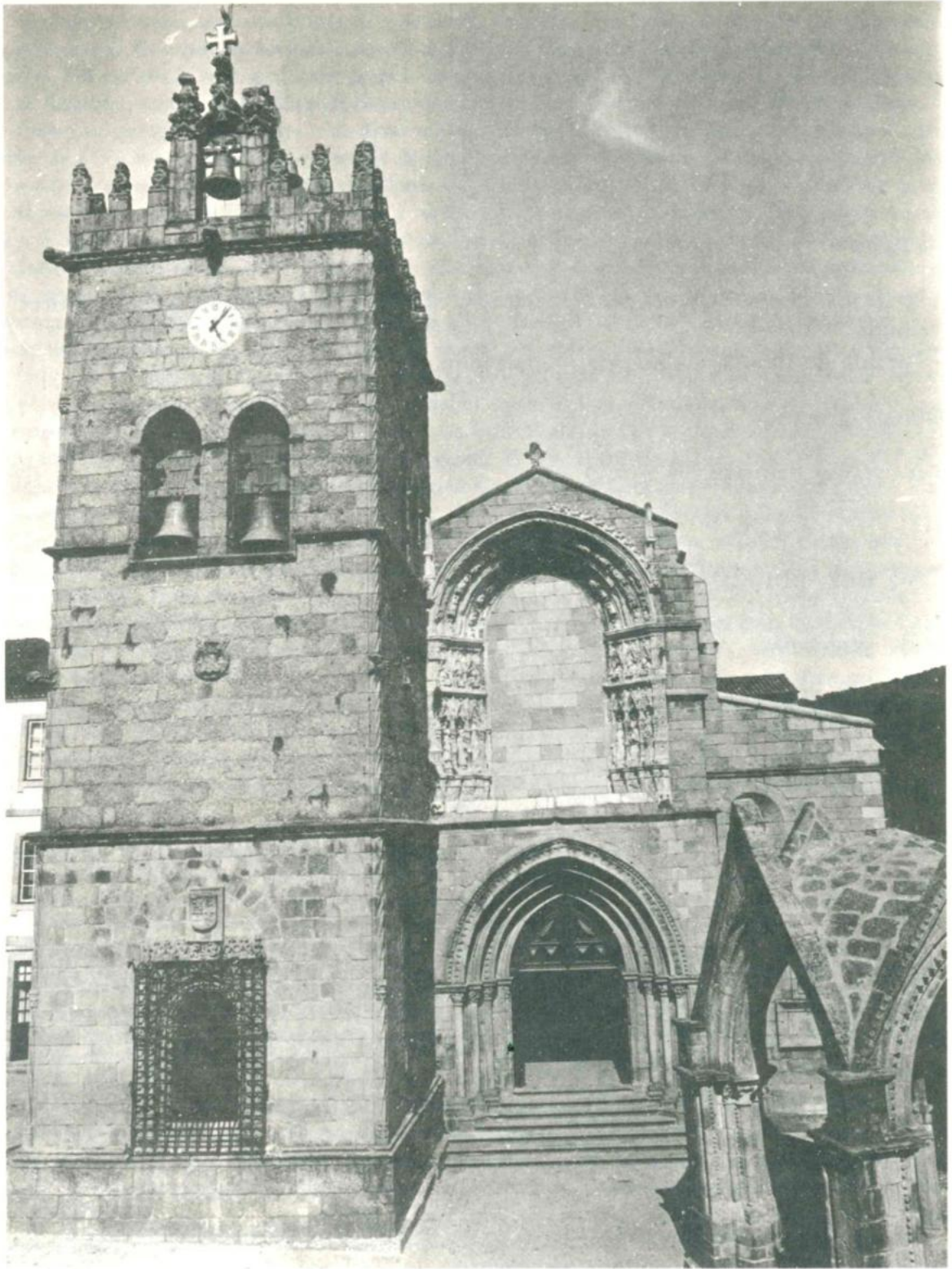
} (1)

(1) No escudo: cada um dos cinco escudetes, — os dos flancos apontados ao do centro, — carregado de *cinco* besantes e a bordadura carregada de *dez* castelos.

Ver o n.º anterior, em (1).

(6) N.ºs 1 a 12.

(7) Ver o n.º anterior.



1 a 12

Localização:

— Igreja de Nossa Senhora da Oliveira ⁽⁸⁾. No interior, — junto à porta norte do templo.

— Túmulo de Inês de Guimarães, — na tampa ⁽⁹⁾.

Material: granito.

Época: século dezasseis ⁽¹⁰⁾.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Escudo peninsular.

Escudo:

Leitura:

..... (1)

(1) No escudo, com o campo liso, teriam chegado a estar pintadas armas de família?

⁽⁸⁾ N.ºs 1 a 12.

⁽⁹⁾ Inscrição no frontal da arca tumular: AQVI IAZ INES DE GVIMARAËS M(VLH)ER DO L(ICENCIA)DO IOAÕ DE VALLADARES / BISNETA DE MARTINHO DE G(VIMARA)ËS F(ILH)O DE DOM FERNANDO DA G(V)ER / RA BISNETO DEL REY D. P(EDR)O O CRV E DA S(ENHO)RA DONA INES DE CASTRO / E VALLADARES MORREO A 8 DE SETEMBRO 1634. (*com abreviaturas e letras geminadas e inclusas*).

Ver *Genealogia dos Guimarães*, por Rui Moreira de Sá e Guerra, in «Estudos Históricos e Genealógicos» (Braga-1974), e «Verbo — Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura», vol. 9.º, colunas 1334, 1335 e 1336, em *Guimarães-Genealogia*, e vol. 15.º, colunas 88 e 89, em *Pimenta-Genealogia*, — pelo Gabinete de Estudos Heráldicos, e também *A Casa e o Túmulo dos Rebello de Valadares*, por Maria Emília Amaral Teixeira, in «Revista de Guimarães», vol. LXIX (1959).

⁽¹⁰⁾ Estamos na presença de um túmulo do século dezasseis, embora a inscrição seja do século seguinte.

Na relação das sepulturas e altares existentes, em 1665, na Igreja e claustro da Colegiada ¹ lê-se que *debaixo da escada que vai para o coro de cima, junto à Capela dos Pinheiros, está um túmulo alto metido na parede, com seu escudo em branco, e diz assim o letreiro: «Aqui jaz Inês de Guimarães, mulher do Licenciado João de Valadares, bisneta de Martinho de Guimarães, filho de Dom Fernando da Guerra, bisneto do Senhor Rei Dom Pedro Cru, que santa glória haja, e da Senhora Dona Inês de Castro de Valadares, a qual faleceu a oito de Setembro de 634»*, o qual túmulo dizem ser hoje da geração dos Valadares, e nele se enterrou no ano de 665 Dona Catarina de Valadares, que morou nas casas que ficam com as costas para o pátio do Priorado; e sobre o seu quintal cai uma janela da sacristia desta Igreja ², e que a sepultura que está alta na forma desta acima ³, pegado à escada do coro da Igreja, nas costas desta meia folha referida, que diz de Inês de Guimarães, mulher do Licenciado João de Valadares, disseram-nos que tinha dantes sido de um cônego desta Igreja, como constava de um pergaminho que está no cartório do Reverendo Cabido ⁴, e que na fol. 10 v.º, o túmulo alto que está pegado à escada do coro foi de Lourenço de Guimarães, comendador da comenda de Garfe, da Ordem de Cristo, e dizem que era fidalgo antigo, sobrinho de Dom Fernando da Guerra, Arcebispo de Braga, filho de Pedro da Guerra, neto de Dom Pedro Cruel e de Dona Inês de Castro de Valadares ⁵. Até aqui o texto da relação. ¿Será o «Conego desta Igreja» da Colegiada o pai de Inês de Guimarães, a quem, antes dela, o túmulo serviu de jazida (P. L. ⁶: «Christovão de Guimarães», que foi «Conigo na Collegiada de G.es» e que «dizem que não teve ordens sacras» ⁷ e que «teve Bastardos em Margarida Luis», entre eles «Ines de G.es»; e N. F. P. ⁸: «Cristovão de Castro dos G.es», que «foi Conigo na Colegiada de G.es sem ordens sacras» e que «teve de Margarida Luiz m.er nobre», entre outros, «Ignez de Castro dos G.es»)? ¿E será «Lourenço de Guimarães, comendador da comenda de Guarfe, da Ordem de Christo, e [que] dizem que hera fidalgo antigo, sobrinho ⁹ de Dom Fernando da Guerra, Arcebispo de Bragua», — e a quem pertenceu o túmulo, antes de ser do cônego, — o avô de Inês de Guimarães (P. L.: «Lourenço de Guimarães» ¹⁰, que «foi Prebendeiro do Cabido de Braga: Casou em Guimarães com Catherina Eanes, sobrinha de P.º Affonso Chantre na Collegiada da d.ª Villa de quem teve», entre outros, «Christovão de Guimarães; e N. F. P.: «Lourenço de Castro Guimaraens», que «foi Comendador de S. Cosme, e Damião de Garfe na ordem de X.º escrivão da Camera de ElRey e seu Dz.or do Paço. Cazou na villa de Guimaraens com Catarina Annes parenta do Conigo Luiz Annes, e sobr.ª de Pedro Antonio ¹¹ Chantre de G.es», havendo, entre outros, «Cristovão de Castro dos G.es»)?

Consultar, com interesse, *Genealogia dos Guimarães*, trabalho já citado do Genealogista Dr. Rui Moreira de Sá e Guerra.

¹ «INVENTARIO Geral DA INSIGNE & REAL COLLEGIADA IGR.ª DE Nossa Senhora da Oliueira da mui nobre & sempre Leal Villa de G.es Mandado fazer pello Ill.º Sr. D. Diogo Lobo da Silur.ª D. Prior; M.º Na Sagrada Theologia, pella Vnd.º d Coimbra e Sum.º da Cortina d S. Magd.º q Ds. gd.º como tambem o foij do Sr. Reij D. João o 4.º q S.ª Gloria hajja. Contem as dattas das Conezias e Vigairarias pertencentes aos Ill.ºs Srs. D. Priores: e as pertencentes ao Rd.º Cabb.º, e meeiras, e a quem pertencem as Cappellas da ditta Igr.ª e claustro; Sepulturas da Igr.ª e claustro: Reliquias, Ouro, Prata, Latam, cobre, Estanho, ferro, Ornam.ºs, Tafetás, Alcatifas, Roupas Branca, e couros, q serue d goarda dos Altares, e castissacs d Páo; e contem mais hum Inventario das Igr.ªs do Arcpd.º de Braga Anno Dni i665. Agosto. 8.» (Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães, — códice n.º 83 (cota: 1-2-13)). Ver *Collegiada de Guimarães*, in «Revista de Guimarães», vol. XXV (ano de 1908), págs. 39 a 52.

² Fl. 10.

³ Refere-se a um dos túmulos dos Freitas do Amaral, no claustro da Colegiada (ver o n.º 34).

⁴ Fl. 10 v.

⁵ Fl. 12.

⁶ *Pedatura Lusitana*, por Cristóvão Alão de Morais, tomo I (ms. de 1667), vol. II, tít. de *Guimarães*. Ed. impressa.

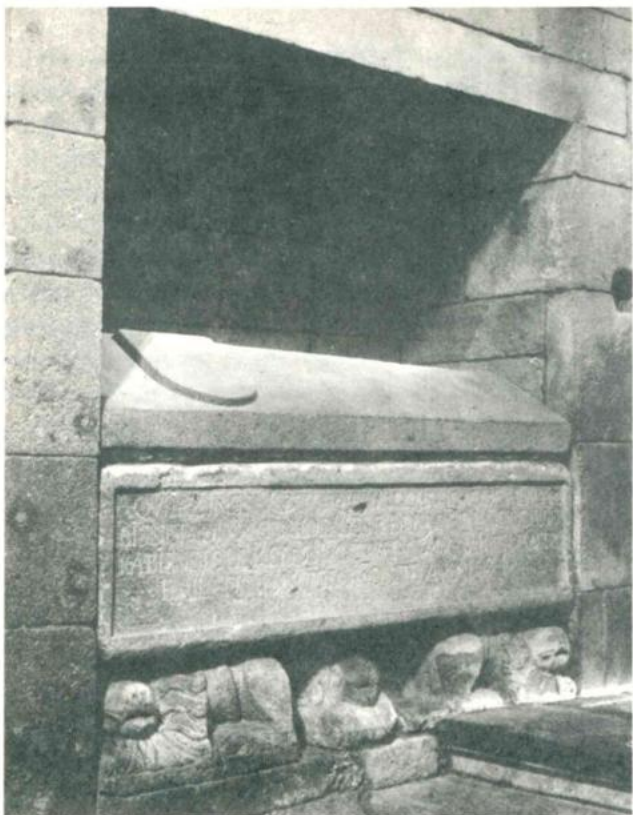
⁷ Tomou ordens menores em 1505, foi cônego da Colegiada sem ordens sacras e faleceu a 20-4-1566 (cf. *Genealogia dos Guimarães*).

⁸ *Nobiliário de Famílias de Portugal*, por Felgueiras Gayo (1750-1831), tít. de *Guimaraens*. Ed. impressa.

⁹ Ou neto?

¹⁰ Tomou ordens menores em 1485 (cf. *Genealogia dos Guimarães*).

¹¹ Aliás Pedro Afonso.



3



4

Localização:

— Igreja de Nossa Senhora da Oliveira ⁽¹¹⁾. Na face oeste da Torre dos Sinos, — lápide brasonada encimando a janela gradeada do primeiro corpo (capela funerária dos Pinheiros) ⁽¹²⁾.

Material: granito.

Época: princípios do século dezasseis (do ano de 1503 em diante).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo boleado de bico, com chefe de linhas côncavas.

Escudo:

Composição: esquartelada.

Leitura:

I	PINHEIRO, de Barcelos	(1)
II	(2)
III	PEREIRA	(3)
IV	LOBO	(4)

- (1) Um pinheiro arrancado e um leão à sinistra rompante contra o tronco da árvore.
 (2) Cinco flores-de-lis postas em cruz. Há quem diga que neste quartel estão as armas dos Aldanas.
 (3) Não se representou vazia a cruz florenciada.
 (4) Os cinco lobos, que deviam estar postos em aspa, apresentam-se postos em cruz.

⁽¹¹⁾ N.ºs 1 a 12.

⁽¹²⁾ Inferiormente à pedra de armas lê-se a seguinte inscrição: ESTAS ARMAS MÃDOV AQVI POR / D. DIOGO PINHEIRO ADMI / NISTRADOR DESTA CAPELLA. (com letras geminadas e inclusas). N.ºs 4 a 12.

Localização:

— Igreja de Nossa Senhora da Oliveira ⁽¹³⁾. Torre dos Sinos, — na face voltada para poente ⁽¹⁴⁾.

Material: granito.

Época: princípios do século dezasseis (do ano de 1503 em diante).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Escudo italiano e chapéu eclesiástico com cordões com sete borlas pendentes a cada lado (1, 3 e 3). O escudo encerrado numa coroa de inspiração vegetal.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

PINHEIRO, de Barcelos (1)

(1) Um pinheiro arrancado e um leão à sinistra rompante contra o tronco da árvore.

Brasão de armas de D. Diogo Pinheiro, D. Prior da Colegiada de Guimarães (1503-1524) ⁽¹⁵⁾.

⁽¹³⁾ N.ºs 1 a 12.

⁽¹⁴⁾ N.ºs 4 a 12.

⁽¹⁵⁾ *História da Real Colegiada de Guimarães*, por Manuel Alves de Oliveira, págs. 89, 90 e 91.

*
* *
*

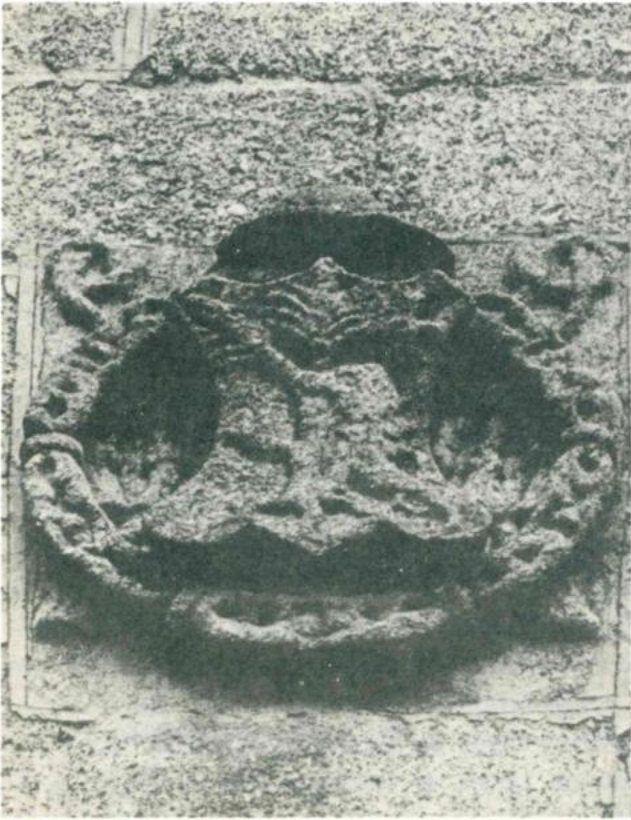
D. Diogo Pinheiro. — Era filho do Doutor Pedro Esteves e de sua mulher, Isabel Pinheiro ⁽¹⁶⁾. (Tem-se afirmado que a ele se deve o ter-se continuado e concluído a construção da Torre, a qual teria sido iniciada, no primeiro piso, por seu pai). Foi capelão e fidalgo da Casa do Duque de Bragança D. Jaime. Passando ao serviço de D. Manuel I, foi do conselho d'El-Rei e seu desembargador do Paço. Formou-se em Leis, — tendo sido encarregado por D. João II de defender o Duque de Bragança D. Fernando II, preso por ordem do Rei e acusado de ter tomado parte na conjura contra o Monarca e de ter entendimentos com o Rei de Castela. Era muito versado nos dois ramos de Direito, Canónico e Civil, e em Teologia. Foi comendatário do Mosteiro de S. Simão da Junqueira (concelho de Vila do Conde), administrador perpétuo do de S. Salvador de Castro de Avelãs (concelho de Bragança), comendatário do de Santa Maria de Carvoeiro (concelho de Viana do Castelo), etc.. Prelado de Tomar, como vigário do Mestre da Ordem de Cristo, com jurisdição eclesiástica, com esta dignidade foi provido D. Prior da Colegiada de Guimarães, tomando posse a 6 de Janeiro de 1503 (como D. Prior ainda assina num prazo feito no ano de 1524 ⁽¹⁷⁾). Em 1514 foi escolhido, reinando D. Manuel I, para primeiro Bispo do Funchal, dignidade com que faleceu em Tomar em 1526, sendo sepultado na Igreja de Santa Maria do Olival num mausoléu brasonado com as suas armas ⁽¹⁸⁾.



⁽¹⁶⁾ Ver os n.ºs 7 e 8.

⁽¹⁷⁾ *História da Real Colegiada de Guimarães*, pág. 91.

⁽¹⁸⁾ Ver *Pedras-de-Armaz de Tomar*, por Miguel de Mello e Castro (Alvellos), págs. 18 a 22.



5



6

Localização:

— Igreja de Nossa Senhora da Oliveira ⁽¹⁹⁾. Torre dos Sinos, — na parede sul ⁽²⁰⁾.

Material: granito.

Época: princípios do século dezasseis (do ano de 1503 em diante).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Escudo italiano e chapéu eclesiástico com cordões com sete borlas pendentes a cada lado (1, 3 e 3).

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

PINHEIRO, de Barcelos (1)

(1) Um pinheiro arrancado e um leão à sinistra rompante contra o tronco da árvore.

Brasão de armas de D. Diogo Pinheiro, D. Prior da Colegiada de Guimarães (1503-1524) ⁽²¹⁾.

(19) N.ºs 1 a 12.

(20) N.ºs 4 a 12.

(21) Ver o n.º 5.

Localização:

- Igreja de Nossa Senhora da Oliveira (22).
- Capela funerária dos Pinheiros, no primeiro corpo da torre da igreja (Torre dos Sinos) (23). No frontal esquerdo da sepultura conjugal (dois túmulos unidos, com estátuas jacentes) do Doutor Pedro Esteves e de Isabel Pinheiro (24).

Material: calcário.

Época: século quinze (fins) ou século dezasseis (princípios).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica assumida.

Escudo.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

ARMAS DO DOUTOR PEDRO ESTEVES (1)

(1) O brasão quase apagado pela acção do salitre. Vêem-se: parte das duas chaves adossadas e unidas, com uma argola comum, e uma das borlas do torçal (25).

(22) N.ºs 1 a 12.

(23) N.ºs 4 a 12 e 33.

(24) Ver o n.º seguinte.

(25) Ver *Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga*, vol. V (*Cidade de Barcelos e freguesias rurais do seu Concelho (Aquém-Cávado)*), n.ºs 17 e 18 da 1.ª parte (*Cidade de Barcelos*).

Pedro Esteves, que nasceu por volta de 1405, foi graduado Doutor nos dois ramos de Direito, Civil e Canónico, por Salamanca, e foi cavaleiro da Casa d'El-Rei e da Casa de Bragança, coudel-mor da comarca de Guimarães, ouvidor das terras da Casa de Bragança, vedor das Obras do Paço e Fortalezas de Entre Douro e Minho, etc.. Faleceu em 1469. Casou com Isabel Pinheiro, filha de Martim Gomes Lobo, ouvidor das terras da Casa de Bragança e alcaide-mor de Barcelos, e de sua mulher, Mor Esteves Pinheiro, — com geração. (26)

(26) Ob. cit., vol. cit., n.º 17 da 1.ª parte.

Do meu bom Amigo Dr. Henrique Gonzaga Pinheiro de Azevedo Lobo Pereira de Meneses (1), que com paixão prudente, desde há anos, vem procurando esclarecer-se sobre o enigma que traz confusa a filiação do Doutor Pedro Esteves, seu antepassado, publicam-se, a seguir, os elementos histórico-genealógicos que, solicitado por mim, se apressou a escrever para subsidiarem a notícia que dou do célebre Doutor por Salamanca.

«A FILIAÇÃO DO DOUTOR PEDRO ESTEVES. — Começaremos pela referente à sua paternidade, que tem sido muito discutida, pois tanto em vários livros histórico-genealógicos, como em muitos manuscritos de linhagens, ela aparece diversificada, tornando-a confusa, duvidosa e incerta, e envolta, ainda, num denso mistério... Assim, há quem diga ele ser filho do Cónego Pedro Esteves, filho do Mestre João de Barcelos (ms. n.º 463, fl. 98, da Biblioteca Pública Municipal do Porto); outros dizem que o seu pai era Diogo Esteves, filho daquele Mestre João (ms. n.º 220, fl. 65, da mesma Biblioteca); outros, que ele era filho de Estêvão Anes e de sua mulher, Grácia Martins (ms. n.º 322, tomo X, da mesma Biblioteca); no ms. n.º 245, fls. 21 e 22, diz Gaspar Álvares de Lousada que ele era filho de Brás Esteves, que foi tesoureiro da Colegiada de Guimarães; e, finalmente, há quem afirme ele ter sido filho de Diogo Esteves Cogominho e de D. Branca de Sá, o que, quanto a nós, é a filiação verdadeira. Realmente, no Arquivo Distrital de Braga há um ms. (n.º 818) onde se faz esta afirmação, que aceitamos, e no ms. n.º 245 acima referido há referências a documentos que a corroboram. Os nobiliaristas mais antigos que a ele se referem fazem acompanhar o seu nome do apelido Cogominho. E nenhum põe em dúvida que ele tivesse qualquer ligação com a família deste apelido; pelo contrário, até são concordes em atribuir-lhe muito próximo parentesco... É certo, porém, que dos inúmeros documentos que temos lido, e em que ele tem tido interferência, a sua assinatura aparece sempre limitada a Pedro Esteves. É, para nós, a abreviatura do seu nome. Foi, certamente, um hábito que criou e sempre manteve. Aquele apelido, porém, não o deslustrava, embora adquirido por bastardia, pois esta ilustre família, com solar, couto e torre de Coelheiros, nas proximidades de Évora, era das mais nobres e poderosas do País. A sua área territorial estendia-se ao redor da sua velha torre, com mais de seis léguas de circunferência! O seu morgadio, fundado a 22-1-1357 por Fernão Gonçalves Cogominho, cavaleiro vassalo e do conselho do Rei D. Afonso IV, com quem tomou parte na batalha do Salado, era dos de mais remota existência. Usavam, ainda, os Cogominhos os títulos de nobreza de ricos-homens. E julgamos até ser de supor que o cónego e mestre-escola de Coimbra, e depois cónego da Colegiada de Guimarães, Diogo Esteves Cogominho, teria sido quem o lançou nos estudos e aproveitou as qualidades deste seu filho para o abalançar às culminâncias a que ascendeu, quer nos altos cargos que desempenhou, quer nas altas posições que assumiu, tanto na Casa Real como na Casa dos Duques de Bragança. Quanto à sua maternidade, ela foi também malsinada, sendo-lhe atribuída origem judaica. Assim, num antigo livro de linhagens do Real Arquivo da Torre, foi encontrada uma nota que tem sido atribuída a Damião de Góis, mas que ainda se não sabe, ao certo, quem tenha sido o seu verdadeiro autor, a qual diz assim: «Haveis de saber que em tempo de el-rei D. Duarte houve em Guimarães um tesoureiro ou sacristão de Santa Maria da Oliveira. Este sacristão conheceu carnalmente uma judia, de que teve um filho e seguindo o foro de sua mãe se criou judeu, e depois de baptizado se chamou Pedro Esteves. Lançaram-no às letras, foi bom letrado, e chamou-se Pedro Esteves Cogominho, ouvidor do 2.º Duque de Bragança, D. Fernando, com o que teve muita valia, e o casou com uma mulher muito honrada que havia nome Maria Pinheira». Este livro, porém, contém inúmeras entrelinhas, rasuras, e está escrito em vários tipos de letra, contendo variadas notas marginais, por onde se descobre ter andado fora da Torre e ter passado pelas mãos de várias pessoas que lhe puseram o que o seu espírito doentio lhes ditou... Demais, esta nota só contém falsidades: dá-se como tendo nascido no reinado de

(1) Ver *Pedras de Armas do Concelho de Lousada*, pelo Autor, n.º 30 (*Casa da Ponte da Veiga*).

D. Duarte, que ocupou o trono desde 1433 a 1438, o aludido Dr. Pedro Esteves, quando, no Solar dos Pinheiros, em Barcelos, está contida uma pedra alusiva à data da sua construção, e por ele mandada fazer, em 1448, quando o Dr. teria, então, entre 10 a 15 anos! E como poderia ele, em 1443, ser coudel-mor de Guimarães (v. «Ninharias», págs. 247, de José de Azevedo Meneses, meu avô paterno, à cujo elevado mérito de heraldista e linhagista aqui expresso a minha homenagem de admiração e apreço) e também ouvidor das terras dos Duques de Bragança, quando ele só teria 10 anos ou ainda menos!? Mas há mais; atente-se neste tremendo absurdo: o Dr. Pedro Esteves feito cavaleiro antes de ter nascido (!?), pois como na nota se diz que ele teria nascido no reinado de D. Duarte (1433-1438) afirma-se no volume II, páginas 128, col. 1, de Eduardo Coelho, ao referir-se-lhe que ele foi cavaleiro da Casa do Infante D. Duarte! Quer dizer, a nota dá-o como tendo nascido no reinado de D. Duarte, quando este antes de ser monarca já o tinha por seu cavaleiro! O Dr. Pedro Esteves deveria ter nascido nos princípios do século xv, entre os anos de 1400 a 1405, e em 1470 já não era vivo. Além disto, e segundo o nobiliário n.º 36, páginas 353, existente na Biblioteca Pública do Porto, referem-se umas trovas satíricas, que a seguir se transcrevem, e que foram dadas a D. João III dois anos antes do seu falecimento, e el-rei tinha-as guardadas numa gaveta, mas, pouco tempo antes de falecer, mandou-as queimar por Manuel S. Paio.

Ei-las:

Ao rei pôs suspeição,
Que sempre em tudo procede,
Por ser pajem de Abraham
E também de Mafamede.

Que, como homem antigo,
Parece que lhe sabia
A sua genealogia,
Que é esta que aqui digo.

Mestre João Sacerdote,
De Barcelos natural,
Houve em uma judia tal
Um filho de boa sorte.

Pedro Esteves se chamou,
Honradamente vivia,
Por amores se casou
Com uma formosa judia.

D'estes, pois nada se esconde,
Nasceu Maria Pinheira,
Mãe da mãe d'um que é Conde,
E sua avó verdadeira.

Vede se está bem provada
Esta suspeição,
Mas não aproveita já nada
Onde há sobeja afeição.

Estes versos, tal como aquela nota, contêm afirmações inteiramente falsas, pois nem Pedro Esteves era filho do Mestre João sacerdote, nem sua mãe era judia, nem a sua esposa também o era. Para maior desenvolvimento deste nosso trabalho referente à filiação do Dr. Pedro Esteves, vamos referir documentos que bem comprovam o que dizemos. E assim, é que do testamento lavrado nas notas do tabelião de Guimarães, Nicolau de Freitas, a 4-12-1455, consta o seguinte: «Eu, Catarina Martins, mulher que fui de Afonso Anes de Freitas, cidadão do Porto, mando a cada um dos pobres que estão no hospital do Corpo de Deus, na Rua das Cangostas, o qual edificou o Dr. meu pai, cem réis da dita moeda, e faço executor do meu testamento Brás Esteves, meu sobrinho, tesoureiro que ora é da dita igreja de Guimarães, e faço outrossim meu herdeiro universal em todos os meus bens, que sobejarem cumprido o meu testamento. Se por virtude deste testamento como por vigor de um contrato firmado por sentença a favor das partes, entre mim e Grácia Esteves,

minha irmã, mãe do dito meu sobrinho... etc.». Em 15 de Janeiro de 1459 faleceu, no Convento de Santa Clara, de Gaia, aquela Grácia Esteves, então Priora, que ali se recolhera após ter ficado viúva. Dias após o seu óbito, e por escritura feita em Guimarães, por Tristão Rodrigues, tabelião público de el-rei, aos 17-1-1459, foi feita uma habilitação pela qual João do Couto, procurador do número dos das audiências de Guimarães, como mandatário do Dr. Pedro Esteves, declara, em nome d'este, o seguinte: «Que ao Dr. Pedro Esteves, cavaleiro da Casa do Sr. Duque de Bragança, pertencia o morgado e sucessão do Hospital e Albergaria de S. Salvador do Corpo de Deus, à Rua das Cangostas, do Porto, como bisneto que era de Martim Domingues, de Barcelos, que o dito hospital e sucessão fez e fundou, e que o dito Dr. até ora trouxera e possuía, em nome do dito Dr. e de sua mãe, o dito hospital, morgado e sucessão de Grácia Esteves, sua avó, priora que foi, depois de viúva, de Santa Clara, de Gaia». Como o Cónego Brás Esteves havia sido tesoureiro da Colegiada de Guimarães, e como este era filho de Grácia Esteves, avó do referido Dr. Pedro, não faltou quem atribuisse àquele a paternidade d'este e dizendo-a ainda proveniente de ligação amorosa com uma mulher de raça judaica... E com este aspecto de aparente verdade, aquela malfadada nota impressionou de tal modo que houve quem a aceitasse como verdadeira... Destes documentos, porém, com o valor que merece a sua autenticidade, resulta, de forma bem clara e inequívoca, que a mãe do Dr. Pedro Esteves não era a *inculcada judia*, pois por eles se verifica ele ser bisneto do Dr. Martim Domingues, de Barcelos, esse honrado e piedoso varão que, por amor à causa dos pobres, fundou o aludido albergue com obrigação de algumas missas anuais pelos seus antepassados, dotando-o com as casas que no Porto herdara de seu irmão, o cónego da respectiva Sé, Estêvão Domingues; e provam também ele ser neto da filha do Dr. Martim, de nome Grácia Esteves, essa bondosa monja Clarista cuja perfeição de vida religiosa lhe foi premiada com a atribuição da alta dignidade de Priora. Ora por morte d'esta, este seu neto, Dr. Pedro Esteves, habilitou-se com direito à administração d'aquela hospital e albergue, e para tal invocou a *posse que nele tinha por si e que lhe veio de sua mãe*, donde só pode concluir-se que a mãe do Dr. Pedro Esteves era filha de Grácia Esteves, que aceitamos ter sido D. Branca, não podendo, consequentemente, ele ser filho do Brás Esteves, pois então a *posse vir-lhe-ia do pai*. Acresce ainda dizer que no Arquivo Distrital do Porto, Códice n.º 171 do Governo Civil do Porto, páginas 294, também consta do traslado d'um prazo fateusim aquela mesma ascendência, por linha materna, do referido Dr. Pedro Esteves, e documento este que é do século XVII. E veja-se como a sua mãe, herdeira d'esse hospital e albergaria, para pobres, com casas alugadas e foros, cujos rendimentos se destinavam à sua manutenção, e com encargos de missas, tendo a designação marcadamente cristã de S. Salvador do Corpo de Deus, podia ser de origem judaica, como referem os versos satíricos e a nota infamante a que já aludimos!? A esposa do Dr. Pedro Esteves, D. Isabel Pinheiro, era filha de Martim Gomes Lobo e de Mor Esteves, ele dos Lobos d'Alvito (no Alentejo) e ela dos Pinheiros, de Barcelos, ilustres famílias, e cujos nobiliaristas aceitam, sem discrepância, como isentar de judaísmo ambas estas respectivas progénias. Mas então perguntar-se-á: Quem teria feito aquela «nota»? E os versos? E com que intuito ou finalidade? Não temos elementos seguros para podermos responder com firmeza e determinação a este pequeno questionário. Confessamo-lo, honestamente, com a probidade que sempre preside aos nossos trabalhos de divulgação. Temos, porém, presunções, que vamos expor e que servirão de base para um juízo de valor que sobre elas se possa formular. Aquela «nota», como acima já foi dito, tem sido atribuída a Damião de Góis, mas nós, porém, e salvo o devido respeito pelos que lhe atribuem a autoria, não aceitamos essa suspeição. No tempo em que este grande cronista foi guarda-mor do Real Arquivo, os manuscritos lá existentes nem sempre estavam a bom recato, acontecendo, muitas vezes, eles serem emprestados a várias pessoas que neles escreviam notas marginais a seu belo prazer, sem as autenticarem, pois não as subscreviam com o seu nome... E d'aqui já nasce uma desconfiança... Demais, que interesse podia ter Damião de Góis em assacar origem judaica ao Dr. Pedro Esteves, que ele nem conheceu e a cuja família não há notícias de animosidades, ou ódios, para tão grave afronta? Aquele escritor, que foi acusado de herege, perseguido como suspeito de Luterano, que esteve preso nos cárceres da Inquisição, custa a crer que viesse denunciar (aliás com base falsa, mas mesmo verdadeira que fosse!) um crime de heresia, que ele, como herético, lhe repugnaria revelar por ferir os da sua seita... Mas recuemos ao tempo de D. João III, a quem, como já dissemos, haviam sido entregues aqueles versos satíricos que ele, depois, mandou queimar... Naquele tempo, o guarda-mor Luís da Silveira era dos mais afeiçoados, senão o de maior afeição ao monarca; mas o jovem fidalgo D. António de Ataíde começou, também, por conquistar especial amizade junto do rei, tal o seu poder de simpatia e delicada afabilidade de trato. Narremos, pois, embora resumidamente, o que nos diz um documento publicado em Madrid, na Imprensa Real, MDXCVIII, em que D. António de Ataíde, 1.º Conde da Castanheira, «deu razão de si a seus filhos e descendentes». Diz ele que começou a servir El-Rei D. Manuel desde muito novo, e que tanto este rei, como depois D. João III, foram para ele verdadeiros protectores, e que se tal não tivesse acontecido ele passaria esquecido neste mundo; andava na Corte abundantemente, e até aos 18 anos foram-lhe prodigalizadas muita afeição e favores. Acontecia, porém, que D. Luís da Silveira, Conde da Sortelha, sendo já de mais idade, e mais favorecido na Corte, teve alguns descontentamentos do rei D. Manuel, bem como D. António de Ataíde, de que resultou serem ambos presos e postos fora da Corte! Mas não por longo tempo... Como é sabido, D. Manuel I, rei de Portugal, casou pela 3.ª vez com a infanta de Espanha D. Leonor. Este casamento foi tratado em grande sigilo (?), pois, segundo escritores do tempo, estava combinado o casamento d'ela com o príncipe D. João, de Portugal, que, de facto, contava desposá-la. A noiva, que estava destinada para casar com o filho, acabou... por casar com o pai! Este casamento desagradou a D. João, como é natural... e não só a ele, mas também a muitos cortesãos e a grande parte do

povo... Na corte, as opiniões dividiam-se, pois as intrigas e descontentamentos fervilhavam, e criavam-se desconfiança e descrédito entre muitos dos palacianos, originando sérias desavenças, nomeadamente entre o Conde da Sortelha e D. António de Ataíde, 1.º Conde da Castanheira. E d'aqui resultou o rei D. Manuel mandá-los retirar da Corte e ordenar a prisão de ambos... Por esta ocasião, foi ferido criminalmente um homem em Évora, de cujo ferimento veio a falecer, o qual era procurador de uns vassalos de Nuno da Silveira, pai do Conde da Sortelha, e que contra ele traziam uma demanda judicial. Foram logo dados como culpados dois criados do Conde da Castanheira, embora houvesse indícios, porque assim pareceu a letrados, que fora aquilo feito por mandado d'este Conde ou do da Sortelha... As inimizades criam, sempre, reciprocidade de culpas... Estava, nesta altura, concertado com o Conde da Sortelha que uma sua filha, então menina, haveria de casar com D. António de Ataíde, mas cujo casamento se realizaria logo que ela tivesse idade apropriada, e El-Rei fez, ao indigitado noivo, mercê de um alvará em que lhe garantia virem à sua posse as terras de Castanheira, Povos e Chileiros, que então eram de D. Fernando, seu sobrinho, mas sem filhos, com a condição, porém, de se efectuar este casamento. Este projectado consórcio não chegou, porém, a realizar-se por recusa do noivo... o que muito desgostou e exacerbou o Conde da Sortelha, e El-Rei interveio, novamente, mas agora com outra e nova mercê, que consistiu em conseguir que Luís Álvares de Tarouca casasse com a filha do Conde da Sortelha, para, sem agravar este Conde..., mandar casar D. António de Ataíde com D. Ana de Távora, porque «não se fazendo este negócio por mão de El-Rei, e da maneira como se fez, não poderia deixar de haver grandes paixões, entre mim (D. António) e o Conde da Sortelha». D. António de Ataíde foi nomeado camareiro-mor da Rainha D. Leonor, cargo que anteriormente tinha sido dado a sua mãe, D. Violante de Távora, e depois fez-lhe El-Rei, em 1529, mercê do ofício de vedor da Fazenda. Foi-lhe dado o título de Conde da Castanheira quando era muito novo, o que tudo serviu para criar ressentimentos e invejas nos meios cortesãos, que viam nas benesses e favoritismos do Rei a este seu tão novo palaciano uma amizade e protecção tal que chocava grandemente com o trato cerimonioso, de menos intimidade, e isento de prodigalidade e favores para com os mais idosos fidalgos da sua corte...; D. António criou, assim, despeito, não por culpa sua, mas pela excessiva protecção Real de que gozava. E como o despeito gera o ódio, e este a vingança, é plenamente de aceitar que sentimentos baixos e doentios se tivessem criado no fervilhar do rancor, de modo a fulminar com anátema judaico a nobre estirpe de D. António de Ataíde! E é de lembrar que, nesse tempo, vivia-se em pleno domínio da Inquisição! Demais, repare-se na quadra satírica:

D'estes, pois nada se esconde,
Nasceu Maria Pinheira,
Mãe da mãe d'um que é Conde,
E sua avó verdadeira.

Ora este Conde é o Conde da Castanheira. A quadra atinge-o plenamente! É que D. António de Ataíde, 1.º Conde da Castanheira, era filho da 2.ª esposa de D. Álvaro de Ataíde, D. Violante de Távora, que era filha de D. Pedro de Seabra e de sua mulher, Maria Pinheiro.

Repare-se, ainda, no final da última quadra satírica:

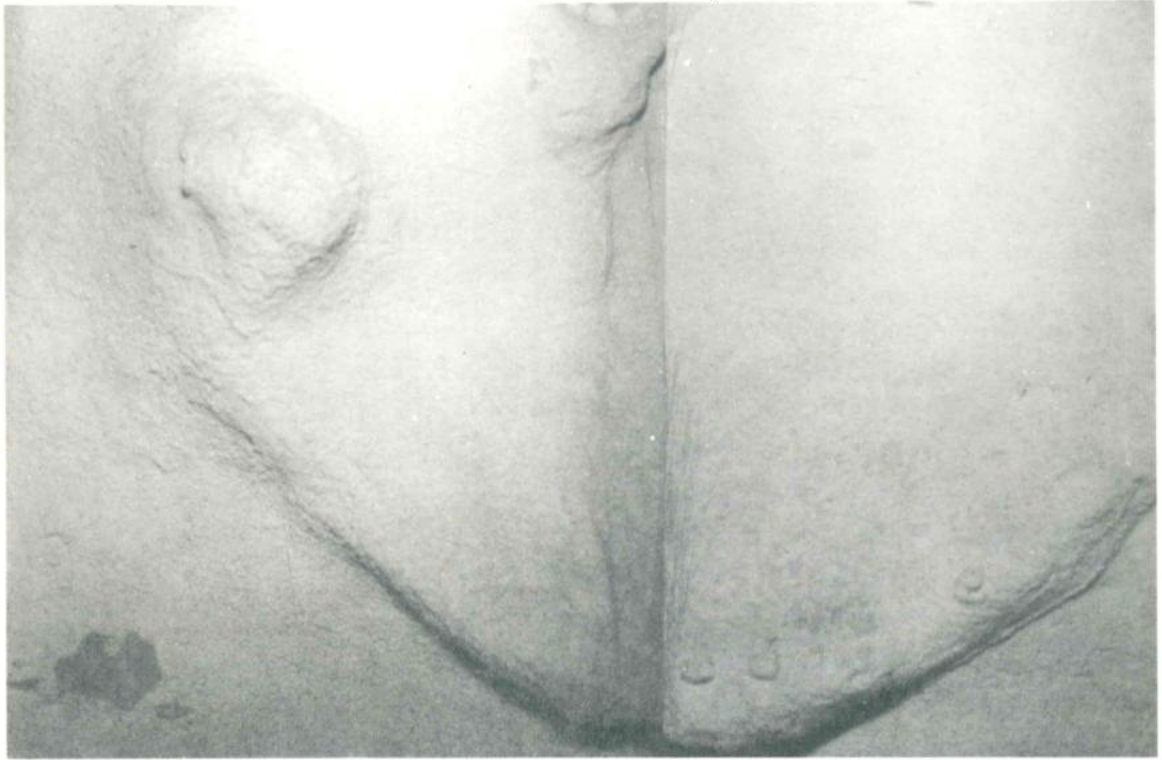
Vede se está bem provada
Esta sua suspeição,
Mas não aproveita já nada
Onde há sobeja afeição.

Esta «sobeja afeição» não será um grito de incontida revolta e desespero contra a grande, ostensiva e excessiva protecção que o Rei dava ao jovem Conde da Castanheira? E ao seu grande valor pessoal? Ora, como já acima dissemos, os factos relatados permitem-nos fazer conjecturas, que nos parecem aceitáveis, dada a incidência de acontecimentos com animosidades pessoais, ódios, despeitos e até exaltados rancores, que bem poderiam, realmente, nos seus excessos de exacerbação, inspirar a torpe vingança de macular a pureza de raça de D. António de Ataíde, atribuindo-lhe origem judaica! E assim, não custa aceitar a presunção de que a «nota e a sátira em verso» estejam em íntima ligação com os eventos apontados, e expressem a cruel represália dos que se sentiram apoucados, despeitados, e até vencidos, pela rapidez ascensional de D. António de Ataíde dos cargos que exerceu e ao título de nobreza que adquiriu, como consagração aos seus elevados méritos e à alta dignificação que lhe foi reconhecida no desempenho dos cargos que exerceu. Eis, em síntese, as bases da nossa presunção, quanto à «autoria da nota e versos satíricos», que — quem sabe? — tanto podem estar longe da realidade, como até bem próximas d'ela..., se é que não se confundem com a própria verdade...!

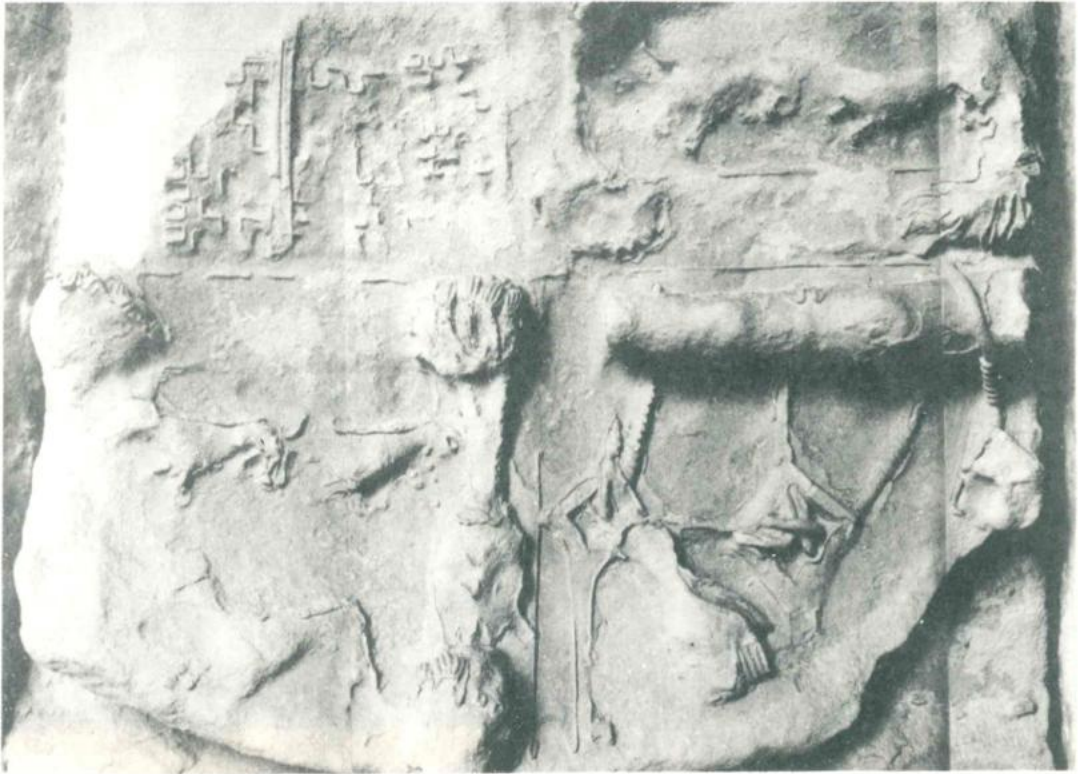
O Doutor Pedro Esteves, ouvidor das terras do Duque de Bragança (o cargo de ouvidor era inerente à função de magistrado judicial), coudel-mor de Guimarães, almoxarife das obras de Entre Douro e Minho, cavaleiro da Casa Real e da Casa dos Duques de Bragança, etc., repousa em grande túmulo na torre sineira da Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, ao lado da jazida tumular de sua Esposa, D. Isabel Pinheiro, cujos túmulos são encimados pelas suas estátuas jacentes, tendo à cabeceira um alçado em pedra de ançã, ricamente trabalhado, outrora colorido, em cuja parte exterior sobressai um altar, onde, antigamente, eram rezadas missas e outras devoções religiosas, com assistência pública do largo fronteiro, através dos grandes janelões de moldura granítica bem cinzelada, mas revestidos, no século XVI, com grades de ferro, que ali foram mandadas colocar por ordem, segundo consta, do Arcebispo de Braga D. Diogo de Sousa, para pôr cobro ao escândalo provocado pelas reuniões amorosas dos criados dos Cónegos com as raparigas que iam buscar água ao tanque contíguo à torre, e em cuja capela tumular tinham os seus encontros... As grades têm figuras bem alusivas, com cabeças de serpentes, embora fantasiadas, a significarem que o pecado (a serpente é o símbolo bíblico do pecado) foi banido daquele recinto sagrado, e nele reposta a austeridade de lugar de recolhimento espiritual e de meditação e oração. Na jacente do Doutor Pedro Esteves, a cabeça deste aparece apoiada sobre três livros, que simbolizam os códigos das leis do tempo, que ele, como Doutor «in utroque jure» pela Universidade de Salamanca, tinha que utilizar na judicatura que exercia como ouvidor nas terras do Ducado de Bragança. Na jacente de D. Isabel Pinheiro, a sua cabeça, ornada em rico toucado, parece desprender do seu rosto, de expressão serena, o ar dignificante e austero da nobre raça dos Pinheiros. Ao lado do túmulo do Doutor Pedro Esteves e abrigadas em dois arcosólios estão duas osteotecas que guardam, segundo consta, os restos mortais do pai de Pedro Esteves e do pai de Isabel Pinheiro, Martim Gomes Lobo. Cabe aqui dizer que os Pinheiros eram oriundos da Galiza, onde possuíam o Castelo de Narahio, de que só restam ruínas, e de que era senhor D. Gonçalo Pinheiro, cujo castelo foi dado por D. Henrique II de Castela a Fernão Pérez de Andrade, e retirado àquele por lhe ter negado gentes e dinheiro quando o bastardo D. Henrique, ainda não rei, o foi pedir à Galiza, onde embarcou para Inglaterra e França. O rei não esqueceu que Fernão Pérez de Andrade, nessa ocasião, lhe dera dinheiro e gentes de acompanhamento e lhe entregou, pois, Narahio, que desde o último terço do século XIV anda, assim, nos Andrades da Galiza. Seguidamente senhoriou Narahio o célebre D. Diogo de Andrade. Hoje está a casa de Andrade no Duque de Alba. Nesse século veio para Portugal o homem honrado da Galiza Tristão Gomes Pinheiro, que acompanhou e serviu a D. Afonso, 1.º Duque de Bragança, e que se dizia parente muito próximo de Teresa Lourenço Pinheiro, avó do Duque e mãe de D. João I, a qual era dos Pinheiros Andrades da Galiza, família muito nobre naquele reino (ms. n.º 322, tomo X, fl. 238, da Biblioteca Pública Municipal do Porto). Em Barcelos fez Tristão Gomes uma torre com casas (a actual torre norte do Solar dos Pinheiros) e casou com Branca Esteves de Outiz, filha de Estêvão de Outiz, senhor da torre e quinta deste nome. Tiveram filhos: Mor Esteves Pinheiro e Estêvão Pinheiro. Mor foi a mãe de Isabel Pinheiro, já referida. Existe, ainda, na torre onde se encontra aquela já referida capela tumular um escudo esquartelado com os sinais heráldicos dos Pinheiros (de Barcelos), Pereiras, Lobos, e ainda umas flores-de-lis de interpretação difícil e até duvidosa para muitos heraldistas. Para nós, porém, aquele escudo é um arranjo heráldico, com os significados seguintes: o quartel com Lobos é referente à ascendência de Isabel Pinheiro, por linha masculina, pois era filha, como já se disse, de Martim Gomes Lobo; a cruz dos Pereiras é alusiva ao parentesco dos Pinheiros com a mãe de D. João I, Teresa Lourenço Pinheiro, avó de D. Afonso, 1.º Duque de Bragança, que casou com a filha de D. Nuno Álvares Pereira, e aqui temos a ligação dos Pereiras; as flores-de-lis eram usadas também pelos Pinheiros, nos seus primitivos escudos, como ricos-homens do solar de Entre o Homem e o Cávado (Zeferrino Brandão no livro *Pero da Covilhan*, pág. 151). Este brasão afigura-se-nos como sendo uma síntese da evolução de nobreza dos Pinheiros. O solar desta família, existente em Barcelos, nas imediações da Igreja Matriz e das ruínas do antigo paço dos Duques de Bragança, tem, numa das suas torres, a do lado sul, uma figura máscula de longas barbas apertadas por forte mão, que lhe ornamenta a cornija. Qual é o seu significado? Quanto a nós, ela tem o simbolismo próprio do acontecimento que vamos relatar, embora abreviadamente, e não o que lhe tem sido atribuído em alusão à figura lendária do *barbadão*. No primeiro quartel do século XVI deu-se um evento histórico em que intervieram pessoas do mais alto prestígio pessoal, político e eclesiástico desse tempo. Narremos, pois, esse facto: nos fins do primeiro quartel do século XVI surgiu uma desavença profunda entre o D. Prior da Colegiada de Guimarães D. Diogo Pinheiro, que veio a ser o primeiro Bispo do Funchal, e o alcaide-mor da vila de Guimarães D. Diogo Lopes de Lima, acerca duma conezia (assim se chamava à vaga dum cónego no respectivo Cabido) na Colegiada de Guimarães. Aconteceu que D. Diogo Pinheiro havia nomeado, com a respectiva aprovação do Cabido, para o preenchimento duma vaga que se tinha dado na corporação dos cónegos, um sacerdote por quem nutria estima e amizade. Porém, numa posterior vaga, foi nomeado pelo Cabido, para a preencher, um filho daquele alcaide, de nome D. Manuel de Lima, nomeação esta que havia sido feita sem conhecimento do referido Prior e que o contrariava nos seus desejos, pois já havia prometido o lugar a outro clérigo. A firmeza do Cabido em manter a resolução tomada exasperou o temperamento de D. Diogo Pinheiro, e o incidente veio criar uma forte animosidade entre ele e o alcaide de Guimarães, pois este patrocinava a pretensão do filho, apoiando-se fortemente na decisão canonical. Sabendo D. Diogo de Lima da hostilidade que se levantava contra si e seu filho resolveu ir a Braga, e de lá escreveu a D. Diogo Pinheiro, que então se encontrava em Bar-

celos, no Solar dos Pinheiros, a solicitar-lhe a sua anuência à aludida nomeação, mas fez acompanhar o respectivo portador dum tabelião desta cidade de Braga, afim deste certificar, por documento oficial, o resultado obtido de toda esta deligência. Porém, se a tensão já era grande, mais se avolumou ainda; e os emissários tiveram de regressar a Braga com a triste nova dum mau acolhimento e formal recusa ao solicitado. O alcaide de Guimarães, ao ter notícia deste infeliz resultado, tratou logo de reunir o grupo dos seus parentes e amigos e fez juntar à sua volta grande número de pessoas a pé e a cavalo, uma organização de forças destinada a abater o ímpeto dominador de D. Diogo Pinheiro e dos que a ele se coligaram. Era então alcaide-mor de Barcelos Henrique Pinheiro, sobrinho de D. Diogo, que muito o auxiliou neste dramático lance da sua vida, o qual se fez forte nesta terra com o numeroso grupo dos seus partidários, também devidamente armados, esperando a arremetida dos inimigos seus e dos do seu tio. D. Diogo de Lima ameaçava entrar em Barcelos, para dar batalha àquelas forças e aprisionar aqueles seus principais chefes ou cercá-los no caso de eles se encastelarem e impedirem a sua entrada. A fúria dos ódios havia rebentado de forma violenta e aterradora! Dum lado e doutro juntava-se muita gente para acudir pressurosa ao desencadear da luta, procurando ambos reunir aguerridos bandos afim de os lançar numa batalha da qual resultasse uma decisão pelas armas. A favor do alcaide de Guimarães encontravam-se, além doutros, muitos cavaleiros e peões por ordem de João de Melo de Sampaio, Dom Abade de Pombeiro, forças estas a que se juntariam as enviadas pelo Visconde de Vila Nova de Cerveira, D. Francisco de Lima, e pelos senhores de Bastó, e doutras mais terras. De Espanha, e também em seu auxílio, viriam muitos homens armados, na companhia de vários senhores parentes dos Limas. A situação agravava-se à medida que engrossavam as forças dos dois partidos. Os corregedores e homens de justiça receavam o poder crescente destas organizações armadas, das quais se esperava um tremendo desfecho bélico! Não chegou, porém, a ressoar o fragor da batalha, pois quando se julgava iminente o movimento das hostes para dar começo à luta surgiu a figura altamente poderosa de D. Diogo de Sousa Vasconcelos, Arcebispo de Braga, parente dos Pinheiros, que aliando à sua grande dignidade eclesiástica a do seu extraordinário prestígio pessoal conseguiu estabelecer uma concórdia e afastar o perigo do conflito. Não conhecemos as bases do acordo nem os termos em que ele foi feito. Mas sabemos, porém, e por disso haver notícia, que D. Manuel de Lima, o nomeado para a *conezia* da Colegiada de Guimarães, renunciou à vida eclesiástica e partiu para as terras distantes da Índia, onde combateu heroicamente e atingiu o elevado posto de capitão de armadas no governo de D. João de Castro, tendo por lá, como bom português, dado o melhor do seu esforço e arriscado por vezes a sua própria vida. Decorridos vinte e cinco anos, ou talvez mais, resolveu regressar, e quando desembarcou em Lisboa procurou logo satisfazer o grande desejo do seu espírito, que consistia em procurar último repouso para o seu corpo, pois sentia-se exausto, cansado das fadigas da vida e extenuado pelos sofrimentos da sua alma... Foi-lhe dada esta última consolação, pois adquiriu sepultura na capela-mor do Convento de S. Francisco de Lisboa, onde repousa desde Março de 1568. Relatado este episódio dramático, que tem por principais figurantes pessoas ilustres da Igreja e da nobreza desse tempo, resta-nos agora integrar, dentro deste quadro, as figuras salientes que se encontram nas paredes exteriores do Solar dos Pinheiros, em Barcelos. A figura do alto da torre meridional, conhecida, como já dissemos, pelo nome lendário de *Barbadão*, não é mais, quanto a nós, que a efigie representativa do poderio varonil dos Pinheiros, ali simbolizado nas grandes barbas, agora mais respeitadas e honradas ainda por este grande triunfo obtido em condições de alta valorização e prestígio. Esta figura encontra-se repetida nesta torre, que é do séc. XVI, estando uma no seu lado sul, que nós interpretamos como voltando-se para os lados de Guimarães, donde surgia a causa da discórdia e onde se encontravam os seus mais fortes e ousados inimigos. A atribuição de *barbadão*, — alusiva à vida amorosa do Mestre de Avis, depois rei D. João I, — àquela figura, é inteiramente inaceitável; basta lembrar que D. Afonso, 1.º Duque de Bragança, nasceu em 1370, ou data muito aproximada, e os factos apontados são dos anos do primeiro quartel do século XVI. Mais de 150 anos depois! E que nenhuma ligação tinha com a família Pinheiro, que sempre respeitou e exaltou e serviu a poderosa Casa de Bragança com grande devoção e alta dignidade. Finalmente direi que no túmulo de D. Diogo Pinheiro, abrigado num arcosólio, na Igreja de Santa Maria do Olival, em Tomar, — no frontal da arca tumular e no embasamento, onde vêm acabar as bases das pilastras que ladeiam o arcosólio, sob o escudo dos Pinheiros de Barcelos, — encontra-se a seguinte inscrição latina: *Erculea condan data fuere manu* (Dadas (estas armas) outrora por mão hercúlea), que, quanto a nós, mais pretende vincar a exaltação do poder dos Pinheiros, e mais reforça a opinião que acabamos de expôr e que se nos afigura a mais consentânea com a realidade. (1)»

(1) Bibliografia: *Nobiliário*, de D. António de Lima; *Obras*, do Cardeal Saraiva, vol. IV; *Brasões da Sala de Sintra*, de A. Braamcamp Freire, vol. III.



7



8

Localização:

- Igreja de Nossa Senhora da Oliveira (27).
- Capela funerária dos Pinheiros, no primeiro corpo da torre da igreja (28). No frontal direito da sepultura conjugal (dois túmulos unidos, com estátuas jacentes) do Doutor Pedro Esteves e de Isabel Pinheiro (29).

Material: calcário.

Época: século quinze (fins) ou século dezasseis (princípios).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo.

Escudo:

Composição: esquartelada.

Leitura:

I e IV ARMAS DO DOUTOR PEDRO ESTEVES	(1)
II e III LOBO e PINHEIRO	(2)

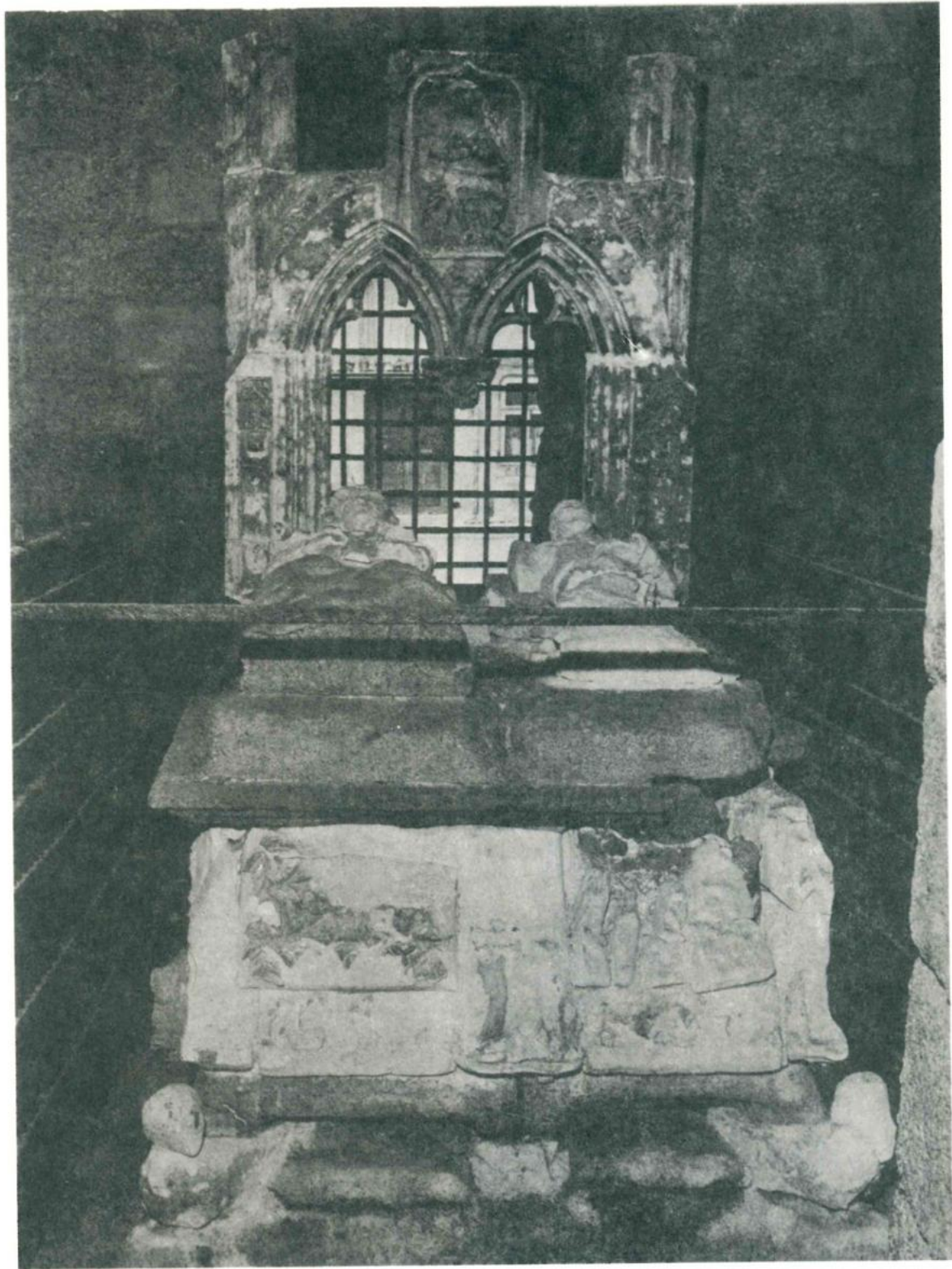
(1) Veja-se o n.º anterior.

(2) As armas destes dois apelidos assim misturadas: *cinco lobos passantes* postos em aspa (Lobo), acompanhados de quatro pinheiros arrancados, acantonados (Pinheiro: *cinco pinheiros arrancados* postos em aspa). O brasão muito maltratado pela acção do salitre.

(27) N.ºs 1 a 12.

(28) N.ºs 4 a 12.

(29) Ver o n.º anterior.



7 e 8

Localização:

- Igreja de Nossa Senhora da Oliveira ⁽³⁰⁾.
 — Capela funerária dos Pinheiros, no primeiro corpo da torre da igreja ⁽³¹⁾. Numa osteo-
 teca abrigada num arcossólio ogival, — no frontal da arca.

Material: granito.

Época: século quinze (meados?).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica assumida?

Escudo peninsular, ladeado de ornatos de inspiração vegetal.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

.....

(1)

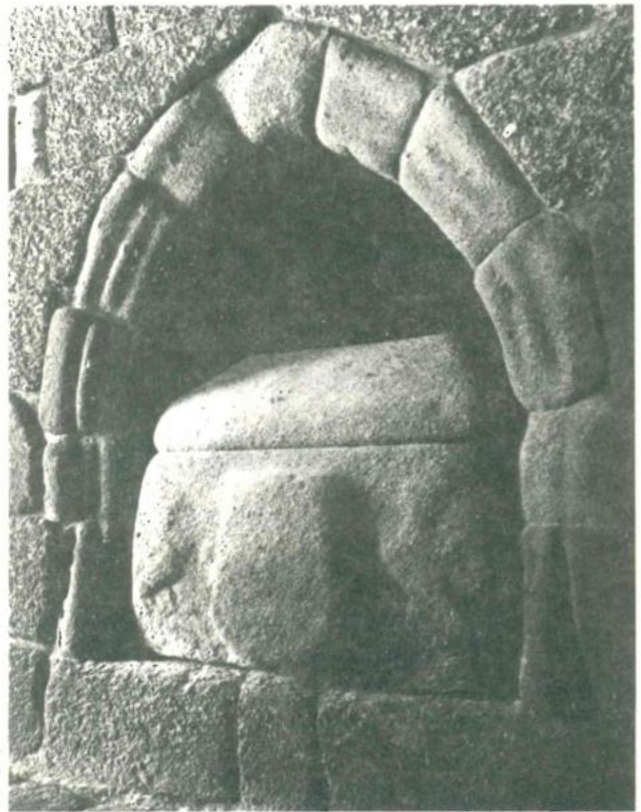
(1) Parece-me ver, quase desfeitas, duas chaves com os palhetões para baixo, adossadas e unidas, com uma argola comum, — o que restou da acção destruidora do salitre.

⁽³⁰⁾ N.os 1 a 12.

⁽³¹⁾ N.os 4 a 12.



9



10

Localização:

- Igreja de Nossa Senhora da Oliveira ⁽³²⁾.
- Capela funerária dos Pinheiros, no primeiro corpo da torre da igreja ⁽³³⁾. Numa osteoteca abrigada num arcossólio ogival, — no frontal da arca ⁽³⁴⁾.

Material: granito.

Época: século quinze (meados?).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo peninsular, ladeado de ornatos (zoomórficos?, ou de sugestão vegetal?) quase apagados.

Escudo:

Composição:

Leitura:

.....

(1)

(1) A acção do salitre desfez as armas.

⁽³²⁾ N.ºs 1 a 12.

⁽³³⁾ N.ºs 4 a 12.

⁽³⁴⁾ Estou quase a crer que as duas osteotecas (n.ºs 9 e 10) foram mandadas fazer pelo Doutor Pedro Esteves para nelas serem recebidos os seus restos mortais e os de sua mulher, trasladados das sepulturas rasas onde ambos viriam a ser inumados, — sepulturas que teriam desaparecido aquando da construção do mausoléu.

Localização:

- Igreja de Nossa Senhora da Oliveira ⁽³⁵⁾.
- Capela funerária dos Pinheiros, no primeiro corpo da torre da igreja ⁽³⁶⁾. O brasão de armas cravado numa das paredes interiores, encimando a janela voltada para poente.

Material: granito.

Época: princípios do século dezasseis (do ano de 1503 em diante).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Escudo italiano e chapéu eclesiástico com cordões com sete borlas pendentes a cada lado (1, 3 e 3).

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

PINHEIRO, de Barcelos (1)

- (1) Um pinheiro arrancado e um leão à sinistra rompante contra o tronco da árvore.

Brasão de armas de D. Diogo Pinheiro, D. Prior da Colegiada de Guimarães (1503-1524) ⁽³⁷⁾.

⁽³⁵⁾ N.ºs 1 a 12.

⁽³⁶⁾ N.ºs 4 a 12.

⁽³⁷⁾ Ver o n.º 5.

Localização:

- Igreja de Nossa Senhora da Oliveira ⁽³⁸⁾.
- Capela funerária dos Pinheiros, no primeiro corpo da torre da igreja ⁽³⁹⁾. Numa campa embutida no pavimento, anepigrafada.

Material: calcário.

Época: século dezasseis (finais?).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo em ogiva, — com a parte superior desfeita pela acção do atrito.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

PINHEIRO, de Barcelos (1)

(1) Com o leão, rompante contra o tronco do pinheiro (não arrancado, mas movente da ponta do escudo), posto à dextra da árvore, quando devia estar posto à sinistra.

⁽³⁸⁾ N.os 1 a 12.

⁽³⁹⁾ N.os 4 a 12.



11



12

13 e 14

Localização:

- Museu Regional de Alberto Sampaio ⁽⁴⁰⁾.
- Claustro da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira.
- Capela de S. Brás ⁽⁴¹⁾. No túmulo que dizem ter pertencido a Álvaro Gonçalves de Freitas, abrigado num arcosólio ogival, — no frontal da arca.

Material: granito.

Época: século quinze (finais do primeiro quartel?).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo clássico.

Escudo:

Composição: esquartelada, — com chefe.

Leitura:

I e IV FREITAS	(1)
II e III	(2)
Chefe:	(3)

(1) Cada estrela com oito pontas. Freitas: *cinco estrelas de seis pontas*.

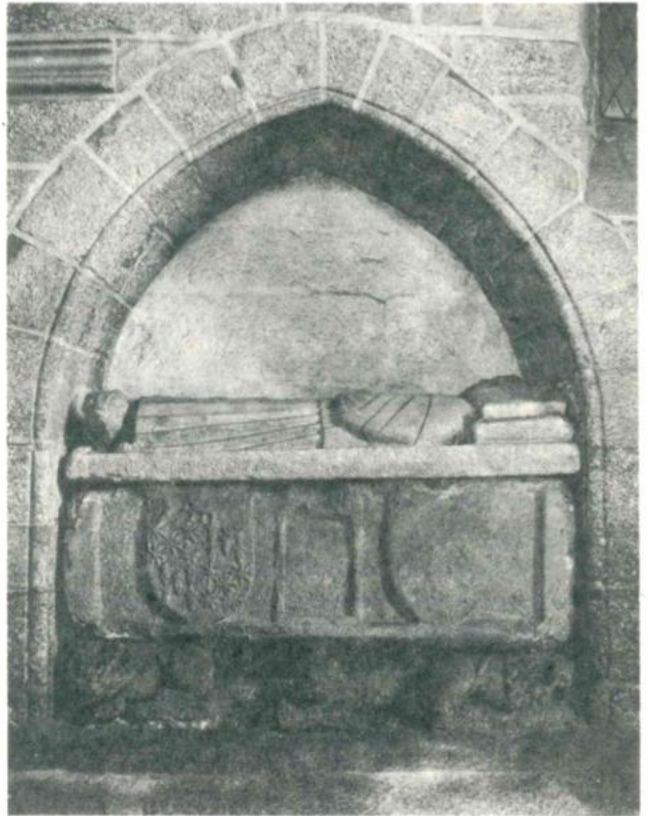
(2) Ignoro que apelido se pretendeu representar. Parece-me que em cada um dos dois quartéis se esculpíram cinco mosquetas (ou cinco flores-de-lis, mal figuradas?).

⁽⁴⁰⁾ N.ºs 13 a 35.

⁽⁴¹⁾ N.ºs 13 a 19.



13 e 14



(3) Chefe carregado de um leão passante (ou de um leopardo?), acompanhado à dextra de uma figura indecifrável, quase desfeita, e à sinistra de uma outra (igual à anterior?) da qual somente se notam leves vestígios.

ATENÇÃO: — Um escudo esquartelado, com chefe, é o que aceitamos ver na arca tumular. Mas..., estaremos nós na presença de um escudo encimado por um timbre (numa época em que o uso do escudo timbrado ainda não estava generalizado), ambos numa superfície plana cujo contorno lhe dá a forma do escudo clássico? E, sendo assim, teremos: — Escudo esquartelado de *Freitas* e..., encimado por um timbre: *um leão passante* (ou *um leopardo?*).

No frontal da arca tumular há outro escudo, cujas armas, que estão apagadas, seriam as mesmas do brasão inventariado e estudado.

*
* *
*

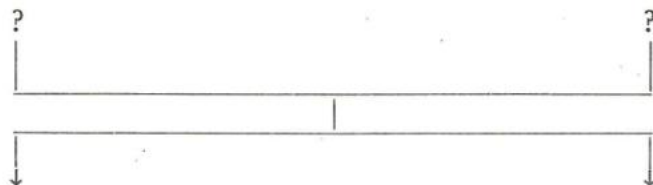
A Capela de S. Brás foi mandada edificar entre os anos de 1419 e 1421, por determinação testamentária de Álvaro Gonçalves de Freitas ⁽⁴²⁾, vassalo de D. João I e vedor da sua Fazenda, que viveu em Guimarães, onde casou, antes de 1393, com Beringeira

(42) Lê-se no seu testamento, escrito por Pero Gonçalves, seu parente, e codicilo feito pelo tabelião de Lisboa Gomes Martins nas casas de Vasco Gonçalves Teixeira, em Lisboa, na freguesia de S. Jorge, a 22 de Outubro de 1419, no qual nomeia por seus testamenteiros Mestre Aires, físico d'El-Rei, Vicente Vasques, filho de seu cunhado Vasco Esteves, casado com Beringeira Gil, sua sobrinha, moradores em Santarém, e Diogo Martins, seu cunhado, almoxarife em Guimarães: «Rogo a Diogo Martins a quem dou encarregô de mandar fazer a capella de Sam Braz que a nom faça baixa e se guarde das janellas escontra o vendauall e que faça hy fazer hum bom altar e pintar toda a parede do altar e poer hy huma Imagem de Sam Braz e outra de Santa Maria e que ponha hi hum calez de prata de hum marco e mejo com humas galhetas com as mnhas vestimentas e que se ponham em huma arca fechada pera cantarem com ellas nos sabados e nas myssas do Serviço de Santa Maria e nas myssas que se disserem por mjnha alma e da dita Beringeira Gil e catem boons pedreiros e boom pintor que saibam bem obrar todo que se nom perca o que se hy despender e que pera as despesas da dita capella tomem a meyatade dos dinheiros dos meus beens e a meyatade dos da parte de Beringeira Gill ca os mandou despender em obra de spritualidade e sey que folgara sua alma quando se assy fezer e os outros dinheiros que sobejarem que se dem por sua alma como dito he. E despois mando que tomem dello quanto os testamenteiros e veedor do testamento e das despezas necessarias que se em ella fezerem e rogo ao prioll da Costa e a Diogo Martins e a Joham Rodrigues de Freitas e a Gill Ribeiro e a Joham Martins e ao abbadê de Sam Juyão e alguns outros meus parentes e criados e amigos se o quizerem fazer que depois que o anno for comprido e entenderem que a carne he comesta que me venham a Santarem por a ossada e ma leuem a enterrar na dita capella e muimento junto com a dita Beringeira Gill minha molher segundo dito he. E que na dita capella se possam lançar algumas pessoas honradas do meu linhagem e do seu mais que nom possam auer os jazigoos por crança.» (cf. *Apontamentos para a historia de Guimarães: Capella e vinculo de S. Braz*). Esta verba testamentária foi trasladada do original a 15 de Julho de 1452 por mandado do juiz de Guimarães, Gonçalo

Gil, a qual já era falecida em 1416⁽⁴³⁾, filha do Cónego Gil Anes e de Maria de Sousa, viúva de Vasco Domingues, — e de cujo casamento não houve descendência. ⁽⁴⁴⁾

Anes, a requerimento de Gil Lourenço de Miranda, juiz da Confraria do Serviço de Santa Maria (chamada Confraria dos Tabeliães), pelo tabelião de Guimarães João Vasques, com consentimento de João Esteves de Ponte, almoxarife em Guimarães, a quem este direito pertencia por ser casado com a filha do dito Diogo Martins, almoxarife que foi em Guimarães (cf. *Apontamentos* citados, onde se lê: «Pergaminho, que foi da dita confraria, junto com os da Curaria.»).

Em 22 de Julho de 1452¹ foi passado um traslado do testamento de Diogo Martins, almoxarife em Guimarães, já falecido, — viúvo de Leonor Gonçalves, irmã de Álvaro Gonçalves de Freitas, — por mandado do juiz de Guimarães Afonso Lourenço, pelo tabelião João Vasques, e que estava em poder de João Esteves de Ponte, almoxarife em Guimarães, genro do dito Diogo Martins, por ter casado com a filha deste, Beringeira Dias, — no qual testamento foi instituído o vínculo de S. Brás: «E porquanto eu soo testamenteiro da alma de Alvaro Gonçalves de Freitas cuja alma Deus aja eu ordeno por saude da alma do dito Alvaro Gonçalves e Beringeira Gill sua molher e da minha e de sua irmã Lyonor Gonçalves de se dizerem algumas myssas na dita Capella de Sam Blaz pera sempre. Item lhe ordeno pera a dita capella corenta solldos que mandou a dita Lyonor Gonçalves aa dita capella por seus beens. Item hum maravidill que Gill Dominguez



ÁLVARO GONÇALVES DE FREITAS

Vassalo de El-Rei D. João I e vedor da sua Fazenda. Viveu em Guimarães e faleceu em Santarém. Fez testamento a 22 de Outubro de 1419, no qual determinou que seu cunhado, Diogo Martins, mandasse construir a Capela de S. Brás. Casou em Guimarães, antes de 1393, com *Beringeira Gil*, que já era falecida em 1416, filha do Cónego Gil Anes e de Maria de Sousa, dona viúva, — sem geração.

LEONOR GONÇALVES

Ora falecida em 1419. Casou com *Diogo Martins*, almoxarife em Guimarães, que vivia em 1419 e era falecido em 1452, o qual mandou construir a Capela de S. Brás, entre os anos de 1419 e 1421, e fez testamento em que instituiu o vínculo de S. Brás, de que foi administrador em sua vida.



BERINGEIRA DIAS

Nomeada por seu pai administradora da Capela de S. Brás. Casou com *João Esteves de Ponte*, almoxarife em Guimarães e escudeiro do Conde de Barcelos, — com geração.

¹ Cf. *Apontamentos* citados.

mandou aa dita capella pollo lugar que traz Fernam Gonçalves çapateiro que esta acerca de santa uera Cruz. Item ordeno mais as casas em que mora Martim Viçente que foram do dito Alvaro Gonçalves que rendem seis maravidis. Item hordeno mais dous maravidis de moeda antiga pollo lugar do Souto que trazia Joham Esteves da Arca. Item lhe ordeno mais por o lugar de Penagache as deussas e souts do dito lugar que foram ja vynhas. ss. que as duas partes delle erom de Fernam Annes conigo e de seus irmaãos e huma terça parte era do dito Alvaro Gonçalves e de Joham Azedo e de Luiz Domingues. ss. as duas partes erom do dito Alvaro Gonçalves e a outra terça parte era do dito Joham Azedo e do dito Luiz Domingues segundo mais compridamente era contheudo em huma inquiriçom que tem Pero Annes tabelliam. Item lhe leixo e ordeno a meyatade do lugar de Merleães que traz Bertollameu Fernandes tabelliam da cidade do Porto que Alvaro Gonçalves de Freitas venceu por sentença d'Elrey e nom foy tomada ainda a posse delle. Item lhe hordeno da minha parte a quintaã de Meixooeães com o lugar do Outeiro que traz Johane Annes creligo de Vall de Boyro emprasado por oito libras. Item lhe ordeno hum maravidill pollo lugar do Outeiro que esta hy junto com o outro. Item lhe ordeno mais polla meyatade da cassa da rua Nova que traz Joham de rocas de mim emprazada por tres maravidis e ordeno que os dous sejam pera a dita capella e hum pera o Serviço de Santa Maria. Item mando que se cante em cada somana aa sexta feirà huma missa polla alma do dito Alvaro Gonçalves e de sua molher e de sua irmaa e minha e que este carregó dou a Beringeira Dias minha filha que faça cantar estas missas e comprir esto que mando fazer aa dita capella e se se poder auer o lugar de Merlles e cobrar a posse que digam huma missa aa sexta feira segundo dito he e outra ao sabado. Item leixou e fosse regedor e ministrador da capella de Alvaro Gonçalves de Freitas Beringeira Dias sua filha que a reja e ministre segundo que a elle ministrava e regia e era theudo de ha reger e ministrar e aa ora da sua morte fique ao mais chegado do linhagem e assy uaa de linhagem em linhagem.» (cf. *Apontamentos* citados, onde se lê: «Perg. da Confraria do Serviço de Santa Maria junto com os da Curaria.»).

Na relação das sepulturas e altares existentes, em 1665, na Igreja e claustro da Colegiada¹ a única notícia relacionada com a Capela de S. Brás é a seguinte: *A Capela que chamam do Serviço, e foi a primeira casa da Misericórdia desta vila, é enterro dos Laborões e do apelido de Freitas, e nela se enterrou, no ano de 1663, Baltasar de Mesquita, clérigo e abade de S. Romão de Paredes, do bispado do Porto, e nela se enterrou também um filho de Dionísio do Amaral de Barbosa, por parentes dos fundadores, e hoje não tem padroeiro, e o Padre Frei Rodrigo de Almeida, religioso do Real Convento da Costa, que é o parente mais chegado dos fundadores, e ele manda dizer na dita Capela certas missas pelo morgado. No ano de 1665 se entregou a dita Capela do Serviço, por mandado do Ilustríssimo Senhor Dom Diogo Lobo, à coraria e tomou posse da dita Capela para satisfazer as obrigações, como consta de um contrato que neste se ajunta, sendo provedor o Dr. António Carneiro de Azevedo, e o priorie que tomou posse era subchantre desta nossa Igreja e o seu nome é Jerónimo Gomes da Guerra, e por dia de Nossa Senhora da Purificação se faz a festa; tinha esta Capela muitos prazos, os quais desapareceram no tempo que na dita Capela havia juizes para fazerem a festa, com que cessaram a maior parte das obrigações que os devotos deixaram para desencargo de suas almas*².

(⁴³) Beringeira Gil tem o seu túmulo na mesma Capela de S. Brás, com estátua jacente, abrigado num arcossólio ogival, — assim o têm afirmado vários autores.

(⁴⁴) Cf. *Apontamentos* citados.

Não consegui apurar, documentalente, quem eram os ascendentes de Álvaro Gonçalves de Freitas, — e, perante tal ignorância, não sei que armas estão representadas, repetidas, em dois

¹ Ver a nota (10) (Túmulo de Inês de Guimarães).

² Fls. 9 e 9 v.

dos quartéis do escudo tumular. Pergunto aqui à puridade: a arca tumular, brasonada, será a que conteve a ossada de Álvaro Gonçalves de Freitas?

Os nobiliários, quando se referem ao fundador da Capela de S. Brás e aos seus ascendentes, perdem-se pelo labirinto dos quase *três séculos de ficção linhagística* (sécs. xiv a xvi). Assim, por ex., no *Nobiliário de Famílias de Portugal* (ed. impressa), por Felgueiras Gayo, em *Freitas* (atenção ao § 1, N 11, e ao § 2, N 7-8 e N 8 e ao § 25, N 9):

§ 1

N11 *Álvaro de Freitas*. Filho de Fernando de Freitas (N10), que foi escudeiro do Rei D. Afonso IV e casou com D. Maria Nunes de Meireles, filha de Nuno de Meireles, e neto paterno de Estêvão de Freitas (N9), que foi vassalo do Rei D. Dinis. «Foi Álvaro de Freitas Fid. m.to honrado do tempo do Rey D. João 1.º e dizem Vedor de sua Fazenda, redificou a Capella de S. Braz no Claustro da Colegiada de Guimaraens morreo em Santarem pellos annos de 1438 e forão seus ossos tresladados p.ª a d.ª Capella com sua m.er Beringeira Gil em tumullos levantados com Armas.» Casou com Beringeira Gil, havendo:

12 *Afonso de Freitas*, no § 3 («Sezim, e Caza Nova»).

§ 2

N7 *Gonçalo Martins de Freitas*. Filho de Martim de Freitas (N6), que viveu na vila de Guimarães no tempo do Rei D. Dinis e casou com D., e neto paterno de João de Freitas (N5), que foi contemporâneo dos Reis D. Sancho II e D. Afonso III e que casou com D. Maior Lourenço, filha de Lourenço do Rego («O Conde D. Pedro lhe não da filho porem consta do Livro antigo como diz Lavanha em a Nota a plana 264 pag. 479»), o qual João de Freitas (§1, N 4-5) era irmão germano de Martim de Freitas (§1, N 5), que «alguns o querem fazer Alcaide Mor de Coimbra por ElRey D. Sancho 2.º, outros querem fosse seu neto, etc., etc.», e que era quinto avô, por varonia, do atrás mencionado Álvaro de Freitas (§1, N 11). Morou em Guimarães no tempo dos Reis D. Afonso IV e D. Pedro I. Casou com havendo:

8 *Diogo Gonçalves de Freitas*, que segue.

8 *Álvaro Gonçalves de Freitas*. Morou na vila de Guimarães, na Rua dos Mercadores. Foi bom cavaleiro no tempo do Rei D. João I e seu vedor da Fazenda, e a quem o dito Rei deixou por seu testamenteiro com outros mais, «e no tempo do d.º Rey mandou fazer na Colegiada de G.es (q.do o d.º Rey mandou a Colegiada (*sic*)) a Capella de S. Braz no Claustro da d.ª a sua custa». Deu-lhe o Rei as rendas das Casas de Requião, no ano de 1389, e ele comprou às freiras de Arouca, no ano de 1400, a Quinta de Agrelas e a Honra de Gominhães e as Caldas de Vizela, e no ano de 1402 fez repartição com Gonçalo Martins de Carvalho, que tinha a Quinta de Vilar na dita Honra, dos casais a que pertenciam ambas. Casou com D. Beringeira Gil («alguns dizem ouverão filhos deste matrimonio no q se enganarão porq dipois da morte de Alvaro Glz o Conde de Barcellos, Duque de Bragança D. Affonco rematou aos seus testamenteiros as ditas duas quintas, e mais fazendas q elle tinha sem se fazer menção de q ficarão filhos, o q se os ouvesse se faria, menos as cazas em q vivia na Rua dos Mercadores, e os Cazaes de Margaride q deixou a sua sobrinha, D. Beringeira Dias de Freitas f.ª de seu Irmão Diogo Glz de Freitas abaixo»).

N8 *Diogo Gonçalves de Freitas*. Viveu em Guimarães no tempo do Rei D. João I. Foi almoxarife na dita vila. Viveu pelos anos de 1421. «A este Diogo chamão outros Alvaro de Freitas (§ 1, N 11), e dizem era f.º de Fernão de Freitas (§ 1, N 10) q foi Escudeiro do Rey D. Aff.º 4.º, e sua m.er Beringella Gil, e neto de Estevão de Freitas (§ 1, N 9) vasalo do Rey D. Deniz, e segundo neto de D. Gomes de Freitas.» Casou com D. Maria Nunes de Meireles, filha de Nuno de Meireles, havendo:

9 *Pedro Dias de Freitas*, que viveu no tempo dos Reis D. Duarte e D. Afonso V, e dele foi filha D. Isabel Gonçalves de Freitas, que casou em Guimarães com António Gonçalves, *c. g. s. n.*

9 *Afonso de Freitas*, no § 3 («Sezim, e Caza Nova»).

9 *D. Beringeira Dias de Freitas*, no § 25.

§ 25

N9 *Beringeira Dias de Freitas*. Foi senhora dos Casais de Margaride e das Casas da Rua dos Mercadores, em Guimarães. Casou em Ponte de Lima com João Esteves Ponte, que serviu a D. Afonso Duque de Bra-

Veja-se:

- *Apontamentos para a historia de Guimarães*, por Oliveira Guimarães, in «*Revista de Guimarães*», vol. XXIV (1907), págs. 154 a 162 (*Capella e vinculo de S. Braz*) e págs. 145 a 154 (*Vinculo da Casa Nova*).
- *Catalogo dos Pergaminhos existentes no Archivo da Insigne e Real Collegiada de Guimarães*, pelo Abbade J. G. de Oliveira Guimarães. Lisboa — 1909.



gança, o qual comprou a Quinta e Honra de Gominhães aos testamenteiros de Álvaro Gonçalves de Freitas, e vinculando-a em morgado fez doação dela, a 24 de Agosto de 1421, ao dito João Esteves Ponte, o que foi confirmado pelo Rei D. Duarte em 1434, e no mesmo ano fez João Esteves Ponte requerimento ao juiz de Guimarães para que lhe mandasse entregar os títulos das fazendas do dito Álvaro Gonçalves de Freitas, sendo já falecida sua mulher. De João Esteves Ponte, que era filho de Estêvão Rodrigues Ponte, e de sua mulher, Beringeira Dias de Freitas, houve geração.

É esta a notícia que Felg. Gayo nos deixou de Álvaro Gonçalves de Freitas, fundador da Capela de S. Brás, no tít. de *Freitas* do seu *Nobiliário de Famílias de Portugal*.

Localização:

- Museu Regional de Alberto Sampaio ⁽⁴⁵⁾.
- Claustro da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira.
- Capela de S. Brás ⁽⁴⁶⁾. A pedra de armas cravada numa das paredes.

Material: granito.

Época: ano de 1928 ⁽⁴⁷⁾.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo boleado de bico. Elmo voltado a três quartos para a esquerda, com virol e timbre.

Escudo:

Composição: esquartelada.

Leitura:

I PAIS	(1)
II AMARAL	(2)
III FREITAS	(3)
IV FERRAZ, uns	(4)

Timbre de AMARAL (5)

⁽⁴⁵⁾ N.ºs 13 a 35.

⁽⁴⁶⁾ N.ºs 13 a 19.

⁽⁴⁷⁾ A pedra de armas foi mandada esculpir e colocar na parede da capela, em 1928, por Alfredo Guimarães, o primeiro director do Museu Regional de Alberto Sampaio (cf. o ficheiro do Museu).

Ver o n.º 34.

- (1) Nove lisonjas, 3, 3, e 3, apontadas e firmadas nos bordos do escudo.
- (2) Seis crescentes invertidos, 2, 2 e 2.
- (3) As estrelas com cinco pontas. Freitas: *cinco estrelas de seis pontas*.
- (4) Ver o n.º 34.
- (5) Assim: um leão passante, segurando uma alabarda na garra dextra. É o timbre dos Amarais: *um leão, que segura com as garras uma alabarda*.





15



16 e 17

16 e 17

Localização:

- Museu Regional de Alberto Sampaio (48).
- Claustro da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira.
- Capela de S. Brás (49). Num túmulo, — na face lateral esquerda (50).

Material: granito.

Época: século quinze.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo.

(48) N.ºs 13 a 35.

(49) N.ºs 13 a 19.

(50) Nesta arca tumular só há uma face lavrada, — o frontal, — o que me leva a supor que ela esteve metida numa parede. Este túmulo, e o do n.º seguinte, ergueram-se do subsolo da capela aquando da restauração do claustro iniciada em Maio de 1928 (in *Guimarães, — Guia de Turismo*, por Alfredo Guimarães, 2.ª ed., na pág. 64: «Em 17 de Março de 1928 é criado em Guimarães o Museu Regional de Alberto Sampaio, e iniciado o restauro do claustro românico da Colegiada vimaranense.», e na pág. 114: «Exterior e interior do claustro, bem como as salas do Museu, foram restauradas e adaptadas, sob a direcção do autor desta monografia, no período que decorreu entre 14 de Maio de 1928 e 27 de Abril de 1935 [...] O Museu, no entanto, abriu ao público em 1 de Agosto de 1931 [...]», e na pág. 111 (da 1.ª ed., — texto que desapareceu na 2.ª ed.): «Às laterais, exteriores, da portada da capela, vêem-se duas arcas tumulares, armoriadas, que se ergueram, na restauração, do sub-solo do mesmo aposento.») (fotografias no arquivo do Museu, tiradas aquando das obras de restauração do claustro).

Escudo:

Composição:

Leitura:

.....

} (1)

(1) As armas desapareceram, gastas pelo atrito.

São dois os escudos existentes na única face trabalhada da arca tumular, os quais conteriam as mesmas armas.



18 e 19

Localização:

- Museu Regional de Alberto Sampaio ⁽⁵¹⁾.
- Claustro da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira.
- Capela de S. Brás ⁽⁵²⁾. Num túmulo, — na face lateral esquerda ⁽⁵³⁾.

Material: granito.

Época: século quinze.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Uma rosácea quadrilobada, com quatro leões passantes rodeando um escudo boleado de bico, um dos leões em chefe, outro em ponta e dois nos flancos, estes postos em pala e afrontados. Um selo deve ter servido de modelo para se esculpir o conjunto.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

.....

(1)

(1) Uma flor-de-lis.

⁽⁵¹⁾ N.ºs 13 a 35.

⁽⁵²⁾ N.ºs 13 a 19.

⁽⁵³⁾ Como a arca tumular só tem uma face trabalhada, depreendo que ela esteve metida numa parede. Nesta face (frontal), que está decorada com três pequenas árvores (oliveiras?), cada uma no seu vaso, e cujos ramos preenchem os espaços livres do frontal (uma empresa?), há dois brasões iguais, um deles em grande parte apagado pelo atrito.

Ver o n.º anterior.



18 e 19



Localização:

- Museu Regional de Alberto Sampaio ⁽⁵⁴⁾.
 — Claustro da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira. No túmulo de Afonso Vieira,
 — na tampa ⁽⁵⁵⁾.

Material: granito.

Época: segunda metade do século quinze.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Uma figura não contida em escudo.

Leitura:

VIEIRA

(1)

- (1) Uma vieira. São as armas dos Vieiras: *seis vieiras, 2, 2 e 2*.

⁽⁵⁴⁾ N.os 13 a 35.

⁽⁵⁵⁾ Abaixo do meio da inscrição, que é em caracteres góticos, «Este : he : de afom vjeira : e de sua : neta M... (*mutilada a tampa, somente restou a letra inicial do nome próprio*)», está esculpida uma vieira, a qual encima a inicial, maiúscula, do nome próprio do tumulado (Afonso). Ver *O túmulo de Afonso Vieira*, por Maria Emília Amaral Teixeira, in «Revista de Guimarães», vol. LXIX (1959).



20.



Localização:

- Museu Regional de Alberto Sampaio ⁽⁵⁶⁾.
 — Claustro da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira.

Lápide de granito, embutida na parede: um escudo, — com o campo liso, onde estiveram pintadas armas de família ⁽⁵⁷⁾, — circundado da legenda em caracteres góticos, lavrada numa bordadura:

esta † obra † e de
 gil † lourenco † ca
 ualeiro † criado
 delrei † don iohã ⁽⁵⁸⁾

⁽⁵⁶⁾ N.ºs 13 a 35.

⁽⁵⁷⁾ Um escudo esquartelado de Machado, Miranda, Gomide e Maia (in *Apontamentos para a historia de Guimarães: Morgado de S. Miguel (ou do Parto supposto por alcunha)*, por Oliveira Guimarães, in «Revista de Guimarães», vol. XXIV (1907), pág. 162: «No cimo e entre os dous tumulos, que estão collocados na parede dos claustros da Collegiada, existe um brazão com as armas dos Machados Mirandas Gomides e Azevedos (?) ¹, lendo-se na orla do escudo, que é muito anterior á pintura das armas: — Esta obra é de Gil : Lourenço : caualciro : creado delrei : Dom Joon»). Há fotografias tiradas aquando das obras effectuadas no claustro, principiadas em 1928, onde se vêem os dois túmulos, abrigados em arcossólios, e o brasão pintado, setecentista (arq. do Museu). Esclareço que as armas não ocupavam todo o campo do escudo: nele via-se um escudo de fantasia, numa cartela barroca, esquartelado dos quatro apelidos mencionados.

⁽⁵⁸⁾ Na relação das sepulturas e altares existentes, em 1665, na Igreja e claustro da Colegiada ²: *Pegado a esta Capela ³, entre a porta que da claustro sai para fora, estão dois moimentos de arco metidos na parede, que dizem ser de Estêvão Machado de Miranda, um deles tem dentro do arco pintada uma imagem de Nossa Senhora do Pé da Cruz e o outro tem outra imagem pintada do Senhor Preso à Coluna, e entre eles, pela parte de cima dos arcos, está um escudo de armas ⁴ e dois anjos tendo mão nele, tudo pintado, com um letreiro à roda de letra gótica, que continuando as letras na volta da pedra se não deixam ler ⁵.*

¹ Aliás Maias.

² Ver a nota ⁽¹⁰⁾ (Túmulo de Inês de Guimarães).

³ Capela de S. Brás (n.º 13).

⁴ Nas *Memorias Resuscitadas da Provincia de Entre Douro, e Minho*, pelo Bacharel Francisco Xavier da Serra Crasbeck, 1726, fl. 87 v., — ms. da Biblioteca Nacional de Lisboa: «e por sima dos arcos, no meio delles, está hum escudo das Armas dos Gomides».

⁵ Fl. 9 v.

Gil Lourenço, a quem alguns acrescentam o apelido Gomide, foi alcaide-mor de Miranda do Douro ⁽⁵⁹⁾, juiz ordinário em Guimarães, onde morava, em 1404, 1405 e 1424 ⁽⁶⁰⁾, vassalo d'El-Rei ⁽⁶¹⁾ em 1405 ⁽⁶²⁾, cevadeiro-mor d'El-Rei (já em 1409) ⁽⁶³⁾, juiz da Confraria do Serviço de Santa Maria (chamada Confraria dos Tabeliães) ⁽⁶⁴⁾.

Gil Lourenço instituiu com sua mulher, Joana Gonçalves, a 4 de Agosto de 1430, o morgado de S. Miguel, em S. Clemente de Sande ⁽⁶⁵⁾, com casas em Guimarães, na Rua das Flores ⁽⁶⁶⁾.

Veja-se:

- *Nobiliário de Famílias de Portugal*, por Felgueiras Gayo, tít. de Costas, § 35 (*Parto Soposto*), tít. de Gomides, § 2 e § 3, tít. de Machados, § 2 (*Parto Soposto*), tít. de Maias, § 4, e tít. de Peixotos, § 3 (*Pouzada em G.es*).
- *Apontamentos para a historia de Guimarães*, por Oliveira Guimarães, in «Revista de Guimarães», vol. XXIV (1907), págs. 162 a 170 (*Morgado de S. Miguel (ou do Parto supposto por alcunha)*).
- *Eugénia da Cunha Peixota ou o Morgado do Parto Suposto*, por Maria Adelaide Pereira de Moraes, in «Armas e Troféus», III série, tomo VI (1977), n.º 1.

⁽⁵⁹⁾ Cf. *Apontamentos* cits. («que occupava em 1417 e 1430»).

⁽⁶⁰⁾ Cf. *Apontamentos* cits.

⁽⁶¹⁾ Cf. *Apontamentos* cits.

⁽⁶²⁾ Cf. *Eugénia da Cunha Peixota ou o Morgado do Parto Suposto*.

⁽⁶³⁾ Cf. *Apontamentos* cits.

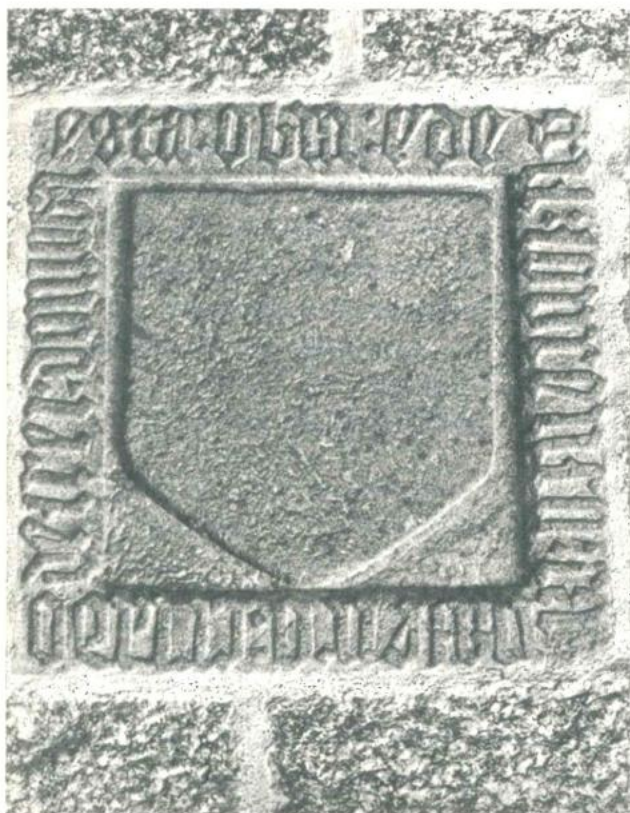
⁽⁶⁴⁾ Cf. *Apontamentos* cits.

⁽⁶⁵⁾ In *Apontamentos* cits. o texto do título de instituição do vínculo de S. Miguel («Arch. da T. do Tombo, Tombo das capellas... de Guimarães, casa da Coroa, Livro 62.»).

⁽⁶⁶⁾ Que era a cabeça do vínculo, a qual, mais tarde, passou para a Quinta de S. Miguel ¹; e tendo os morgados deixado arruinar as casas de Guimarães, a pedra destas foi vendida, no princípio da segunda metade do século dezassete (1651?), e aplicada na construção do hospital da Misericórdia, na Rua da Arrochela. A Rua das Flores e a do Ferreiro, há muito desaparecidas, situavam-se a poente e a nascente do Campo da Misericórdia, o qual, fronteiro à Igreja da Misericórdia, ficou ocupando, em parte, o terreno onde se erguiam as casas de Gil Lourenço ².

¹ Cf. *Apontamentos* cits. Ver in *Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga*, no vol. VIII (*Freguesias rurais do Concelho de Guimarães*), o n.º referente à pedra de armas do portão da Quinta de S. Miguel, em S. Clemente de Sande.

² *Archeologia Christã*, por Albano Bellino, págs. 121, 122 e 163, e *Santa Casa*, por A. L. de Carvalho, 1952, pág. 32.



21



22

Localização:

- Museu Regional de Alberto Sampaio ⁽⁶⁷⁾.
- Claustro da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira. O escudo de armas firmado no arco da galeria do claustro que, no ângulo sudoeste desta, sustém a armação do telhado.

Procedência:

- Igreja da Colegiada? Claustro?

Material: granito.

Época: século dezasseis.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo boleado de bico, com chefe de linhas côncavas, rodeado de folhagem.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

PINHEIRO, de Barcelos (1)

(1) São as armas destes Pinheiros: *um pinheiro arrancado e um leão à sinistra rompante contra o tronco da árvore*. Na pedra de armas o leão tem a cabeça vista de frente (um leopardo rompante). ⁽⁶⁸⁾

(67) N.ºs 13 a 35.

(68) Ver os n.ºs 4 a 12.

Localização:

- Museu Regional de Alberto Sampaio ⁽⁶⁹⁾.
- Claustro da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira.

Procedência:

- Concelho de Fafe.
- Freguesia de Arões (S. Romão).
- Casa da Quintã.

} ? ⁽⁷⁰⁾

Material: granito.

Época: século dezoito (último quartel?).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo, assente numa cartela decorativa. Coronel de nobreza.

Escudo:

Composição: partida, com o II cortado.

Leitura:

I SOUSA, do Prado	(1)
II cortado:	
1.º ABREU	(2)
2.º BACELAR	(3)

⁽⁶⁹⁾ N.ºs 13 a 35.

⁽⁷⁰⁾ Ver o n.º 25.

(1) Esquartelado: no I e no IV cinco escudetes postos em cruz, cada um carregado de cinco besantes; no II e no III um leão.

(2) Cinco asas.

(3) Em vez de um bacelo de duas varas temos dois báculos passados três vezes em aspa. São as armas dos Bacelares: *um bacelo de duas varas unidas em ponta e passadas em aspa, frutadas de quatro cachos, dois em cada vara.*





23



24

Localização:

- Museu Regional de Alberto Sampaio ⁽⁷¹⁾.
- Claustro da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira.

Procedência:

- Casa do Marinhão (Moreira de Rei — Fafe)?

Material: granito.

Época: século dezoito.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo e elmo. Ornatos de tipo fitomórfico.

Escudo:

Composição: esquartelada, com o III cortado.

Leitura:

I GUIMARÃES	(1)
II PEIXOTO, moderno (timbre)	(2)
III cortado:	(3)
1.º FARIA	(4)
2.º CASTRO, de seis	(5)
IV FREITAS	(6)

(1) Assim: um leão passante, coroadado, empunhando uma espada. São as armas dos Guimarães, — conforme se encontram iluminadas no *Livro do Armeiro-mor* e no *Livro*

(71) N.ºs 13 a 35.

da Torre do Tombo: de prata, fretado de dez peças em banda e nove em contrabanda de negro, com pala de vermelho; e um leão de arminhos, armado e lampassado de azul, brocante sobre tudo. Veja-se a *Armaria Portuguesa* e «Verbo — Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura», em *Guimarães-Genealogia*.

(2) É timbre dos Peixotos, moderno: *um corvo marinho com um peixe no bico*. Na pedra de armas esculpiu-se uma águia em voo abatido, coroada, com um peixe no bico. As armas modernas dos Peixotos são (iluminadas): *xadrezado de ouro e azul, de seis peças em faixa e sete em pala*.

(3) Uma torre acompanhada de cinco flores-de-lis, três em chefe e uma em cada flanco.

(4) As seis arruelas, quase apagadas, carregando duas palas soltas, 3 e 3, — má interpretação de *seis arruelas em duas palas, 3 e 3*. Castro, de seis: *seis arruelas, 2, 2 e 2*.

(5) As cinco estrelas, quase gastas, carregando uma aspa solta, — má interpretação de *cinco estrelas postas em aspa*. Freitas: *cinco estrelas de seis pontas*.

Decoram o portão da Casa de Recobelo (Águas Santas — Póvoa de Lanhoso) duas pedras de armas⁽⁷²⁾, uma delas com o escudo esquartelado de *Guimarães* (o leão, somente), *Peixoto* (o timbre: um corvo marinho com um peixe no bico, — o corvo, que lembra uma águia, de asas abatidas, está coroado), *Faria* (uma torre acompanhada de cinco flores-de-lis, três em chefe e uma em cada flanco) cortado de *Castro*, de seis (assim: duas palas, cada uma carregada de três arruelas), e *Freitas* (assim: uma aspa constituída por uma banda sobreposta a uma barra, solta, carregada de cinco estrelas de seis pontas). Como se vê, comparando-os, o escudo deste brasão de armas da Casa de Recobelo assemelha-se ao escudo da pedra de armas em exposição no Museu.

Tenha-se em atenção que a Casa de Recobelo e a Casa do Marinhão andaram unidas cerca de dois séculos e meio⁽⁷³⁾.



(72) Ver *Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga*, vol. IV (*Concelhos de Vieira do Minho e Póvoa de Lanhoso*), n.ºs 37 e 38 da 2.ª parte (*Concelho da Póvoa de Lanhoso*).

(73) Ob. cit., vol. cit., n.ºs 37, 38 e 39 da 2.ª parte.

Localização:

- Museu Regional de Alberto Sampaio ⁽⁷⁴⁾.
- Claustro da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira.

Procedência:

- Concelho de Fafe.
- Freguesia de Arões (S. Romão).
- Casa da Quintã ⁽⁷⁵⁾.

Material: granito.

Época: século dezoito (finais do último quartel?).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo e elmo com virol e timbre, — o conjunto assente numa cartela onde há ornatos concheados e decoração de inspiração vegetal.

Escudo:

Composição: esquartelada.

Leitura:

- | | |
|--------------------|-----|
| I PEIXOTO, moderno | (1) |
| II FREITAS | (2) |
| III MACHADO | (3) |
| IV MIRANDA | (4) |

Timbre de PEIXOTO, moderno	(5)
----------------------------	-----

⁽⁷⁴⁾ N.ºs 13 a 35.

⁽⁷⁵⁾ Ver o n.º 23.

- (1) Xadrezado de seis peças em faixa e sete em pala.
- (2) Cinco estrelas de seis pontas.
- (3) Cinco machados.
- (4) Uma aspa acompanhada de quatro flores-de-lis.
- (5) Um corvo marinho com um peixe no bico ⁽⁷⁶⁾.

*
* * *

A Miguel Machado de Abreu Sousa de Mesquita Freitas Bacelar Peixoto, senhor da Casa da Quintã, onde nasceu a 10 de Agosto de 1755 ⁽⁷⁷⁾, foi-lhe passada carta de brasão com as armas dos Peixotos, Freitas, Machados e Mirandas, a 5 de Outubro de 1784 ⁽⁷⁸⁾.

Veja-se:

— *Nobiliário de Famílias de Portugal*, por Felgueiras Gayo, tít. de *Ribeiros*, § 15 (*Q.ta da Balouta, em Celorico*), § 20 (*Sr.es da Q.ta do Outeiro e Ribeira*) e § 26 (*S.res da Quintão de Aroens*), e tít. de *Ferreiras*, § 36, e tomo II de *Costados*, cost. 186 (*Machados, de Basto. S.res da q.ta de Baloutas*) e cost. 188 v.º (*Machados Mesquitas, S.res da qt.a de Aroens*).

⁽⁷⁶⁾ Sobre as armas dos Peixotos leia-se o meu trabalho *Peixotos, — subsídios para a sua genealogia*.

⁽⁷⁷⁾ «Miguel filho Legítimo de Bernardo Machado de Mesquita e de Dona Guiumar de Abreu Bacellar do lugar da Quintã desta freguezia de Saõ Romaõ de Aroens, naceo aos dez de Agosto do anno de mil sete centos e sincoenta e sinco e eu Antonio de Magalhaens e Abreu Abbade da Igreja de Santa Christina de Aroens de licença do Reverendo Abbade Domingos da Rocha o batizei nella solenemente, e lhe pus os santos oleos, aos treze dias do dito mes e Anno. foraõ testemunhas Nicolao de Arrochel Vieira, e Almeida e Joaõ Leite Lobram da caza da Rochela, foraõ padrinhos, o Padre Antonio Soares da caza da Carvalheda, e Luiza Machada tia do batizado, he o batizado neto pella parte Paterna de Miguel de Mesquita natural da quinta desta freguezia, e de Marianna Cardoza natural da freguezia da Costa extra muros do lugar de Ponços, e pella materna de Ignacio Machado natural da freguezia de Gagos concelho de Basto, e de D. Maria de Abreu, e Souza natural de Saõ clemente de Basto. e p.^a constar fis este termo era ut supra. (*seguem-se as assinaturas do abade de Santa Cristina de Arões, das testemunhas e do pádrinho*)». Livro de Nascimentos n.º 2 de S. Romão de Arões, fl. 142, — no Arquivo Distrital de Braga.

⁽⁷⁸⁾ Veja-se o extracto genealógico-heráldico desta carta de brasão de armas no tomo II do volume I (*Cidade de Braga*), págs. 417 e 418 (in *Casa de Vale de Flores*). No volume *Suplemento aos vols. I a IV (revisão e aditamentos)*, em preparação, publica-se, na íntegra, o texto desta carta de brasão de armas.



25



26

Localização:

- Museu Regional de Alberto Sampaio (79).
- Claustro da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira.

Procedência: desconhecida.

Material: granito. A pedra de armas sofreu mutilações.

Época: último quartel do século dezoito?

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo ovalado. Elmo com paquife (de inspiração vegetal?), mutilado, e com um venerando timbre, também mutilado (80).

Escudo:

Composição: esquartelada.

Leitura:

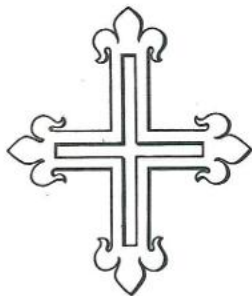
- | | |
|---------------------------------------|-----|
| I PEREIRA | (1) |
| II PINTO, — e uma brica com um farpão | (2) |
| III ABREU | (3) |
| IV COELHO, de Duarte Coelho | (4) |

Timbre de PINTO	(5)
-----------------	-----

(79) N.ºs 13 a 35.

(80) O elmo timbrado teria pertencido a outro escudo?

- (1) Uma cruz florenciada e vazia.
- (2) Cinco crescentes. Será a brica com o farpão a diferença de um brasão de armas (*Pinto*, pleno; ou um escudo composto de *Pinto* e...) passado a algum ascendente de quem mandou lavrar a pedra de armas? Ou a pedra de armas, tendo havido carta de brasão, foi esculpida segundo uma matriz sigilar (o que me parece menos aceitável)?
- (3) Cinco asas, —que estão invertidas.
- (4) São as suas armas: *um leão passante, acompanhado à dextra de uma cruz alta firmada sobre um monte em ponta; chefe carregado de cinco estrelas de seis pontas; bordadura carregada de cinco castelos cobertos*. Incorreções na pedra de armas.
- (5) É o timbre dos Pintos *um leopardo carregado de um crescente na espádua*. Na pedra de armas em vez do leopardo está um leão, com o crescente na espádua (cf. três cartas de brasão de armas do ano de 1774). Ver a *Armaria Portuguesa*, em *Pinto*.



Localização:

- Museu Regional de Alberto Sampaio ⁽⁸¹⁾.
 — Claustro da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira. A pedra de armas firmada no entablamento que encima a tumba parietal de Manuel de Valadares ⁽⁸²⁾.

Material: granito.

Época: ano de 1550 ⁽⁸³⁾.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

⁽⁸¹⁾ N.ºs 13 a 35.

⁽⁸²⁾ Lê-se no friso do entablamento: (SEPVLTVRA) D(E) • MANOEL D(E) VALADAR^{ES} E SEVS SOCESOR^{ES} (*com letras sobrepostas e geminadas*).

Na relação das sepulturas e altares existentes, em 1665, na Igreja e claustro da Colegiada ¹ lê-se que *este altar da Piedade e os dois túmulos que estão alevantados de uma e outra parte do altar são da geração dos Valadares, e os letreiros o dizem e as armas que estão sobre o alto do retábulo, e as mesmas estão sobre a sepultura da parte de baixo feita no ano de 1550. Esta capela tem obrigação de fabricar João de Valadares, que hoje vive, e o dito Ilustríssimo Senhor Dom Prior Dom Diogo Lobo da Silveira lhe mandou fazer o altar e pintá-lo e a banquetta e taburno no ano de 1662 ², e que os dois túmulos antigos que estão no claustro, junto ao altar da Piedade, por outro nome de S. Luís, que mostram ser da igreja antiga, antes da reforma das claustros, jazem neles João Gonçalves, bacharel, e Brites Rodrigues, sua mulher, irmã de Duarte Rodrigues de Valadares, e foram depois de Simão Rebelo, cavaleiro da casa d'El-Rei, que lhos deu por sua parte o Licenciado João de Valadares, por ser seu sobrinho, no ano 1540; junto aos quais moimentos fez depois Manuel de Valadares, primo coirmão do Dr. Simão Rebelo de Valadares (*que hoje vive*), e seu bisavô, um moimento e o dito altar ou capela como atrás fica dito fol. 8 v. ³.*

⁽⁸³⁾ Data gravada no entablamento: • M • D • L • •

¹ Ver a nota ⁽¹⁰⁾ (Túmulo de Inês de Guimarães).

² Fl. 8 v.

³ Fl. 12.



27



Escudo em forma de cartela recortada, com rolos de volutas.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

VALADARES

(1)

(1) Esquartelado: no I e no IV um leão; no II e no III um xadrezado de seis peças em faixa e seis em pala. Na pedra de armas as peças em faixa são somente cinco.

Veja-se:

— *Apontamentos para a historia de Guimarães*, por Oliveira Guimarães, in «*Revista de Guimarães*», vol. XXIV (1907), págs. 170 a 175 (*Vinculo dos Valladares*).



Localização:

- Museu Regional de Alberto Sampaio ⁽⁸⁴⁾.
- Claustro da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira.

Procedência:

- A pedra de armas encimava a porta de entrada da casa do priorado da Colegiada ⁽⁸⁵⁾.

Material: mármore.

Época: ano de 1576 ⁽⁸⁶⁾.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Escudo peninsular, assente sobre uma cruz florenciada. Coronel. Chapéu eclesiástico com cordões com seis borlas pendentes a cada lado (1, 2 e 3).

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

PORTUGAL (1)

Diferença: um lambel de dois pendentes e, no campo do escudo, duas bricas com o partido de ARAGÃO e ARAGÃO-SICÍLIA (2)

⁽⁸⁴⁾ N.ºs 13 a 35.

⁽⁸⁵⁾ Ver *História da Real Colegiada de Guimarães*, por Manuel Alves de Oliveira, pág. 109 e págs. 97, 98 e 99, e, por ex., *Anuário da Região de Braga*, do Corpo Nacional de Escutas, ano de 1973, pág. 119 (frontaria da casa do priorado, vendo-se, encimando a porta de entrada, a pedra de armas).

⁽⁸⁶⁾ Inferiormente ao local onde estava o brasão de armas lê-se a data: 1576.

(1) Cinco escudetes postos em cruz, cada um carregado de cinco besantes, e bordadura carregada de sete castelos. Na pedra de armas os besantes estão postos em cruz.

(2) Aragão: *quatro palas*. Aragão-Sicília: *franchado, tendo no I e no IV quatro palas e no II e no III uma águia*.

Brasão de armas mandado esculpir por D. Fulgêncio de Bragança, D. Prior da Colegiada de Guimarães (1568-1580), que foi abade comendatário de Travanca, prior comendatário de Moreira e chantre da Colegiada de Barcelos, — tendo tido ao mesmo tempo estes quatro benefícios⁽⁸⁷⁾. Era quarto filho de D. Jaime, 4.º Duque de Bragança e 2.º Duque de Guimarães, e de sua 2.ª mulher, D. Joana de Mendoça, filha de Diogo de Mendoça, alcaide-mor de Mourão, e de sua mulher, D. Brites Soares⁽⁸⁸⁾.



(87) Ver *História da Real Colegiada de Guimarães*, pág. 98. No chamado *Padrão de Moreira* (freg. de Moreira, conc. da Maia, dist. do Porto), datado de 1566, está um escudo com as armas de D. Fulgêncio de Bragança, prior de Moreira (o lambel com três pendentés, cada um com uma quadrícula sobreposta, tendo a 1.ª e a 3.ª *Bragança* e a 2.ª o partido de *Aragão* e *Aragão-Sicília*, as três quadrículas sobre o campo).

(88) Ver *Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa*, por D. António Caetano de Sousa, tomo V, págs. 641 e segs., e *Nobreza de Portugal*, vol. II, em *Bragança (Duques de)*, nas págs. 442, 443 e 444 (4.º Duque — D. Jaime).



28



29

Localização:

- Museu Regional de Alberto Sampaio ⁽⁸⁹⁾.
- Claustro da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira. A pedra de armas cravada na parede.

Material: granito.

Época: ano de 1928 ⁽⁹⁰⁾.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo peninsular. Elmo com virol e timbre.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

ANDRADE

(1)

Timbre: uma espada posta em pala, com a ponta para cima e o punho assente no elmo, empunhada por uma mão cortada, posta em faixa ⁽⁹¹⁾.

(1) Uma banda abocada por duas cabeças de serpe. O escudo tem a mais um traço de partição, o que nos leva a ver um partido, com a banda brocante.

⁽⁸⁹⁾ N.ºs 13 a 35.

⁽⁹⁰⁾ Data em que a pedra de armas foi mandada fazer é colocar na parede por Alfredo Guimarães, o primeiro director do Museu (cf. o ficheiro do Museu).

⁽⁹¹⁾ Veja-se o n.º 48.

Localização:

- Museu Regional de Alberto Sampaio ⁽⁹²⁾.
 — Claustro da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira. O brasão de armas lavrado numa placa que está cravada na parede.

Procedência:

- Capela de Nossa Senhora da Conceição, no claustro da Colegiada ⁽⁹³⁾.

Material: granito. Com as armas pintadas, estando as figuras em relevo.

Época: século dezassete.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo francês e elmo com paquife, virol e timbre.

Escudo:

Composição: esquartelada.

Leitura:

I e IV CARDOSO (1)

II e III AMARAL (2)

Timbre de CARDOSO (3)

⁽⁹²⁾ N.ºs 13 a 35.

⁽⁹³⁾ Na relação das sepulturas e altares existentes, em 1665, na Igreja e claustro da Colegiada ¹: *A Capela da Conceição, desta mesma parte* ², *estão nela enterrados Pedro Cardoso de Meneses e sua mulher, de que é hoje possuidor o Beneficiado Manuel da Silva de Meneses, e o Reverendo Cabido dirá quem há-de dar a fábrica para ela* ³.

¹ Ver a nota ⁽¹⁰⁾ (Túmulo de Inês de Guimarães).

² Da parte da Capela do Senhor.

³ Fl. 3.

- (1) Assim: de vermelho, dois cardos de prata, floridos e arrancados do mesmo, um sobre o outro, sustidos por dois leões afrontados de ouro. Veja-se a *Armaria Portuguesa*, em *Cardoso*.
- (2) De ouro, seis minguantes de azul, 2, 2 e 2.
- (3) Uma cabeça de leão com um cardo que lhe sai da boca.

*
* *
*

O vínculo do Paço de Nespereira, com Capela de Nossa Senhora da Conceição no claustro da Colegiada, foi instituído por Pedro Cardoso do Amaral e sua mulher, D. Isabel de Carvalho, — os quais em 11 de Janeiro de 1538 moravam na Rua dos Mercadores, e foram sepultados na dita capela ⁽⁹⁴⁾.

Pedro Cardoso do Amaral, natural de Viseu, era filho de Lopo Afonso de Andrade e de sua mulher, D. Maria Gonçalves do Amaral. Tendo tido desinteligências com a mãe, quando já era viúva, ausentou-se para Guimarães, para casa de seu tio materno Afonso Rodrigues do Amaral, morgado de Sezim, onde vivia, e aqui foi criado. Partiu depois para a Índia, recomendado ao Vice-Rei Conde da Castanheira, que passou a

⁽⁹⁴⁾ Os instituidores do vínculo do Paço de Nespereira fundaram no claustro da Colegiada, pelos anos de 1545 a 1547, «*dês a primeira pedra, sem a ajuda de nenhuma outra pessoa*», uma capela, que comunicava para a Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, à invocação de quando *Nossa Senhora foi concebida* (cf. *Guimarães e Santa Maria, — Historia do culto de Nossa Senhora no concelho de Guimarães*, por J. G. d'Oliveira Guimarães, Abade de Tagilde, 1904, pág. 19 (in *Capella da Collegiada*)). Esta capela desapareceu com a reforma efectuada na Igreja da Colegiada desde 1830 a 1837, sendo o altar chamado à frente e reformado; e dela somente restou, durante muitos anos, uma das paredes laterais, a que defrontava com a porta que da Rua da Senhora da Guia (hoje Rua de Alfredo Guimarães) dá para o claustro, e nessa parede «ostenta-se em alto relevo o braço dos Cardosos Menezes do Paço de Nespereira» (cf. ob. cit., pág. 21), a qual parede foi demolida aquando das obras de restauração do claustro iniciadas em 1928.

Lê-se nas *Memorias Resuscitadas da Antiga Guimarães*, pelo P.^e Torquato Peixoto d'Azevedo, (1692), ed. de 1845, pág. 218: «Para baixo da pia se segue uma capella de Nossa Senhora da Conceição, com porta de arco de pedra para a igreja, e o corpo para o claustro é toda de abobeda, e fechada com grades de ferro, e no alto dellas o escudo de armas dos Cardozos, porque foi instituida por Pedro Cardoso o velho, que a annexou a seu morgado, que chamam de Nespereira, e hoje a possui seu parente Antonio Cardozo de Menezes. Tem altar privilegiado para certas missas, e nobre jazigo para seus possuidores.»; e lê-se nas *Memorias Resuscitadas da Provincia de Entre Douro, e Minho*, (1726), já citadas, fl. 89 v.: «Está fechada [a capela] com hũa grade de ferro, e no remate tem hum escudo das suas Armas ¹, tudo de ferro, e illuminadas; e abaixo della entrando pella porta para o claustro, junto desta está outro escudo das mesmas Armas, mas de pedra.»

¹ De Pedro Cardoso.

protegê-lo; e regressado a Portugal foi feito cavaleiro do hábito de Cristo. Teve carta de brasão de armas a 8 de Agosto de 1538. Casou em Guimarães com D. Isabel de Carvalho, que já estava viúva em 30 de Dezembro de 1570, tendo sido ambos sepultados na Capela de Nossa Senhora da Conceição. O Dr. Brás Cardoso do Amaral, filho dos instituidores do vínculo, provedor em Guimarães, foi o primeiro administrador deste vínculo, tendo sido o segundo o seu filho Pedro Cardoso de Meneses. ⁽⁹⁵⁾

*
* *
*

Carta de brasão de armas passada a Pedro Cardoso ⁽⁹⁶⁾:

Registo:
Chancelaria de D. João III,
Liv. 44, fs. 91 v. e 92.
— Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

«Dom Joam etc. A quantos esta minha carta virem faço saber que Pedro Cardoso caūaleiro da Hordem de Christo contador de mjnha casa me fez pitição como ele decemdia por linha directa sem bestardia por parte de sua may e avos da geração e linhagem dos Cardosos e dos do Amaral que nestes Reinos sam fidalgos de cota darmas e que de direito as suas armas lhe pertencem pedindome por merce que por a memoria de seus amtecesores se nom perder e ele gouvir e vsar da homrra das armas que pelos mereçymentos de seus seruiços ganharam e lhes foram dadas e asy dos prjuilegios omras graças e merçes que por direito per bem delas lhe pertemçem lhe mandase dar mjnha carta das ditas armas que estauão registadas em os Livros dos Registos das Armas dos nobres e ffidalgos de meus Reinos que tem Portugall meu Prjnçipall Rey darmas a quall pityçam vista per mjm mandey sobre ela tirar jnquyrição de testemunhas a qual foy tirada pelo doutor Luis Eannes do meu Conselho e desembargador das mjnhas pityções do Paço e per Bras Fernandes sprivão em mjnha Corte. Pela qual ele sopricante proua decender por parte de sua may e avoos sem bastardia das ditas gerações e linhagens dos Cardosos e Amarões como filho legitimo que he de Lopo Afonso dAmdrade escudeiro de linhagem e de Maria Gonçalvez do Amarall sua legitima molher que foy bisneta legitima de Vasco Pães Cardoso e de Brjatiz Eannes do Amarall sua molher que foy do tronco desta linhagem dos do Amarall e asy o dito Vasco Paez

⁽⁹⁵⁾ *Apontamentos para a historia de Guimarães: Vinculo do Paço de Nespereira.* Ver *O Paço de Nespereira e o «Segredo do Abade» de Arnaldo Gama*, por José João Rigaud de Sousa, in «O Distrito de Braga», vol. II da 2.^a série (VI)-1977.

⁽⁹⁶⁾ Desconheço onde se encontra o original, se ainda existe.

Cardoso tresavoo dele sopricante foy hũu ffdalgo muito homrado alcaide mor de Tramcoso e senhor que foy de Moreyra e do Vilar e foy o tronco e prncipall desta geração dos Cardosos pelo que de direito as suas armas lhe pertemçem. As quães lhe mandey dar em esta mjnha carta com seu brasão elmo e timbre como aquy são deuisadas e asy como ffiell e verdadeiramente se acharam deuisadas e registadas nos Livros dos Registos do dito Portugal meu Rey dArmas as quães armas sam as segujntes a saber o escudo escarcelado no primeiro dos Cardosos que he vermelho com dous cardos verdes com as raizes e floridos de prata hũ sobre e outro entre dous liões douro pegados neles e o contrario do Amarall que he douro com seis lñas dazull em duas palas e por deferemca hũa brjca de prata e nele hũ. P. de preto elmo de prata aberto e guarnido douro paquife douro e de vermelho e azull e por timbre hũa cabeça de lião douro com hũ dos cardos que lhe sae da boca o qual escudo armas e synais posa trazer e traga o dito Pedro Cardoso asy como as trouxeram e delas vsaram seus amteçesores em todos os lugares de homrra em que os ditos seus amteçesores e os nobres e antigos ffdalgos sempre costumaram trazer em tempo dos muy escrareçidos Reis meus amteçesores e com elas posa entrar em batalhas campos duelos retos escaramuças e desafios e exerçitar com elas todolos outros autos licitos de guera e de paz e asy as posa trazer em seus ffirmas aneis synetes e deuisas e as poer em suas casas e edefiçios e leixalas sobre sua propria sepultura e ffinalmente se serujr e homrar gouvir e aproueitar delas em todo e per todo como a sua nobreza convem. Porem mando a todos meus corregedores desembargadores juizes justiças alcaides e em espiçiall aos meus Reis dArmas arautos pessevantes e a quãesquer outros offiçiães e pesoas a que esta mjnha carta for mostrada e o conhecimento dela pertemçer que em todo lha cumprão e gardem e ffacam cumprir e gardar como nela he contheudo sem duujda nem embargo algũ que lhe em clo seja posto porque asy he mjnha merçe. Dada em a mjnha muj noble e sempre leall cidade de Lixboa aos oito dias do mes dAgosto El-Rey o mandou pelo bacharel Antonio Rodriguez Portugall seu Prinsipal Rey dArmas Antonio dOlamda por Pedro dEuora sprivão da nobreza a fez anno do nacymento de Noso Senhor Jhesu Christo de mil quinhentos e trinta e oito annos.» (97)

Veja-se:

— *Nobiliário de Famílias de Portugal*, por Felgueiras Gayo, tít. de *Carvalhos*, § 29 (*Morgado de Nespereira*), e tít. de *Cardosos*, § 11 (*Cardozos de Guimaraens*), § 27 (*Morgado*

(97) Cf. o traslado que, amavelmente, nos foi enviado do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Archivo Heraldico-Genealogico, pelo Visconde de Sanches de Baêna, pág. 542, n.º 2160, e *Armaria Portuguesa*, por Anselmo Braamcamp Freire, em *Amaral* e em *Cardoso*.



30



31

- da Nespereira), e § 81 (*Cardozos de Guimarães*), e tomo II de *Costados*, cost. 199 (*Cardozos de Menezes, de Guimaraens — Morgados de Paço de Nespereira*).
- *Arvores de Costados das Famílias Nobres*, por José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco, tomo II, costado 77 (*De Nespereira — Guimarães*).
- *Apontamentos para a historia de Guimarães*, por Oliveira Guimarães, in «*Revista de Guimarães*», vol. XXIV (1907), págs. 175 a 178 (*Vinculo do Paço de Nespereira*).
- *Ultimas Gerações de Entre Douro e Minho*, por José de Sousa Machado, vol. I, costados 77 e 90 (*Paço de Nespereira (Guimarães) — Viscondes do Paço de Nespereira*), e vol. II, págs. 515 e 516.
- *Livro de Oiro da Nobreza*, por Domingos de Araújo Affonso e Ruy Dique Travassos Valdez, tomo I, em *Azenha (Condes de)*, § 6.º (*Viscondes do Paço de Nespereira*), e tomo III, págs. 813 e 996.
- *Nobreza de Portugal*, vol. III, em *Paço de Nespereira (Viscondes de)*.



Localização:

- Museu Regional de Alberto Sampaio ⁽⁹⁸⁾.
- Claustro da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira.

Procedência:

- Capela de Nossa Senhora da Conceição, no claustro da Colegiada ⁽⁹⁹⁾. Abóbada.

Material: granito. Com as armas pintadas, estando as figuras em relevo.

Época: século dezasseis (fins da primeira metade).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo peninsular, assente numa coroa de inspiração vegetal.

Escudo:

Composição: esquartelada.

Leitura:

I e IV CARDOSO	(1)
II e III AMARAL	(2)

(1) Assim: de vermelho, dois cardos de prata, floridos e arrancados do mesmo, um sobre o outro, sustidos por dois leões afrontados de ouro. Ver o n.º anterior.

(2) De ouro, seis minguentes de azul, 2, 2 e 2.

⁽⁹⁸⁾ N.ºs 13 a 35.

⁽⁹⁹⁾ Ver o n.º anterior.

Localização:

- Museu Regional de Alberto Sampaio ⁽¹⁰⁰⁾.
- Claustro da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira. O brasão de armas esculpido numa placa que está cravada na parede.

Procedência:

- Igreja de Nossa Senhora da Oliveira? Ou claustro da Colegiada?
- Igreja de S. Martinho de Sande, freguesia onde os Machados da Maia tinham bens, entre eles a Casa do Paço de Couvido ⁽¹⁰¹⁾?

Material: granito.

Época: século dezasseis.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo boleado de bico, com chefe de linhas côncavas.

Escudo:

Composição: esquartelada.

Leitura:

I e IV MACHADO	(1)
II e III MAIA	(2)

⁽¹⁰⁰⁾ N.ºs 13 a 35.

⁽¹⁰¹⁾ Informação documentada do bom Amigo o Genealogista Dr. Francisco Maia e Castro, descendente dos Maias de S. Martinho de Sande, no termo de Guimarães.

- (1) Cinco machados.
- (2) Uma águia, — representada em voo abatido.

Veja-se:

— *Nobiliário de Famílias de Portugal*, por Manuel José da Costa Felgueiras Gayo, tít. de *Maias*, § 4, N 14, e tít. de *Machados*, § 1, N 18.





32



33

Localização:

- Museu Regional de Alberto Sampaio ⁽¹⁰²⁾.
- Claustro da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira.

Procedência:

- Capela funerária dos Pinheiros, na Torre dos Sinos da Igreja de Nossa Senhora da Oliveira ⁽¹⁰³⁾. Fecho da abóbada ⁽¹⁰⁴⁾.

Material: calcário. Com vestígios de pintura.

Época: século quinze (fins) ou século dezasseis (princípios).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo sustido por um anjo adulto.

Escudo:

Composição: partida, com o II cortado.

Leitura:

- | | |
|-----------------------------------|-----|
| I ARMAS DO DOUTOR PEDRO ESTEVES | (1) |
| II cortado: | |
| 1.º LOBO e PINHEIRO | (2) |
| 2.º ARMAS DO DOUTOR PEDRO ESTEVES | |

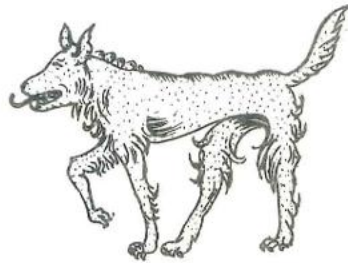
⁽¹⁰²⁾ N.ºs 13 a 35.

⁽¹⁰³⁾ N.ºs 4 a 12.

⁽¹⁰⁴⁾ Cf. *Guimarães — O Labor da Grei*, — Publicação comemorativa da Exposição Industrial e Agrícola Concelhia realizada em Agosto de 1923.

(1) Ver *Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga*, vol. V (*Cidade de Barcelos e freguesias rurais do seu Concelho (Aquém-Cávado)*), 1.^a parte (*Cidade de Barcelos*), n.ºs 17 e 18 (*Solar dos Pinheiros*).

(2) Com algumas figuras desaparecidas pela acção do salitre (três lobos e um pinheiro). Nesta partição do escudo tínhamos: *cinco lobos passantes, acompanhados de quatro pinheiros arrancados, dois em cada flanco*. São as armas dos Lobos: *cinco lobos passantes*. E são as armas dos Pinheiros: *cinco pinheiros arrancados* ⁽¹⁰⁵⁾.



(105) Ver os n.ºs 7 e 8.

Localização:

- Museu Regional de Alberto Sampaio ⁽¹⁰⁶⁾.
- Claustro da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, — num pequeno jardim. Numa parede, entre dois arcosólios que abrigam, cada um deles, um túmulo quattrocentista ⁽¹⁰⁷⁾.

Material: granito.

Época: século dezoito (princípios?).

⁽¹⁰⁶⁾ N.ºs 13 a 35.

⁽¹⁰⁷⁾ *Inscrições:* — Na tampa da arca tumular à esquerda do observador, em caracteres góticos (séc. XVI): *Ãqy jaz fernam de freitas / e sua neta mesia do amarall;* — e no frontal da mesma arca havia outra inscrição, também em caracteres góticos, de que há vestígios, a qual foi picada para então se gravar o seguinte letrado (princípios do séc. XVIII): *ESTES DOVS MEMENTOS SAO / DO MORGADO DA CAZA NOVA / S. BRAS Q. HE ADMENISTRADOR / IOZE DE FREITAS DO AMARAL;* — e na arca tumular da direita, cuja tampa desapareceu, gravou-se no frontal, entre duas flores estilizadas já existentes, em local que me parece ter tido uma inscrição que foi picada: *FREITAS AMARAL.*

Fernão de Freitas, administrador do vínculo da Casa Nova¹ e do de Sezim², — da criação e escudeiro do 3.º Duque de Bragança, D. Fernando, e chanceler de seu filho D. Jaime, o 4.º Duque, na sua correição de Entre Douro e Minho, escudeiro (alvará de D. João II, dado em Abrantes a 19 de Janeiro, ou de Março, de 1483), e que por ser partidário da Casa de Bragança foi desterrado de Guimarães por D. João II, — fez testamento a 14 de Setembro de 1511 (no qual mandava que o sepultassem na crasta da Colegiada com seu pai Afonso Martins de Freitas, que fora administrador do vínculo da Casa Nova e do de Sezim), sendo já falecido em 1520. Casou com D. Brites da Costa, havendo: Ana e Filipa. D. Filipa de Freitas, administradora do vínculo da Casa Nova e do de Sezim, casou com Afonso Rodrigues do Amaral, comendador de Rio Covo, na Ordem de Cristo, cavaleiro do Duque de Bragança e seu chanceler na comarca de Entre Douro e Minho, alcaide-mor de Bragança (alvará do Duque D. Jaime, dado em Vila Viçosa a 3 de Agosto de 1523), que fez testamento a 3 de Agosto de 1552, vindo a falecer no dia seguinte. D. Filipa de Freitas, — que morava com seu marido em 1527 na Rua da Ferraria, — fez testamento a 15 de Janeiro de 1536, declarando que já lhe falecera uma filha, e mandando que a sepultassem na crasta da Oliveira com seu pai, sendo já falecida em 1538. De Afonso Rodrigues do Amaral e de

¹ Casal da Casa Nova (Santa Maria do Outeiro — Cabeceiras de Basto).

² Casa de Sezim (Santa Eulália de Nespereira — Guimarães).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo francês. Elmo de frente, com virol e timbre. O escudo e o elmo assentes numa cartela decorativa onde há volutas e folhas de acanto estilizadas.

Escudo:

Composição: esquartelada.

Leitura:

I PAIS	(1)
II AMARAL	(2)
III FREITAS	(3)
IV FERRAZ, uns	(4)

Timbre de AMARAL (5)

sua mulher, D. Filipa de Freitas, houve: António de Freitas do Amaral (administrador do vínculo da Casa Nova e do de Sezim), Diogo e Mécia. (Cf. *Apontamentos para a historia de Guimarães: Vinculo da Casa Nova*).

José de Freitas do Amaral (terceiro neto de António de Freitas do Amaral e de sua mulher, D. Vitória Ferraz do Rego, já falecidos em 1553), administrador do vínculo da Casa Nova e do de Sezim e do vínculo de S. Brás¹ (que fora de seu irmão Gregório do Amaral Castelo Branco), era filho de Dionísio do Amaral de Freitas Barbosa, administrador dos vínculos da Casa Nova e de Sezim, escrivão da Câmara em 1656, cavaleiro do hábito de Cristo, que recebeu em Tomar a 19 de Maio de 1663, e que fez testamento a 28 de Setembro de 1695, o qual foi aberto a 27 de Junho de 1697, e de sua mulher, D. Francisca de Matos Macedo de Noronha (escritura feita no dia 26 de Outubro de 1645), os quais, por disposição testamentária, foram sepultados na Capela de S. Brás. José de Freitas do Amaral, que fez testamento a 29 de Agosto de 1712, em que nomeava os vínculos da Casa Nova e de S. Brás em sua mulher, por serem de livre nomeação, testamento que foi aberto a 10 de Fevereiro de 1715, ano do seu falecimento, e no qual mandava que o sepultassem na Capela de S. Brás, casou com D. Josefa Margarida de Melo Pereira Sampaio de Almeida, que fez testamento a 5 de Abril de 1758, vindo a falecer a 8 de Agosto de 1759, havendo geração. (Cf. *Apontamentos para a historia de Guimarães: Vinculo da Casa Nova e Capella e vinculo de S. Braz*)².

Na relação das sepulturas e altares existentes, em 1665, na Igreja e claustro da Colegiada³: *Nas costas da Capela do «Santissimo Sacramento» estão dois caixões de pedra inseridos na parede, e por guarnição cada um tem um arco de pedra. São sepulturas dos Amarais desta vila, e em um deles se enterrou no ano do Senhor de 1650, pouco mais ou menos, Gregório do Amaral Castelbranco, pai de Dionísio de Amaral de Barbosa e de António de Freitas de Carvalho, abade de Marecos, bispado do Porto, Dom Mauricio, cônego regular de Santo Agostinho, e de Fernão de Freitas de Mesquita, chantre da Sé do Porto, e das freiras Luísa da Trindade e Isabel de S. Paulo, que hoje vivem*⁴.

¹ Capela de S. Brás, no claustro da Colegiada. Ver o n.º 13.

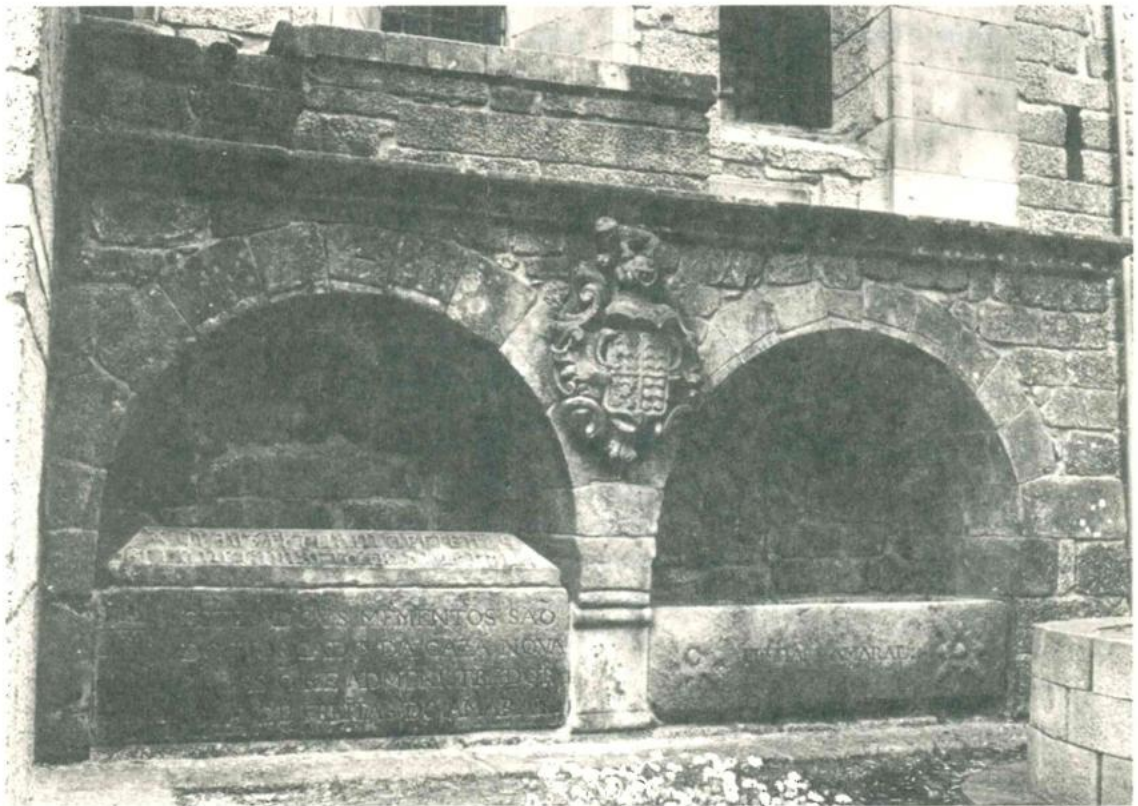
² Todas as datas que aparecem no texto, — as quais não conferi documentalmente, mas que permitem localizar no tempo as pessoas referidas, — são as que se encontram nos *Apontamentos* citados.

³ Ver a nota (10) (Túmulo de Inês de Guimarães).

⁴ Fls. 10 e 10 v.



34



- (1) Nove lisonjas, 3, 3 e 3, apontadas e firmadas nos bordos do escudo.
- (2) Seis crescentes invertidos, 2, 2 e 2.
- (3) Cada estrela com cinco pontas. São as armas dos Freitas: *cinco estrelas de seis pontas*.
- (4) São as suas armas: *seis rodelas, 2, 2 e 2, as da dextra voltadas*.
- (5) Somente o leão, passante. É o timbre dos Amarais: *um leão, que segura com as garras uma alabarda*.

Veja-se:

- *Nobiliário Alentém*, anotado e editado pelo Visconde de Cortegaça, fl. 13 (*Cardozos Amaraes Freitas, de Guimaraens*).
- *Nobiliário de Famílias de Portugal*, por Manuel José da Costa Felgueiras Gayo, tít. de *Cardosos*, § 2, tít. de *Freitas*, § 3 (*Sezim, e Caza Nova*), tít. de *Machados*, § 15 (*Morgado de Sezim*), e tít. de *Meireles*, § 2 (*Sezim*), e tomo I de *Costados*, cost. 165 (*Freitas do Amaral, de Guimaraens*).
- *Arvores de Costados das Famílias Nobres*, por José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco, tomo II, costado 85 (*Da Casa Nova — Guimarães*).
- *Apontamentos para a historia de Guimarães*, por Oliveira Guimarães, in «*Revista de Guimarães*», vol. XXIV (1907), págs. 145 a 154 (*Vinculo da Casa Nova*) e págs. 154 a 162 (*Capella e vinculo de S. Braz*).
- *Ultimas Gerações de Entre Douro e Minho*, por José de Sousa Machado, vol. I, costado 85 (*Casa de Sezim (Guimarães)*), e vol. II, pág. 518.



Localização:

- Edifício do Museu Regional de Alberto Sampaio ⁽¹⁰⁸⁾.
- No pedestal donde sobe a guarda da escadaria exterior que dá acesso à porta da Sala de Escultura (antiga entrada para a casa do Priorado) ⁽¹⁰⁹⁾.

Material: granito.

Época: num dos anos desde o de 1663 ao de 1666.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo peninsular e coronel de nobreza.

Escudo:

Composição: partida.

Leitura:

I LOBO, dos Barões de Alvito (1)
II LENCASTRE (2)

(1) Cinco lobos passantes e bordadura carregada de oito aspas. O tempo desgastou cinco aspas e tornou quase impercebíveis as restantes (três).

(2) São as armas dos Lencastres: *Portugal, com um filete em contrabanda por diferença*, — o qual falta na pedra de armas. A acção do tempo fez desaparecer os besantes dos escudetes e pôs quase impercebíveis seis dos sete castelos da bordadura.

⁽¹⁰⁸⁾ N.ºs 13 a 35.

⁽¹⁰⁹⁾ Ver o n.º 28.



35

A ordem correcta das partições do escudo (*Lencastre e Lobo*) foi alterada tomando-se por modelo uma matriz sigilar ou, o que me parece mais provável, por esquecimento ou ignorância da regra que manda colocar, por *privilégio*, as armas do Reino em primeiro lugar.

Brasão de armas mandado esculpir pelo D. Prior D. Diogo Lobo da Silveira (1663-1666), que foi colegial de S. Pedro, cónego da Sé de Lisboa e sumilher da cortina de D. Afonso VI ⁽¹¹⁰⁾, e que era filho de D. João Lobo da Silveira, 6.º Barão de Alvito, e de sua mulher, D. Madalena de Lencastre, terceira neta de D. João II ⁽¹¹¹⁾.

⁽¹¹⁰⁾ *História da Real Colegiada de Guimarães*, por Manuel Alves de Oliveira, págs. 106 a 109.

⁽¹¹¹⁾ *Nobreza de Portugal*, vol. II, em *Alvito (Barões, Condes e Marqueses de)*. O D. Prior D. Diogo Lobo da Silveira «faleceu a 7 de Setembro de 1666 a quando de uma derrocada da varanda onde se encontrava, nas casas do conde de Vilanova, em Lisboa, que o sepultou nas ruínas» (cf. *História da Real Colegiada de Guimarães*, pág. 109).

Localização:

— Antigos Paços do Concelho. Duas pedras de armas idênticas, firmadas, em parte, nos frontões interrompidos que rematam as duas janelas centrais da frontaria do edifício.

Material: granito, — e calcário (as *quinas* e as torres, cravadas no granito) ⁽¹¹²⁾.

Época: ano de 1628 ⁽¹¹³⁾, — e século dezanove.

⁽¹¹²⁾ Ver o. n.º 1, nota ⁽³⁾.

⁽¹¹³⁾ Cf. *Administração Seiscentista do Município Vimaranesense*, por Alberto Vieira Braga, Guimarães-1953 (pág. 156: «Em 6-V [de 1628] compareceu em câmara João de Amorim, chamado para informar quanto se lhe havia de dar para fazer a obra da câmara dos alicerces para cima, e fazer a janela do meio na forma das outras, porque os vereadores do ano passado, nos apontamentos que fizeram da dita obra, não trataram dos alicerces, e por isso não ficaria segura a obra, e mandaram que se fizesse segura e lhe dariam 15\$000 réis, além do preço da arrematação. Ele aceitou por 20\$000 réis e assim se contratou.»; e na pág. 157: «Em 9-IX [de 1628] foi ordenado a Francisco Vaz, carpinteiro, que tinha a seu cargo a obra da câmara, que tirasse as couçoeiras das janelas e as pusesse inteiriças. Foi mandado notificar João Lopes, com pena de 50 cruzados, que acabe a obra da câmara, que tem a seu cargo, porque já fora notificado muitas vezes e não quer obedecer, e o tempo é agora bom para as pinturas que tem a fazer, e mandaram a Pero de Castro, serralheiro, que fizesse os fechos e fechaduras para as janelas, que seriam pagas pelo dito João Lopes. Em 16-IX foi autorizado o pintor Pero de Almeida, a pintar as armas e esferas das janelas da casa da câmara obra de que foi encarregado João Lopes.»)¹. Ver *Apontamentos para a história de Guimarães: O architecto João Lopes d'Amorim*, pelo Abade Oliveira Guimarães, in «Revista de Guimarães», vol. XIX (1902). Lê-se em *Guimarães, — apontamentos para a sua história*, pelo P.^e António José Ferreira Caldas, vol. II, pág. 268: «[...] Passando por outra reforma no seculo passado [séc. XVIII], fizeram-lhe as janellas segundo o gosto moderno: e coroaram-as com os escudos e com as espheras, que até então se achavam cravadas no liso da parede, por baixo das ameias [...] Por esta ocasião [em 1877], de novo mudaram de lugar as espheras e os brazões, ficando dous d'estes sobre as duas janellas do centro, e as espheras sobre as janellas lateraes.»; — e veja-se, in *Administração Seiscentista do Município Vimaranesense*, cit., as gravuras nas págs. 6 e 7.

¹ Os Paços do Concelho, cuja construção, iniciada no reinado de D. João I, se estendeu por várias décadas, e que teve obras de inovação no exterior no século XVI, foram quase totalmente reconstruídos pelo architecto João Lopes de Amorim.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica real.

Escudo francês e coroa real.

Escudo:

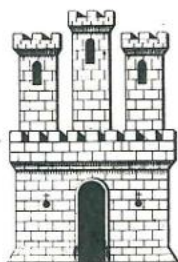
Composição: plena.

Leitura:

PORTUGAL

(1)

(1) Torres na bordadura, em vez de castelos.





36 e 37



Localização:

— Padrão do Salado. A pedra de armas cravada no lado norte da base do cruzeiro de calcário, de estilo normando, abrigado pela arcaria ogival do alpendre gótico ⁽¹¹⁴⁾.

Material: granito.

Época: século dezasseis.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica real.

Escudo clássico.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

PORTUGAL

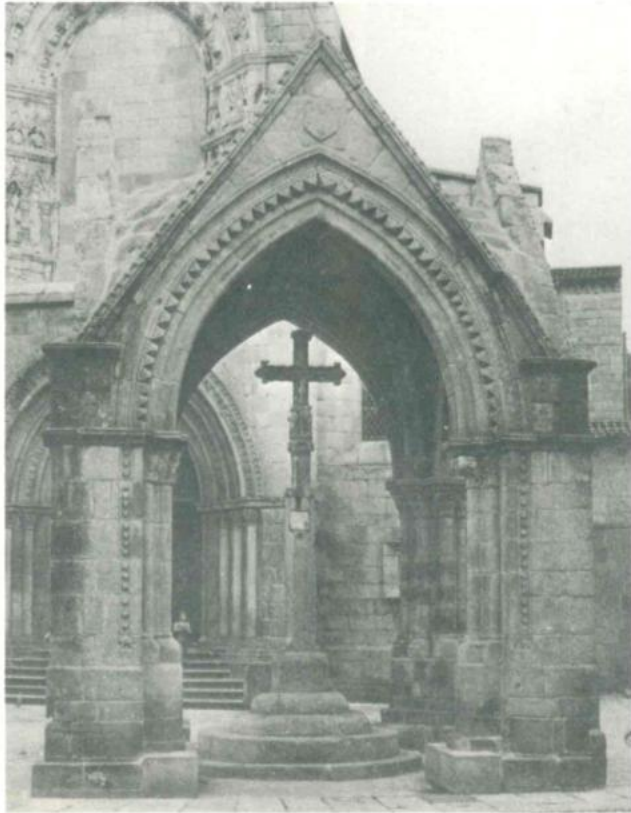
(1)

(1) Cinco escudetes postos em cruz, cada um carregado de cinco besantes, e bordadura carregada de sete castelos.

(114) Ver o n.º seguinte.



38



38 a 42

39, 40, 41 e 42

Localização:

— Padrão do Salado ⁽¹¹⁵⁾. Quatro escudos de armas, nos gabletes que decoram os quatro lados do alpendre gótico.

Material: granito.

Época: século catorze (pouco depois da batalha do Salado (1340)) ⁽¹¹⁶⁾.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica real.

Escudo.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

PORTUGAL — ANTIGO

(1)

(1) Cinco escudetes postos em cruz, os dos flancos apontados ao do centro, cada escudete carregado de... besantes (estas peças não chegaram a ser esculpidas) ⁽¹¹⁷⁾.

⁽¹¹⁵⁾ Templete levantado no reinado de D. Afonso IV para comemorar a vitória da batalha do Salado (1340), —colocado defronte da Igreja de Nossa Senhora da Oliveira. Ver o n.º anterior.

⁽¹¹⁶⁾ Abrigado pelo alpendre está um cruzeiro de calcário comprado na Normandia por Gonçalo Esteves e mandado colocar no templete a 8 de Setembro de 1342, por devoção de Pero Esteves, negociante vimaranense, residente em Lisboa, irmão de Gonçalo Esteves, ambos filhos de Estêvão Garcia e de Marta Peres, mercadores de Guimarães (cf. *Guimarães, — apontamentos para a sua historia*, pelo P.º António José Ferreira Caldas, vol. II, págs. 259 e 260). Veja-se *Memorias Resuscitadas da Antiga Guimarães*, pelo P.º Torquato Peixoto d'Azevedo, (1692), ed. de 1845, págs. 261 a 264.

⁽¹¹⁷⁾ Somente três escudos é que contêm armas (*Portugal-antigo*). O quarto escudo, diferente dos outros três, tem as armas gastas ou picadas (*Portugal-antigo*?).



39, 40, 41 e 42

Localização:

- Rua de Santa Maria, junto ao Priorado.
- Casa dos Peixotos, de Pousada. Cunhal.

Material: granito.

Época: século dezoito (ano de 1750?) ⁽¹¹⁸⁾.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo francês e elmo posto de frente, — o conjunto assente numa cartela de inspiração *rocaille*.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

PEIXOTO

(1)

(1) Xadrezado de cinco peças em faixa e seis em pala. As armas antigas dos Peixotos são um *xadrezado de ouro e vermelho, de cinco peças em faixa e seis em pala*, e as modernas um *xadrezado de ouro e azul, de seis peças em faixa e sete em pala*.

⁽¹¹⁸⁾ «A 28.4.1750 Gonçalo Peixoto de Carvalho comprou umas casas com seu quintal pegado às casas que já tinha. É natural que datem das obras na Casa, dando-lhe o aspecto que hoje tem.» (amável informação da Autora das *Velhas Casas*).



43



O elmo esteve rematado pelo timbre moderno dos Peixotos: *um corvo marinho com um peixe no bico* (ver *Pedras-de-Armaz de Portugal*, por Armando de Mattos, pág. 185). O timbre antigo dos Peixotos é um *golfinho com um peixe na boca*. ⁽¹¹⁹⁾

*
* *
*

Gonçalo Peixoto de Carvalho. — Fidalgo da Casa Real e senhor da Casa de Pousada (Azurém — Guimarães) e da casa dos Peixotos na Rua de Santa Maria, junto ao Priorado. Nasceu em Pousada a 10 de Janeiro de 1709 ⁽¹²⁰⁾ e faleceu na Rua de Santa Maria a 12 de Janeiro de 1763 ⁽¹²¹⁾. Filho de Manuel Peixoto de Carvalho, senhor das mesmas casas, fidalgo da Casa Real, que nasceu na Rua de Santa Maria a 15 de Novembro de 1656 ⁽¹²²⁾ (tendo falecido em 1731? ⁽¹²³⁾), e de sua mulher, D. Luísa Maria de Abreu e Lima, da Casa do Outeiro (Arcozelo — Ponte de Lima). Casou na Igreja de S. Sebastião, em Guimarães, a 20 de Maio de 1750 ⁽¹²⁴⁾, com D. Leonor Maria de Melo Pereira de Sampaio, que nasceu na Casa de Sabadão (Arcozelo — Ponte de Lima) e foi baptizada a 15 de Abril de 1709 ⁽¹²⁵⁾, filha de João de Melo Pereira de Sampaio, senhor do Paço de Pombeiro de Riba Vizela, moço fidalgo da Casa Real, e de sua mulher, D. Ana Maria de Sousa e Castro, senhora da Casa de Sabadão, — com geração. ⁽¹²⁶⁾

Veja-se:

- *Nobiliário de Famílias de Portugal*, por Felgueiras Gayo, tít. de *Carvalhos*, § 52 (*Morgado de Pouzada*), e tít. de *Peixotos*, § 9 (*Pouzada*).
- *Subsídios para a Genealogia dos Peixotos*, por Artur Vaz-Osório da Nóbrega, in «*Armas e Troféus*», 3.^a série, tomo I (1972) e tomo II (1973), — com separata (*Peixotos, — subsídios para a sua genealogia*), 1973.
- *Velhas Casas, V (Freguesia de Azurém)*, — *Casa de Pousada*, por Maria Adelaide Pereira de Moraes, in «*Boletim de Trabalhos Históricas*», do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães, vol. XXVIII (1975/1977).

⁽¹¹⁹⁾ Ver o meu trabalho *Peixotos, — subsídios para a sua genealogia*.

⁽¹²⁰⁾ Livro de Nascimentos n.º 1 de Azurém, fl. 5, — no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães.

⁽¹²¹⁾ Livro de Óbitos n.º 3 de Nossa Senhora da Oliveira, fl. 325 v., — no A. M. A. P.

⁽¹²²⁾ Livro de Nascimentos n.º 1 de Nossa Senhora da Oliveira, fl. 205 v., — no A. M. A. P.

⁽¹²³⁾ Os filhos legítimos que ficaram por sua morte fazem as partilhas a 18 de Março de 1731 (cf. *Velhas Casas*).

⁽¹²⁴⁾ Livro de Casamentos n.º 1 de S. Sebastião, fl. 100 v., — no A. M. A. P.

⁽¹²⁵⁾ Livro Misto n.º 3 de Arcozelo, fl. 61 v., — Arquivo Distrital de Braga (na Universidade do Minho).

⁽¹²⁶⁾ *Velhas Casas, V (Freguesia de Azurém)*, — *Casa de Pousada*.

Localização:

— Rua de Santa Maria.

— Casa do Arco ⁽¹²⁷⁾. A pedra de armas remata, entre os lados de um frontão interrompido, a janela, com varanda de ferro, voltada para Norte, existente no passadiço unindo dois corpos da Casa e sustido pelos dois arcos sob os quais passa a Rua.

Material: granito.

Época: século dezanove (num dos anos desde o de 1852 ao de 1869? ⁽¹²⁸⁾).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo, rodeado de ornatos fitomórficos. Coronel de conde ⁽¹²⁹⁾.

Escudo:

Composição: esquartelada, com um sobre-o-todo.

Leitura:

- | | |
|--|-----|
| I FERREIRA | (1) |
| II LEITE, moderno | (2) |
| III ALMADA | (3) |
| IV MACHADO, — e um trifólio ao meio do chefe | (4) |

Sobre-o-todo: armas concedidas por Henrique VII de Inglaterra a Pedro Álvares de Almada a 9 de Março de 1501 (5)

⁽¹²⁷⁾ Pertenceu aos Ferreiras de Eça, da Casa do Casal de Cavaleiros (Outeiro Maior — Vila do Conde), e por compra, nos princípios do século dezanove, passou aos Almadadas da Casa da Azenha (Costa — Guimarães), na posse dos quais já não se encontra, por venda, assim como a Casa da Azenha.

⁽¹²⁸⁾ Bernardo Correia Leite de Moraes Almada e Castro, senhor da Casa do Arco, Conde de Azenha (dec. de 27-9-1852), faleceu a 21-12-1869 (cf. *Últimas Gerações de Entre Douro e Minho*).

⁽¹²⁹⁾ Com sete pérolas visíveis, somente.

- (1) Em vez de quatro faixas vê-se um burelado de dez peças.
- (2) Assim: três flores-de-lis postas em roquete, acompanhadas de duas cruces florenciadas, uma no cantão dextro do chefe e a outra no cantão sinistro da ponta. Devia ter-se esculpido: *esquartelado: o I e o IV com três flores-de-lis; o II e o III com uma cruz florenciada e vazia.*
- (3) Uma banda carregada de duas cruces florenciadas e vazias, acompanhada de duas águias.
- (4) Cinco machados. O trifólio é a diferença de um brasão passado com as armas dos Machados.
- (5) Partido, com uma meia flor-de-lis unida a uma meia rosa.

*
* *
*

BERNARDO CORREIA LEITE DE MORAIS ALMADA E CASTRO. — Conde de Azenha, por decreto de 27 de Setembro de 1852 (D. Maria II) ⁽¹³⁰⁾. Em 1830 ⁽¹³¹⁾ D. Miguel I concedeu-lhe a verificação da 2.^a vida no título de Visconde de Azenha, o que veio a ser confirmado por decreto de 21 de Agosto de 1846 (D. Maria II) ⁽¹³²⁾. Sucedeu nos morgados e nas casas de seus pais. Foi padroeiro da Misericórdia de Penafiel. E foi fidalgo cavaleiro da Casa Real e comendador das Ordens de Cristo, de Avis, da Torre e Espada e de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa. «Assentou praça no regimento de Cavalaria 9 em 11-IV-1818 (tinha apenas 12 anos (?)) e foi considerado cadete em 19 de Setembro. Não obstante a sua pouca idade, foi promovido a alferes em 25-III-1820, a tenente em 13-IV-1823 e a capitão em 26 de Outubro do mesmo ano, ficando como ajudante de seu pai. Foi demitido do serviço em 25-IX-1826, considerado rebelde e desertor, visto ter emigrado para Espanha, com outros oficiais realistas. Dedicadíssimo à causa absolutista, teve promoção a coronel e comandou o Batalhão de Voluntários Realistas de Guimarães, por Decreto de 16-III-1829, fazendo então oferta ao Estado de todos os seus soldos vencidos e a vencer. Por se encontrar demitido não foi totalmente abrangido pelas estipulações da convenção de Évora Monte, perdendo no entanto a categoria de coronel, e voltando à patente de capitão, posto em que passou à disponibilidade em 1852, por ter sido amnistiado. Foi então colocado no regimento de Cavalaria 7, onde parece nunca se ter apresentado [...] Reformado a seu pedido por Decreto de 20-X-1866, em 1869 foi-lhe qualificada a reforma

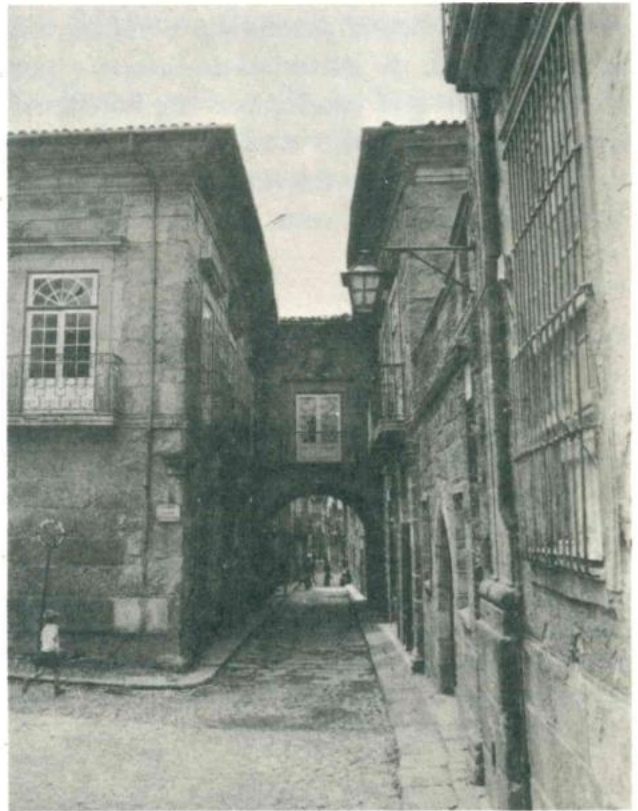
⁽¹³⁰⁾ Livro de registo de «Títulos de Barão, Visconde, Conde, Marquez e Duque — 1832 a 1890» proveniente do antigo Ministério do Reino, n.º 32 da última incorporação, fl. 23, n.º 344, — Arq. Nac. da Torre do Tombo.

⁽¹³¹⁾ Cf. *Nobreza de Portugal*.

⁽¹³²⁾ Livro cit. na nota ⁽¹³⁰⁾, fl. 16, n.º 229.



44



no posto de major.» (133) Condecorado com as medalhas da Real Efigie de El-Rei D. Miguel I e da Heróica Fidelidade Transmontana, e tinha a medalha de Comportamento Exemplar. Deputado da Nação (legislatura de 1852-1853) (134). Governador civil de Braga (de 20-6-1859 a 15-12-1860) (135).

Nasceu em Guimarães, no Campo da Feira, a 30 de Outubro de 1803 (136) e faleceu na Casa do Arco a 21 de Dezembro de 1869 (137), sendo sepultado na sua Capela de Nosso Senhor Crucificado, na Igreja de S. Francisco, em Guimarães.

Era filho de Martinho Correia de Moraes e Castro, a quem foi concedido o título de Visconde de Azenha, em duas vidas (138), administrador do morgado de Parada de Infanções (no concelho de Bragança), em que sucedeu a seu primo António de Moraes Madureira Lobo, falecido em 1824 (139), e senhor da Casa do Carvalho (Tarouca), que «assentou praça, como cadete, no regimento de Cavalaria 4, em 23-XII-1789 e sucessivamente foi promovido a alferes em 24-IV-1792, a tenente em 29-IV-1794, a capitão em 15-VIII-1808, a major em 26-IX-1808, a tenente-coronel graduado em 18-VIII-1812 e efectivo em 22-V-1813 e a coronel graduado em 12-X-1815. Fez as campanhas da Guerra Peninsular e em 12-I-1818 assumiu o comando de Cavalaria 9. Passou a coronel efectivo em 24-VI-1820, atingindo o posto de brigadeiro em 18 de Dezembro do mesmo ano. Em 28-VII-1823 foi nomeado comandante das forças estacionadas em Trás-os-Montes, por determinação do Infante D. Miguel, em cujo desagrado veio a cair, pelo que foi destituído em 24-V-1824 e mandado regressar a Lisboa. Preso na fortaleza de São Julião da Barra e depois na Torre de Belém, obteve a libertação quando o Infante foi exilado. Ignoram-se os motivos que o levaram a cair em desgraça, pois sempre se manifestou dedicado absolutista e voltou a servir D. Miguel, quando Rei de Portugal, agora no posto de marechal-de-campo e presidente da Comissão Mista, espécie de tribunal militar que funcionava em Paredes» (140), conselheiro de Sua Majestade Fidelíssima, fidalgo cavaleiro da Casa Real, comendador das Ordens de Cristo e da Torre e Espada, cavaleiro das Ordens de Avis e de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, condecorado com as medalhas da Guerra Peninsular, da Real Efigie d'El-Rei

(133) In *Nobreza de Portugal*.

(134) Cf. *Resenha das Famílias Titulares e Grandes de Portugal e Nobreza de Portugal*.

(135) Cf. obs. cit.

(136) Livro de Nascimentos n.º 12 de Nossa Senhora da Oliveira, fl. 6 v., — no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães.

(137) Cf. *Ultimas Gerações de Entre Douro e Minho*.

(138) Teve carta de mercê do título de Visconde de Azenha, dada no Palácio da Bemposta a 12 de Julho de 1823, em recompensa dos *muitos e leais serviços de Martinho de Moraes Correia de Castro feitos na gloriosa empresa tentada para restituir à minha Real Pessoa os Direitos da Soberania e aos meus súbditos a paz e prosperidade de que se achavam privados por procedimentos de uma facção desorganizada*. Mercês de D. João VI, liv. 17, fl. 119 v., — Arq. Nac. da Torre do Tombo.

(139) Cf. *Ultimas Gerações de Entre Douro e Minho*.

(140) In *Nobreza de Portugal*.

D. Miguel I e da Heróica Fidelidade Transmontana, etc., natural da vila de Tarouca, que faleceu a 23 de Junho de 1833 ⁽¹⁴¹⁾ (em Paredes da Beira?), — e de sua mulher, D. Grácia Xavier Leite Pereira de Almada Machado e Melo (que sucedeu a sua irmã D. Maria Antónia Leite Pereira de Almada Machado Malheiro, falecida solteira a 17 de Janeiro de 1836 e sepultada na Capela de Nosso Senhor Crucificado ⁽¹⁴²⁾, a qual fora herdeira de seus pais), com quem casou a 6 de Julho de 1802 ⁽¹⁴³⁾, dama da Ordem das Damas Nobres de Santa Isabel Rainha de Portugal, padroeira da Misericórdia de Penafiel, que faleceu a 2 de Março de 1840, na Casa do Arco, e foi sepultada na Capela de Nosso Senhor Crucificado ⁽¹⁴⁴⁾, e que era filha de Inácio Leite Pereira de Almada Pinheiro, administrador dos morgados da Azenha (Santa Marinha da Costa — Guimarães), da Golpilheira (próximo da Batalha), de Caínhos (Santa Senhorinha de Basto — Cabeceiras de Basto), de Louredo (Louredo — Paredes), senhor da Casa de Marnel (Bitarães — Paredes), etc., padroeiro da Misericórdia de Penafiel, moço fidalgo da Casa Real, comendador da Ordem de Cristo, etc., que faleceu na Casa do Arco a 1 de Junho de 1828 e foi sepultado na Capela de Nosso Senhor Crucificado ⁽¹⁴⁵⁾ (o qual era oitavo neto de Pedro Álvares de Almada, instituidor do morgado da Azenha nos princípios do século dezasseis (1507?) com suas casas no Rossio da Tulha, em Guimarães, e a Capela de Nosso Senhor Crucificado, que fundou na Igreja do Convento de S. Francisco, em Guimarães, e onde foi sepultado ⁽¹⁴⁶⁾, fidalgo da Casa dos Reis D. João II e D. Manuel I, etc., que teve carta de brasão de armas de mercê-nova concedida por Henrique VII de Inglaterra a 9 de Março de 1501, e de sua mulher, D. Inês Anes Cortez), e de sua mulher, D. Catarina Flávia Machado de Melo Pereira Malheiro, administradora do morgado de S. Clemente de Sande, no termo de Guimarães, que faleceu na Casa do Arco a 19 de Novembro de 1830 ⁽¹⁴⁷⁾.

Bernardo Correia Leite de Moraes Almada e Castro casou a 29 de Setembro de 1830, em S. Miguel das Caldas de Vizela, no termo de Guimarães, com D. Maria Custódia Clemência dos Anjos de Sousa de Vasconcelos e Gouveia Coutinho ⁽¹⁴⁸⁾, que nasceu a 15 de

⁽¹⁴¹⁾ Cf. *Ultimas Gerações de Entre Douro e Minho*.

⁽¹⁴²⁾ Livro de Óbitos (1800-1860) de Nossa Senhora da Oliveira, fl. 188, — no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.

⁽¹⁴³⁾ Cf. *Ultimas Gerações de Entre Douro e Minho*.

⁽¹⁴⁴⁾ Liv. cit., fl. 199.

⁽¹⁴⁵⁾ Liv. cit., fl. 167 v.

⁽¹⁴⁶⁾ Pedra de armas da Capela de Nosso Senhor Crucificado (no Tomo III).

⁽¹⁴⁷⁾ Liv. cit., fl. 176.

⁽¹⁴⁸⁾ Conservatória do Registo Civil de Guimarães: Livro de Casamentos de S. Miguel das Caldas de 1803 a 1879, fl. 62 «[...] Bernardo Correa de Moraes e Castro, segundo Visconde de Azenha, Coronel de Voluntarios Realistas de Guimaraens, commendador da Ordem de Christo, condecorado com a medalha da heroica fidelidade Transmontana e Real Effigie de Sua Magestade o Senhor Dom Miguel Primeiro e com a Ordem da Flor de Lis e Cavalleiro da Mellicia de Ouro [...]».

Julho de 1800 ⁽¹⁴⁹⁾ (em Freixo de Numão) e faleceu na Casa do Arco a 20 de Maio de 1838, sendo sepultada na Capela de Nosso Senhor Crucificado, na Igreja de S. Francisco ⁽¹⁵⁰⁾, filha única e herdeira do Desembargador José Inácio Pais Pinto de Sousa e Vasconcelos, administrador do morgado dos Amarais e Sousas (Freixo de Numão — Vila Nova de Foz Côa) e senhor do Prazo da Mordomia dos Saraivas (Trancoso), fidalgo cavaleiro da Casa Real, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, etc., e de sua mulher, D. Maria Benedita Antónia de Gouveia Coutinho de Almeida e Vasconcelos, administradora do morgado de Fonte Arcada (Fonte Arcada — Sernancelhe) e do dos Melos (Trevões — S. João da Pesqueira) e senhora da Capela de Santo António, em Ferreirim; — com geração ⁽¹⁵¹⁾.

⁽¹⁴⁹⁾ Cf. *Ultimas Gerações de Entre Douro e Minho*.

⁽¹⁵⁰⁾ Liv. cit. de Nossa Senhora da Oliveira, fl. 194 v.

⁽¹⁵¹⁾ Não verifiquei as datas que não vão documentadas, as quais encontrei na bibliografia consultada.

A actual representação dos títulos de Visconde e Conde de Azenha e das Casas da Azenha e do Arco está em *D. Maria Filomena Pinheiro Ferro Correia Leite de Almada*, que nasceu na freguesia de Urgezes, no concelho de Guimarães, a 27 de Março de 1918, filha única de Bernardo Correia Leite de Almada e de sua mulher, D. Fernanda Pinheiro Ferro, e neta paterna de Inácio Correia Leite de Almada Machado de Moraes e Castro, 2.º Conde de Azenha, fidalgo cavaleiro da Casa Real, senhor da Casa da Azenha e da Casa do Arco, etc., e de sua mulher, D. Maria Filomena Ribeiro, e neta materna de António Augusto da Silva Pinheiro Ferro, bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, juiz da Relação do Porto, etc., e de sua mulher, D. Maria da Conceição Oliveira, e bisneta paterna de Bernardo Correia Leite de Moraes Almada e Castro, 2.º Visconde e 1.º Conde de Azenha, e de sua mulher, D. Maria Custódia Clemência dos Anjos de Sousa e Vasconcelos e Gouveia; e *D. Maria Filomena Pinheiro Ferro Correia Leite de Almada* casou no Porto, na freguesia do Carvalhido, a 8 de Junho de 1955, com João António Teles da Silva Pinto Coelho de Simões e Castro, senhor, com sua Mulher, da Casa de Simões (Moure — Felgueiras) ¹ (deixada em testamento por seu irmão Domingos António Teles da Silva Pinto Coelho de Simões e Castro, solteiro, s. g.), que nasceu na freguesia de Leça da Palmeira, no concelho de Matosinhos, a 8 de Junho de 1913, filho de Francisco António Teles de Meneses e Castro e de sua mulher, D. Adelaide Branca de Noronha Pinto Coelho Pereira da Silva Guedes de Simões, e neto materno de Domingos Pinto Coelho Pereira da Silva Guedes de Simões, senhor da Casa de Simões, bacharel em Matemática (U. C.), com o curso superior da Escola do Exército, e que foi general de Artilharia, e de sua mulher, D. Amélia Júlia Manrique Rodrigues, — havendo Bernardo de Almada Azenha Simões e Castro, que nasceu no Porto, na freguesia de Santo Ildefonso, a 28 de Setembro de 1959 ².

¹ Veja-se *Nobres Casas de Portugal*, por António Lambert Pereira da Silva, vol. IV, em *Casa de Simões*.

² Informação (20-6-1979).

*

* *

Carta de brasão de armas passada a Pedro Álvares de Almada:

O meu bom Amigo o Heraldista Dr. Artur Norton deu-me notícias de que no seu arquivo particular tinha um pequeno trabalho, inédito, sobre a carta de brasão de armas passada, a 9 de Março de 1501, a Pedro Álvares de Almada. Alegrei-me, e, aproveitando a informação, pedi-lhe que acesse à publicação desse original, muito oportuna para documentar o estudo da pedra de armas da Casa do Arco. Fez-me o favor. E aqui temos, a seguir, esse seu trabalho tão completo e esclarecedor: o texto da carta de brasão de armas, acompanhado de comentários precisos e preciosos.

« De entre o conjunto de pedras de brasões de armas existentes em Guimarães, algumas são «verdadeiros enigmas.

« Entre estas destaca-se uma que, por estar bem lavrada e exposta publicamente já no tempo «da Monarquia (vide foto n.º 44), ainda mais estranha é.

« O problema refere-se ao escudete que se sobrepõe ao esquartelado das armas. Não se tinha «um conhecimento exacto do seu significado.

« Por mero acaso, veio-se a descobrir uma Carta de Brasão de Armas transcrita no século XVIII «que esclarece o enigma¹, cujo teor é o seguinte:

««Brazaõ de Armas que El Rey D. Henrique de Inglaterra deu a Pedro Alvares de Almada o qual «eu Francisco Soares Toscano trasladey de huma certidaõ feita em Coimbra tirada do proprio «Brazaõ que dizia assim:

«Saibaõ quantos esta certidaõ com o theor de um brazaõ virem certefico eu Antonio Reymaõ Tabal- «liaõ do publico judicial por El Rey Senhor nesta cidade de Coimbra e seus termos etc. que a mim «me foy apresentado hum Alvará d'el Rey D. Henrique de Inglaterra segundo parecia cujo traslado «de verbo ad verbum he o seguinte:

«Henricuo Dei grata Rex Angliae, et Frances, ac Dominus Hiberniae universis, et singullis Christi «fidelibus, ad quos presentes liberae (*sic*) nostrae potestatis pervenerint, salutem, et prosperitatem. «Institutis semper nostri, et moris fuit, ut quos virtute, ac probitate ubiqua prestare videmus, sive «nostra testifret (*sic*), ive exteri, eos nostris favoribus, et gratiis libenter prosequamur, nostraque «liberalitate, et munificentia dignos judicemus. Quare cum nobis vir Petrus Alvares de Almada «familiaris Aulicus Illustrissimi, ac potentissimi Principis Domini Emmanuelis Regis Portugaliae, «et Algarbiorum, ac Domini Guineae consanguinei, et amici nostri charissimi apprimet sit nobis «notus vir sane et prudens, et modestus atque imprimis ut certioramur (*sic*), in re militari ad modum «strenuus adversus in fideles Mauros militari intendat, cupiamus nos illum aliquo nostro munere «decorare, quo sua probitas atque animi magnitudo clarior atque Illustrior reddatur; partem quan- «dam (*sic*) armorum, seu insigniorum nostrorum illi tradidimus, et liberé donavimus; videlicet

«¹ Museu dos Biscaínhos — Arquivo: Luís da Gama Ribeiro Rangel de Quadros e Maia — «Documentos e «Provas Genealógicas». Tomo I.º, fol. 193 v.-194.

«dimidium floris lilii aurei, et dimidium Rosae rubicundae cum campo in duas partes, dousque
«(sic) colores diviso: scilicet hinc viridi colore, et illic argenteo, ut possit in se (sic), et sui omnes
«necessarii affines, et consanguinei, tam praesentes, quam futuri ipsis armis et insignibus tuté et
«libere ubicumque et quandocumque illi, vel illis libenter uti; non secuo, quam si propria sua arma,
«et insignia semper fuissent in cuja (sic) nostrae traditionis, et liberae donationis fidem, ac testi-
«monium has literas (sic) nostras patentes fieri facimus (sic), et propria nostra manu subscripsimus,
«ac privata nostri (sic) appensione jussimus roboreri. Datum in Palatio nostro de Rimochmo die
«9.º Martii 1501 Henricus Rex.

«Petrus Camelianus secretarius de mandato Regis scripsit.

«O qual Alvará foi trasladar do proprio, com elle o Escrivaõ aquy asignado com o que o con-
«certou, e foy na verdade sem couza que duvida faça do traslado de huma letra salvo a da subs-
«cripção do dito Tabaliaõ que a passou na ditta cidade por mandado do Juis aos 17 dias do mes
«de Novembro de 1601 annos, e se reporta ao proprio que fica em poder de Christovaõ da Costa
«de Almada que õ deu para se trasladar que aqui assinou de como o recebia. E eu ditto Antonio
«Reymaõ, o fiz trasladar, escrever, e sobscrever na fé do que aqui assignei do meu sinal publico que
«se offerece. Sinal do Escrivaõ.

«Recebi o proprio

«Christovaõ da Costa de Almada

«E por mim testemunhas Manuel Duarte»

«à margem:

««Escudo partido em pala a primeira de verde com meia flor de lix de ouro riscada de pretto outra
«de prata com meya Rosa encarnada e o olho do meyo della de ouro riscado de negro.»

« Da existência de Pedro Álvares de Almada já não há possibilidades de duvidar, pois a
«documentação oficial existente menciona-o como «fidalgo de nossa casa», em 18 de Março de 1502,
«numa carta de quitação de D. Manuel I¹.

« Quanto ao monarca inglês que deu a mercê, pelo cômputo das datas, só poderia ser
«Henrique VII († 1509), fundador da dinastia Tudor.

« A descrição tem as suas incongruências, talvez não sejam só das transcrições posteriores,
«contudo a crítica à redacção do texto só perante o próprio original se poderia fazer criterio-
«samente.

« Até a própria descrição do escudo de armas em português, no final, não condiz com o texto
«latino, mas por razões compreensíveis, pois devia estar a ser feita à vista do próprio original.

« Sabe-se que após a ascensão ao trono inglês da dinastia Tudor, estes monarcas tiveram
«sempre a política de espalhar a chamada rosa Tudor por todos os escudos de armas ou acres-
«centos honrosos que davam.

« Em Portugal temos testemunho dessa política nos escudos de armas dado a Fernão de
«Loronha² e a António Fogaça³. As do primeiro foram reconhecidas oficialmente no reinado
«de D. João III⁴ e as do segundo tiveram o mesmo tratamento no reinado de D. Sebastião⁵.

« ¹ FREIRE, Anselmo Braamcamp — «Archivo Historico Portuguez», vol. V (1 e 2). Jan-Fev. Lisboa, 1907,
«p. 73, Doc. 507.

« ² FREIRE, Anselmo Braamcamp — «Armario Portuguesa». Sl. Sd. p. 276-277, nota (1).

« ³ LEITE, António Pedro de Sousa — «A rosa vermelha de Henrique VIII num brasão de armas português».
««Boletim». Lisboa. Academia Portuguesa de Ex-Libris, 19 (69-70). 1974, p. 68-70.

« ⁴ FREIRE, Anselmo Braamcamp — op. cit.

« ⁵ GAIO, Manuel José da Costa Felgueiras — «Nobiliário de Famílias de Portugal», 15.º vol. Braga. Agos-
«tinho de Azevedo Meireles e Domingos de Araújo Afonso. 1939, p. 162, tít.: Fogaças, § 5, n.º 1.»

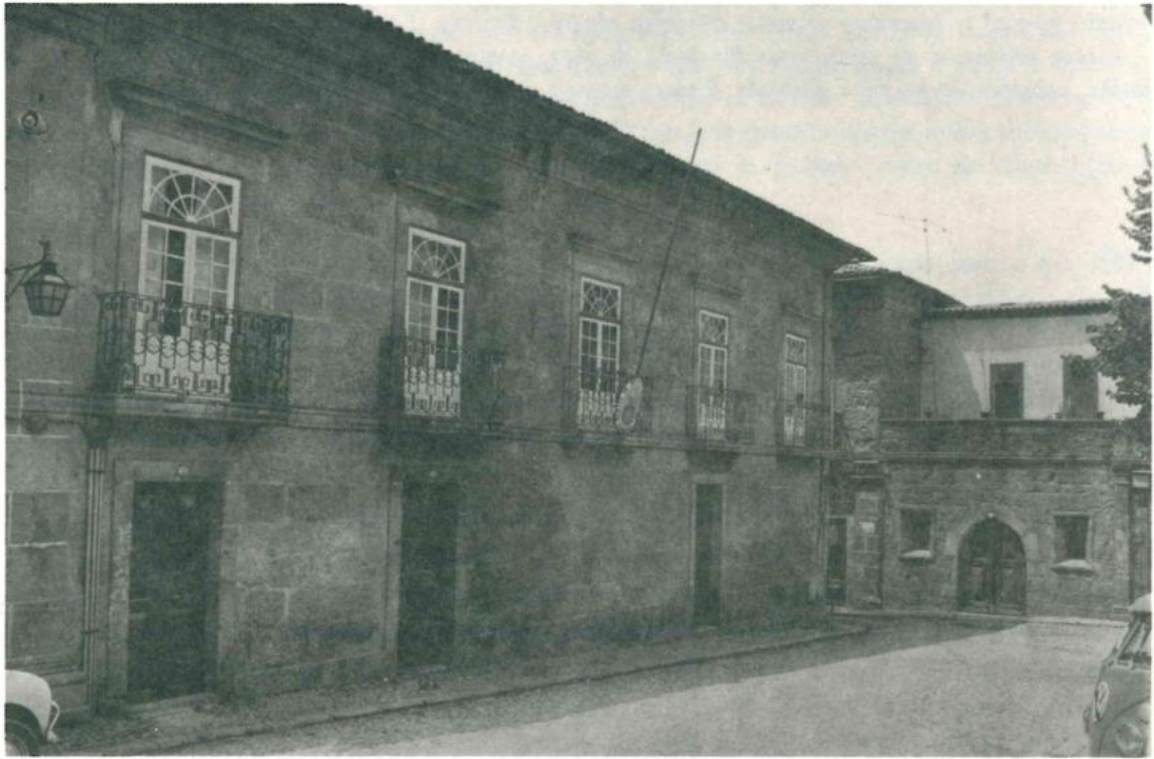
« Quanto à descrição das armas destes Almadas em terminologia técnica deveria ser a seguinte, «seguinte não só a descrição como o desenho normal da rosa Tudor:

« Escudo partido: I de verde, meia flor-de-lis de ouro, movente da partição; II de prata, meia rosa de «vermelho, apontada do mesmo e abotoada de ouro, movente da partição e pegada à meia flor-de-lis.»

Veja-se:

- *Nobiliário de Famílias de Portugal*, por Felgueiras Gayo, tít. de *Almadas*, § 16, de *Ferreiras*, § 28 (*Azenha*), tít. de *Leites*, § 26, tít. de *Machados*, § 1 (N 25), e tít. de *Origem dos Pinheiros*, § 32 (*Azenha*), e tomo I de *Costados*, cost. 94 (*Azenha, em Guimaraens*), e tomo IV de *Costados*, cost. 195 v.º (*Correas Moraes Madureiras, de Tarouca — Visconde d'Azenha*).
- *Arvores de Costados das Famílias Nobres*, por José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco, tomo I, costado 63, e tomo II, costado 86.
- *Resenha das Famílias Titulares e Grandes de Portugal*, por Albano da Silveira Pinto (e continuada pelo Visconde de Sanches de Baêna), tomo I, em *Azenha (Conde)*.
- *Ultimas Gerações de Entre Douro e Minho*, por José de Sousa Machado, vol. I, costado 86 (*Casa da Azenha — Viscondes e Condes da Azenha*), e vol. II, págs. 518 e 519 e pág. 588.
- *Livro de Oiro da Nobreza*, por Domingos de Araújo Affonso e Ruy Dique Travassos Valdez, tomo I, em *Azenha (Condes de)*, e tomo III, págs. 721, 811, 812, 813, 907, 918 e 996.
- *Nobreza de Portugal*, vol. II, em *Azenha (Visconde e Condes de)*.





44



45 a 49

45 e 46

Localização:

- Largo do Cónego José Maria Gomes.
- Padrão evocativo das Comemorações Centenárias da Fundação e Restauração de Portugal.

Material: granito.

Época: ano de 1940.

I

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica real.

Peças, não contidas em escudo.

Leitura:

PORTUGAL — ANTIGO (1)

(1) Com os besantes postos em cruz.

II

LIÇÃO HERÁLDICA:

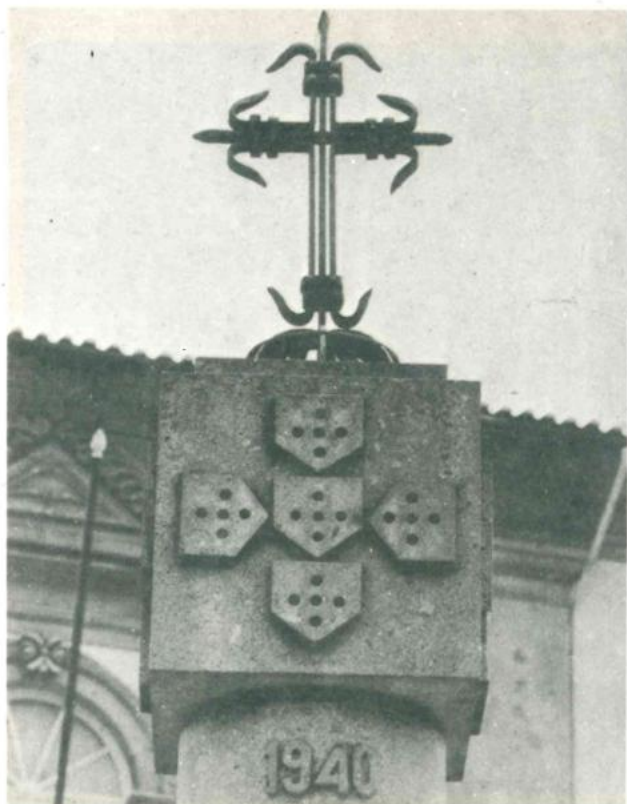
Classificação: heráldica real.

Peças, não contidas em escudo.

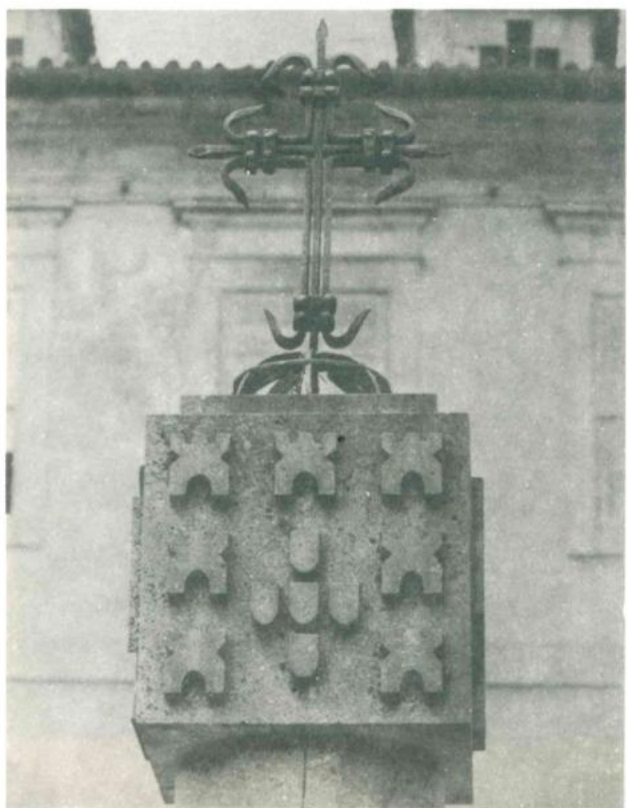
Leitura:

PORTUGAL (1)

(1) Os escudetes sem os besantes, e as torres, em vez de castelos, assentes no campo, por ausência da bordadura.



45



46



47



47 a 49

Localização:

— Convento de Santa Clara (extinto) ⁽¹⁵²⁾. Frontaria, — no portal.

Material: granito.

Época: ano de 1741 ⁽¹⁵³⁾.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das corporações religiosas.

Escudo, emoldurado por elementos decorativos, entre eles ornatos concheados e volutas, e o conjunto encimado e acompanhado em ponta por dois querubins.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

ORDEM DE S. FRANCISCO

(1)

(1) Somente se representaram os dois braços passados em aspa, o dextrochero com a mão estigmatizada.

⁽¹⁵²⁾ Ver os n.ºs 48 e 49.

⁽¹⁵³⁾ Neste ano foi construída a frontaria do Convento, barroca, pelo mestre de pedraria José Moreira (cf. *Guimarães*, — *Guia de Turismo*, por Alfredo Guimarães, pág. 100 (2.ª ed.)).

Localização:

— Convento de Santa Clara (extinto) ⁽¹⁵⁴⁾. A pedra de armas firmada na pilastra que, na frontaria, separa o corpo central do edifício do seu corpo da direita ⁽¹⁵⁵⁾.

Material: granito.

Época: século dezassete.

⁽¹⁵⁴⁾ Ver os n.ºs 47 e 49.

O lançamento da primeira pedra do Convento de Santa Clara ocorreu, quando não antes, no ano de 1548 ¹. Foi o seu fundador Baltasar de Andrade, mestre-escola da Colegiada de Guimarães, o qual, estando o edifício em via de conclusão, alcançou a autorização apostólica para a criação do instituto religioso pela Bula de 11 de Outubro de 1559 (quando a Sé Apostólica não tinha Pastor), confirmada e explanada pela de 11 de Outubro de 1560 (no primeiro ano de pontificado de Pio IV) ². Pouco ou nada resta da construção primitiva, sujeita a sucessivas alterações e reconstruções que a transformaram no actual edifício, o qual, em grande parte, se deve à protecção e dispêndio de D. José de Bragança, Arcebispo de Braga (1741-1756) ³. — Ver o n.º 29.

⁽¹⁵⁵⁾ Nas *Memórias Resuscitadas da Província de Entre Douro, e Minho*, (1726), já citadas, in «Do

¹ Conclusão, documentada, a que chegou o P.º Oliveira Guimarães, Abade de Tagilde (*Convento de Santa Clara de Guimarães*, in «Revista de Guimarães», vol. IX, págs. 188 e 189); e não em 1559, como afirmaram o P.º Ferreira Caldas (*Guimarães, — apontamentos para a sua historia*, vol. II, pág. 109: 29-9-1559) e o P.º Torquato Peixoto de Azevedo (*Memórias Resuscitadas da Antiga Guimarães*, pág. 326: 8-5-1559).

Ver *Convento de Santa Clara de Guimarães*, por Oliveira Guimarães, in «Revista de Guimarães», vol. IX (1892), págs. 187 a 208, e vol. X (1893), págs. 5 a 29.

² Cf. *Convento de Santa Clara de Guimarães* («Revista de Guimarães», vol. IX, pág. 189).

³ Cf. ob. cit. («R. G.», id., págs. 189 e 190). Lê-se neste trabalho («R. G.», id., pág. 191) que na igreja havia (há, em 1892) algumas campas com inscrições em grande parte ilegíveis, das quais a menos maltratada, seiscentista, com as armas dos Peixotos lavradas, protegia, junto ao altar de S. João Baptista, a sepultura de António Peixoto de Miranda e de Mateus Peixoto de Miranda, e que junto ao altar da Senhora da Conceição estava (está, em 1892) outra sepultura, a do P.º António Machado da Maia; e faz-se larga referência ao vínculo instituído pelo P.º Brás de Leiva Prego, de Montaos, na Galiza, filho legitimado de Rui Saco Prego e de Branca Vieira, moradores na Casa do Paço (Freitas — Fafe) (cf. ob. cit.). — Ver *Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga*, vol. IV (*Concelhos de Vieira do Minho e Póvoa de Lanhoso*), n.ºs 14, 15 e 16 (*Casa da Mota, em S. Martinho do Campo*) da 2.ª parte (*Concelho da Póvoa de Lanhoso*); e *Velhas Casas — IV (Freguesia de Creixomil)*, por Maria Adelaide Pereira de Moraes, in «Boletim de Trabalhos Históricos», do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães, vol. XXVII (1967/1974), título *Quinta do Paço*.

Confiscados, em 1910, o convento e a igreja, esta foi profanada e despida de todo o valioso recheio, e no seu interior encontra-se instalado, presentemente, o Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo arredondado na ponta e com chefe de linhas côncavas. Elmo de frente, com paquife, virol e timbre.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

ANDRADE

(1)

Timbre: uma espada, com a ponta para cima, empunhada por uma mão

(1) Uma banda abocada por duas cabeças de serpe.

Mosteiro de S. Clara», fl. 98: «Ainda hoje se concerva em hũa quina do ediffiço hum escudo das Armas dos Andrades.»

No mesmo trabalho de Oliveira Guimarães, mas no vol. X da «Revista de Guimarães», nas págs. 10 a 16, — (*não faço comentários*):

PADROADO

« Segundo o disposto na Bulla de erecção, o padroado d'este mosteiro pertencia ao fundador, o mestre-escóla «Balthazar de Andrade, e na sua falta a seus filhos Francisco de Andrade, thesoureiro-mór da Collegiada, Torquato «Peres de Andrade, mestre-escóla (decerto pela renuncia de Balthazar), e Isidoro de Andrade, conego da mesma; por «morte d'estes passaria a seus descendentes por linha recta, e na falta d'estes aos parentes e collateraes dentro do quarto «grau.

« No espolio do convento encontramos um documento, em publica fórma, pêlo qual Balthazar de Andrade doou «á infanta D. Isabel e a seu filho D. Duarte e a quem lhe succedesse no estado e senhorio de Guimarães * o padroado, «que na fundação reservára para os seus descendentes. O documento é datado de 30 de agosto de 1567, e confirmado «pelos immediatos padroeiros a 7 de novembro do mesmo anno.

« Esta doação não surtiu effeito e até foi arguida de falsidade em pleitos subsequentes.

« E, na verdade, se Francisco de Andrade e Torquato Peres de Andrade, immediatos successores de Balthazar «de Andrade, tivessem, como se diz, confirmado em 1567 a referida cedencia, não poderiam em 22 de outubro de 1575 «apresentar o vigario da egreja de Ribeiros, annexa, como já, dissemos, ao convento, invocando para isso a sua quali- «dade de padroeiros, prerogativa que lhes foi reconhecida pela Relação ecclesiastica de Braga, não obstante este tri- «bunal decidir que a apresentação de Ribeiros se não incluía nos direitos do padroado, mas pertencia á communi- «dade **.

« É, pois, provavel, senão certo, que as religiosas, talvez com ó intuito de se eximirem ao cumprimento de alguma «das obrigações exigidas pelos padroeiros, ou julgando-se mais nobilitadas com o padroado regio do que com o dos «senhores de Torrados, forjassem posteriormente o alludido documento, que, todavia, de nada lhes aproveitou, pois «os descendentes do fundador foram sempre considerados os legitimos padroeiros, tendo, porém, de sustentarem algumas «questões para conservarem este direito.

* O senhorio de Guimarães pelo fallecimento de D. Duarte voltou para a corôa, d'onde não tornou a sahir. S. M. el-rei «D. Carlos é o 21.º duque de Guimarães. Vid. *Portugal antigo e moderno* por Pinho Leal, tomo 3.º, pag. 359, e *Resenha [das Fami- «lias Titulares]* já citada, tomo 1, introdução, pag. xv.

** Archivo da camara ecclesiastica, idem, maço n.º 19 da letra M.

« Encontramos memoria d'estas pendencias entre os papeis do convento e no archivo da casa do Costeado, que examinamos, graças á obsequiosa deferencia do exc.^{mo} dr. Adelino Ferrão.

« D'elles apuramos os seguintes factos: por sentença da Relação do Porto de 11 de agosto de 1592, foi declarado Bartholomeu Faria de Andrade o parente mais proximo de Torquato Peres de Andrade, e por isso seu herdeiro, succedendo-lhe no padroado de Santa Clara. Este, na peste de 1599, quando as freiras se retiraram do convento, acompanhou algumas d'ellas para a quinta de Villa Verde, suburbios de Guimarães, e outros sitios, protegendo-as até se recolherem ao convento.

« Um irmão d'este, o desembargador Gonçalo Faria de Andrade, contratou com as freiras, por escriptura de 2 de março de 1605, reedificar-lhes a capella-mór da igreja, cedendo-lhe estas o padroado da mesma capella-mór; em 1 de junho do mesmo anno ajustou a factura da obra com o mestre pedreiro Pero Affonso de Amorim. Posteriormente, 1733, foi a capella-mór accrescentada e enriquecida com formosos quadros a oleo.

« O desembargador Gonçalo de Faria de Andrade foi vereador na cidade de Lisboa, casou na villa de Algoz, Traz-os-Montes, com D. Maria Paes da Costa, não tendo geração, e por isso, por seu testamento feito em janeiro de 1616, deixou herdeiro do padroado da capella-mór e d'um morgado, que instituiu, o seu sobrinho João de Faria de Andrade, filho do referido Bartholomeu de Faria.

« Em virtude d'este padroado da capella-mór, pretendeu João de Faria de Andrade collocar as suas armas na parte exterior do arco cruzeiro, o que as freiras lhe não permitiram, e a sentença do juiz de Guimarães, de 26 de abril de 1650, deu razão ás religiosas, mandando, todavia, que elle tivesse uma chave das grades da capella-mór para alli ir, quando lhe aprouvesse, orar pelas almas dos seus parentes, alli sepultados. Esta sentença foi confirmada pela Relação do Porto a 14 de dezembro de 1651, e pela Casa da Supplicação a 18 de março de 1652.

« Mais tarde, por occasião da reconstrucção da igreja, levantou-se outro pleito entre o padroeiro e as religiosas; sendo julgado pelo juiz de Guimarães a 6 de junho de 1733, e confirmado pela Casa da Supplicação a 19 de fevereiro de 1737, que as freiras não podiam fazer obras na capella-mór sem licença do padroeiro, que então era Francisco de Faria e Andrade.

« Ainda encontramos referencias a uma outra questão, relativa ao exercicio d'um dos direitos do padroado, reservado na Bulla de fundação, o de serem admittidas sem dote no mosteiro duas parentas do padroeiro, questão esta que, intentada pouco depois de 1733 por Francisco de Faria e Andrade, foi protelando-se com incidentes até ao tempo de seu neto João de Faria Freire de Andrade Golias, e ignoramos se terminou então, pois não encontramos a resolução final d'este negocio.

« Um dos incidentes levantados n'esta questão foi o suscitado pelas religiosas, que, para se esquivarem á admissão das duas parentas do padroeiro, allegaram que o fundador e seus filhos tinham doado, pelo documento de que acima fallamos, á infanta D. Isabel e filho D. Duarte o direito de padroado, que depois passára para a corôa com o senhorio de Guimarães. Apesar de não encontrarmos a resolução definitiva d'este incidente, é certo que ella foi favoravel aos Farias de Andrade, por isso que posteriormente os genealogistas indicam sempre os successores d'esta familia como padroeiros do mosteiro de Santa Clara *, e as armas d'esta familia, collocadas nos dois cunhaes do mirante, indicam esta prerogativa.

« Tambem houve questão sobre a successão do padroado entre os membros da familia Farias de Andrade, a que alludiremos em outro logar.

« A familia do fundador do convento não era oriunda de Guimarães, mas sim do Algarve. Lourenço de Andrade, filho de João Banha, do Algarve, e de sua mulher Maria de Andrade, foi fidalgo da casa de el-rei D. João II, serviu o duque de Bragança e Guimarães D. Jayme, e com este veio para Guimarães, aonde fixou residencia e se casou com D. Maria de Sousa, sua parenta.

« D'estes nasceu Balthazar de Andrade, fundador do convento, e Leonor de Andrade, a qual casou com Pedro Affonso de Araujo.

« De Leonor de Andrade e seu marido nasceu D. Helena de Andrade, que casou com João Ribeiro de Faria, senhor de Torrados **.

« Posto isto, eis, á face do escripto por diversos genealogistas e dos documentos existentes no convento e na casa do Costeado, a série dos padroeiros de Santa Clara:

« 1.^o — Balthazar de Andrade, mestre-escôla da Collegiada, fundador e primeiro padroeiro.

« 2.^o — Francisco de Andrade, Torquato Peres de Andrade, filhos do fundador, padroeiros em commum, consoante a Bulla de erecção. A Bulla ainda falla de Isidoro de Andrade, tambem filho do fundador, que exerceria o padroado com seus irmãos, mas fallecendo em vida do pae, ao que parece, não chegou a gozar este direito.

* *Arvores de costados*, por José B. Canaes, tomo II, pag. 76, e *Resenha* já citada, tomo I, pag. 495 e outros.

** *Nobiliario* de Gajo, Ms. no archivo da Misericordia de Barcellos.

« 3.º — Torquato Peres de Andrade, o segundo nomeado antecedentemente, que sobreviveu ao irmão e exerceu «o padroado *in solidum*.

« 4.º — Bartholomeu Faria de Andrade, parente mais proximo do antecedente, conforme a sentença da Relação «do Porto de 1592, já acima referida, era filho de D. Helena de Andrade, sobrinha do fundador, e de seu marido João «Ribeiro de Faria, já supra referidos; casou com D. Mecia Ferraz do Amaral.

« 5.º — João de Faria de Andrade, filho do antecedente, casou a primeira vez com D. Maria de Sequeira, de quem «teve entre outros filhos a Gonçalo de Faria de Andrade, que casou na villa de Thomar com D. Suzana de Freitas, e teve «geração. Casou a segunda vez com D. Giralda Machado de Miranda, da casa de Alemtem. Este foi o primeiro adminis- «trador do morgado instituido por seu tio, o desembargador Gonçalo de Faria e Andrade, e primeiro padroeiro da «capella-mór do convento, conforme o testamento do mesmo seu tio, já referido supra.

« 6.º — Bartholomeu Faria de Andrade, filho do segundo matrimonio do antecedente, succedeu na casa de Torra- «dos e padroado, não obstante a questão intentada por Gonçalo de Faria e Andrade, seu irmão, filho do primeiro matri- «monio de seu pae, que talvez casasse contra vontade do pae, e por isso desherdado; casou com D. Serafina de Miranda «e Almeida, da casa da Torre; tomou posse do padroado em 1655.

« 7.º — Francisco de Faria Freire de Andrade, filho do antecedente, casou com D. Luiza, ou Maria Luiza de «Oliveira Leitão, sobrinha do bispo de Angola, D. Frei José de Oliveira.

« 8.º — Bartholomeu Faria de Andrade da Fonseca e Sousa *, filho do antecedente, casou com D. Vicencia ou «Benicia Antonia da Silva de Araujo de Castro Peixoto, da casa da Faia.

« 9.º — João de Faria Freire de Andrade Ribeiro Golias, filho dos antecedentes, casou a 11 de fevereiro de 1768 «com D. Ignez Maria ou Maria Ignez Magdalena de Palhares e Coelho de Brito Lobato, da casa e torre de Trute; «falleceu a 11 de abril de 1797 e a mulher a 18 de fevereiro de 1789.

« 10.º — D. Joaquina Maxima de Faria Freire de Andrade, filha mais velha dos antecedentes, nasceu a 3 de «novembro de 1771 e falleceu sem successão a 26 de abril de 1845, tendo casado com José Lourenço Pinto Coelho «Guedes da Silva Pereira, a 30 de janeiro de 1797.

« 11.º — D. Anna Peregrina de Faria Freire de Andrade de Brito Palhares Coelho, irmã da antecedente, nasceu «a 3 de maio de 1775, falleceu a 8 de maio de 1858, casou a 8 de maio de 1819 com Antonio de Napoles Vaz Vieira de «Mello Alvim, 1.º barão do Costeado por decreto de 7 de maio de 1848, o qual falleceu a 26 de junho de 1857 **.

« Estes falleceram sem successão, e os bens, em que se incluye a casa de Torrados, a que pertencia o padroado de «Santa Clara, passaram para a segunda sobrinha do barão, a exc.^{ma} snr.^a D. Maria José dos Prazeres do Amaral Castello «Branco Bernardes de Carvalho, nascida em 14 de julho de 1843 e casada a 29 de maio de 1866 com o snr. dr. Adelino «Pinto Tavares de Mendonça Ferrão, os quaes vivem na casa do Costeado, freguezia de Creixomil, suburbios de Gui- «marães.»¹

* A instancias d'este, o celebre genealogista e jornalista, ou gazeteiro, como então se dizia, José Freire de Monterroyo «Mascarenhas, escreveu em 1742 um tratado da familia do appellido de Golias, que é, como o auctor diz na dedicatória, «hũa joya «formada do ouro mais puro da nobresa mais antiga e mais illustre, guarnecida de brilhantes tirados das corôas de muitos reis e «soberanos da Europa».

« Tenho diante de mim uma copia d'este tratado, pertencente ao snr. barão de Pombeiro. Tem 44 folhas e é dividido em «duas partes; a primeira, occupa-se da origem e descendencia d'esta familia e abrange 21 folhas, incluida a dedicatória; a segunda «compõe-se das arvores de costado, que mostram a ligação com diversas familias. O titulo d'esta parte indica-nos a materia e «merito da obra. É o seguinte: «Bosque genealogico composto de muitas e diferentes arvores em cujas folhas se expõem os nomes «dos avós e mais ascendentes do senhor Bartholomeu de Faria Andrade da Fonseca e Sousa, senhor da quinta de Torrados, cujos «troncos sam os mais antigos de Portugal e de nobresa muy notoria, cujas raizes se achão regadas com torrentes copiosas do real «sangue de muitos esclarecidos monarchas, e soberanos não só de Portugal e Hespanha mas da Europa, nascidas naturalmente mas «ideadas n'este papel pelo estudo de José Freire de Monterroyo Mascarenhas, fidalgo da casa de Sua Magestade n'este anno de 1742».

« ** A *Resenha das familias titulares* diz 26 de julho. É erro, como pôde verificar-se pelo registo parochial da freguezia de «Creixomil.»

¹ Ver, com muito interesse, *Velhas Casas, III (Freguesia de Creixomil)*, — *Casa do Costeado*, por Maria Adelaide Pereira de Moraes, in «Boletim de Trabalhos Históricos», do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães, vol. XXVI (1966).



48



49

Localização:

— Convento de Santa Clara (extinto) ⁽¹⁵⁶⁾. Na frontaria, — na última pilastra da direita.

Material: granito.

Época: século dezoito.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das corporações religiosas.

Escudo, rodeado de elementos decorativos (ornatos concheados e folhas de acanto estilizadas).

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

AS CINCO CHAGAS DE CRISTO

(1)

(1) As cinco chagas estão rodeadas de um cordão de S. Francisco posto em orla. O escudo com as cinco chagas de Cristo é frequente nas edificações franciscanas (*de ouro, cinco chagas de vermelho*).

⁽¹⁵⁶⁾ Ver os n.ºs 47 e 48.

Localização:

— Rua de Santa Maria.

— Casa que pertenceu a Francisco Duarte de Meireles. Na frontaria.

Material: granito.

Época: segundo quartel do século dezoito (depois do ano de 1736).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo e elmo com paquife, virol e timbre.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

BRAGANÇA (1)

Timbre das armas (2)

(1) Em cada um dos cinco escudetes (*Portugal*) faltam os besantes e a bordadura com os castelos: *uma aspa com cinco escudinhos do Reino* (carta de brasão de armas), — e a aspa devia estar firmada. Ausência da diferença: *e por diferença um risco preto em contrabanda* (c. b. a.).

(2) *Um cavalo sainte, com cabeçada, freio e rédeas, com três lançadas no pescoço* (c. b. a.).

*
* * *

Francisco Duarte de Meireles. — Teve carta de brasão de armas a 20 de Fevereiro de 1737. Nasceu em Guimarães, na freguesia de Nossa Senhora da Oliveira, onde foi baptizado na Igreja da Colegiada a 20 de Novembro de 1678, sendo seus pais João Duarte do Vale e sua mulher, Catarina de Meireles, moradores na Rua dos Mercadores ⁽¹⁵⁷⁾, ela filha de António de Meireles e de sua mulher, Maria Nogueira, senhora da Casa da Nogueira (Cete — Paredes), a qual era filha de Gonçalo Nogueira, senhor da mesma casa, e de sua mulher, Leonor Fayão, e esta era filha natural do Padre Afonso Fayão, e este também filho natural do Duque de Bragança Dom Teodósio (D. Teodósio I) ⁽¹⁵⁸⁾. Faleceu na sua casa na Rua de Santa Maria a 25 de Outubro de 1754 ⁽¹⁵⁹⁾. Casou em S. Paulo, Brasil, com D. Joana Leite de Borba, filha do tenente-general Manuel de Borba Gato e de sua mulher, D. Maria Leite, — c. g. extinta; e casou a 2.^a vez com D. Antónia Belizandra do Vale, — s. g. ⁽¹⁶⁰⁾

*
* * *

Carta de brasão de armas passada a Francisco Duarte de Meireles:

No Arquivo Municipal Alfredo Pimenta,
de Guimarães.
Livro 4.^o do Registo das Provisões da Câmara
de Guimarães, fls. 157 e segs., — cota: 6-2-9.

«Registo de hua Petição. E Brazam darmas de Fran.^{co} Duarte de meyrelles morador nesta villa de guim.^{es} na forma que nelle se comthem.

Petição. // Dis Francisco Duarte de Meyrelles desta villa que a elle lhe e neceçario rezistar nos liuros da camara desta villa o Brazam Junto que Alcanssou Pello que // Pede a vossa merçe se digne mandar ao Escrivaõ. deste senado o reziste na forma do Estillo e rēçebera merçe // Despacho // Registéçe // Aluino // Brazam darmas de Francisco Duarte de Meirelles morador na villa de guimarais // Dom Joam por Graça de Deos Rey de portugal, e dos Algarues daquem e, dallem mar em affrica senhor de guiné e,

⁽¹⁵⁷⁾ Livro de Nascimentos n.^o 3 de Nossa Senhora da Oliveira, fl. 50, — no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães.

⁽¹⁵⁸⁾ Cf. a carta de brasão de armas.

⁽¹⁵⁹⁾ Livro de Óbitos n.^o 3 de Nossa Senhora da Oliveira, fl. 240, — A. M. A. P.

⁽¹⁶⁰⁾ Cf. *Os Braganças da Província do Minho*.



50



da comquista nauegação. do commercio da Ethiopia Arabia Perçia e India &.^a A coantos esta minha carta virem faço saber que Francisco Duarte de meirelles morador na uilla de guimaraes me fes Petição. em como elle descendia e uinha da geração. e linhagem dos de braganssa e suas armas lhe pertençaõ. de dir.^{to} e pedindome por merçe que para a memorja de seos Anthessores se naõ. perder e elle huzar, e gozar da onrra das Armas que pellos mereçimentos de seos seruiços ganharaõ. E lhe foram dadas, e asim dos Preuillegios honrras graças, e merçes que por direito e por bem dellas lhe pertencem lhe mandasse dar minha carta das ditas armas que estauaõ. registadas em os liuros dos registos das Armas dos nobres e fidalguos de meus Reynnos que tem Portugal meu Principal Rey darmas A coal Petição vista por mim mandej sobre ella thirar emquerição. de testemunhas pello Doutor Joaõ. da Sylua rodarte do meu Dezembargo e meu Dezembarguador em esta minha corte e caza da supplicação. corregedor do ciuel, em ella, e por caetano Jozeph de moura escriuaõ. do dito Juizo pellas quais Fui certo que elle Procede e vem da geração. E linhagem dos ditos de Bragança como Filho Legitimo de Joaõ. Duarte do valle e de sua mulher Catherinna de mejrelles nepto pella parte Paterna de Joaõ. Duarte e Maria rodrigues moradores que foraõ. na freiguesia de Prazins termo de guimaraes E pella materna neto de Ant.^o de mejrelles e de sua mulher Maria nigr.^a Bisneto de gonçallo nogueira e, de sua m.^{er} Leonor Fayaõ. a qual era Filha natural do Padre Afonço Fayaõ. E este tambem filho natural do Duque de Bragança Dom Theodozio os quois todos sempre se trataraõ. a Ley da Nobreza com o estado a ella deuido como pessoas nobres que eraõ. sem que nelles ouueçe raça de Judeo mouro ou mullato, nem de outra Infecta nação. e que de direjto as suas Armas lhe pertencem As coais lhe mandej em esta minha carta com seu Brazaõ. Elmo e timbre como Aquj vaõ. deuizadas e asim como fiel e uerdadeira mente se Acharaõ. deuizadas e registadas em os liuros dos registos do dito Portugal meu Rey darmas, A saber hum escudo com armas digo escudo com as armas de Bragança que saõ. em campo de Prata hua Aspa vermelha com cinco escudinhos do Reyno elmo de prata aberto guarnecido de ouro paquife de prata vermelho, E azul, timbre hum cavallo nascente de prata com tres lançadas no pescosso com redeas vermelhas e por differença hum risco Preto en contra banda O qual escudo armas e sinais possa trazer e traga o dito Francisco Duarte de Meirelles asim como as trouxeraõ. e dellas uzaraõ. seus Antecessores em todos os lugares de honrra em que os ditos seos Antecessores e os nobres e antigos Fidalguos sempre as costumaraõ. trazer em tempo dos muy esclarecidos Reys meos Antecessores e com ellas possa entrar em batalhas campos rectos (*sic*) escaramuças E exerçitar com ellas thodos os outros actos liçitos da guerra e da pas e asim as possa trazer em seos Firmais aneis senetes e, deuisas e as por em suas cazas eidifícios e deixallas sobre sua propria sepultura e final menthe se seruir honrrar gozar, e aproueitar dellas em todo, e por todo como a sua nobreza comvem, com o que quero, e me praz que haja elle e thodos seos descendentes todas as onrras preuillegios liuerdades graças e merçes Izençois, e Franquezas que haõ. e deuem hauer os fidalguos Nobres e, de Antiga linhagem e, como sempre de thodo huzaraõ., e gozaraõ. seos Antecessores Porem mando a todos meus corregedores e Dezembarguadores Juizes e, Justiças Alcaydes e em expiçial aos meus Reys darmas Arautos e Passavantes, e a coais quer

outros oficiais, e pessoas a que esta minha carta for mostrada E o conhecimento della pertencer que em thodo lho cumpraõ., e guardem e façam cumprir e guardar como nelle he comtheudo sem duuida nem embargo Algum que em ella lhe seja posto porq. assim he minha merçe // ElRey Nosso senhor o mandou por Manoel Pereyra da Sylua seu Rey darmas Portugal // Frey Jozeph da Cruz da ordem de Saõ. Paulo Reformador do Cartorio da nobreza do Reyno por espeçial Provizãõ. do dito senhor a fez em Lx.^a ocçidental aos vinte dias do mez de Feuereiro do Anno do nasimento de nosso senhor Jezus Christo de mil sete sentos e, trinta e çete, e vay sottoscrita por Antonio Françisco e Souza Escriuaõ. da nobreza nestes Rejnno e senhorios de Portugal e suas conquistas. E eu Antonio Françisco e Souza A sobescreuy / Rey darmas Portugal // Registo Fica registado este Brazam no liuro outenta do registo geral digo do rezisto dos Brazois da nobreza de Portugal a folhas Duzentas e uinte e noue Lisboa ocçidental aos vinte dias do mes de março de mil sete sentos e trinta e sete // Antonio Françisco e Souza // Despacho // Cumpraçe e se reziste Guimaraes de setembro vinte de mil sete sentos e trinta e sete // Doutor Perejra de Carualho // E nam se comtinha mais em a dita Petiçam e Brazam darmas que eu fernando Pejxoto do Amaral escriuaõ. proprietario da camara em esta villa de guimaraes e, seu termo por sua magestade que deos guarde &.ª Aquj fiz rezistar do proprio bem e fiel mente que esta na uerdade sem couza que duuida faça e, ao proprio me reporto que torney a emtreagar ao dito Françisco Duarte de Meyrelles que de como o tornou a Receber aquj asinou e por uerdade me asigno nesta dita villa de guimaraes aos vinte e sete dias do mes de Feuerejro de mil sete sentos, e quarenta e, hum annos sobredito = Fernd.º Peyxoto do Amaral a fis Registrar e assignej. *Assinaturas*: Fran.º Duarte de Ms. e Fernando Peyxoto do Am.^{al}.»

Veja-se:

— *Os Braganças da Província do Minho*, por Elísio de Meireles Ferreira de Sousa. Porto-1970 (161).

(161) Nesta obra: a carta de brasão de armas passada, a 18 de Maio de 1734, a Hipólito de Meireles Afonso Fayão (*Bragança*, com um filete em contrabanda); a carta de brasão de armas passada, a 16 de Julho de 1748, a Ventura Fernandes de Meireles (*Bragança*, com um filete em contrabanda); e a carta de brasão de armas passada a Francisco Duarte de Meireles.

Localização:

- Rua de Santa Maria.
- Casa dos Valadares, de Santa Maria. Na frontaria.

Material: granito.

Época: século dezoito.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo de fantasia, assente numa cartela com volutas, um ornato concheado e motivos fitomórficos. Elmo com timbre.

Escudo:

Composição: esquartelada.

Leitura:

I VALADARES	(1)
II CARVALHO	(2)
III VIEIRA	(3)
IV VASCONCELOS	(4)
Timbre de VALADARES	(5)

(1) Com a ordem dos quartéis alterada, — tendo-se esculpido no I um xadrezado de oito peças em faixa e cinco em pala e no IV um xadrezado de seis peças em faixa e cinco em pala. São as armas dos Valadares: *esquartelado: o I e o IV com um leão; o II e o III xadrezado de seis peças em faixa e seis em pala.*



51



- (2) Em vez de *uma estrela de oito pontas, encerrada numa caderna de crescentes*, esculpiu-se: cinco crescentes apontados, encerrando uma estrela de cinco pontas.
- (3) Seis vieiras, 2, 2 e 2.
- (4) Três faixas veiradas.
- (5) Com o leão passante. É o timbre dos Valadares *um leão*, ou *um leão com a cabeça xadrezada*.

*
* *
*

Lucas Fernandes de Carvalho, cavaleiro do hábito de Cristo, prebendeiro da Colegiada de Guimarães (1716-1728), escrivão da Misericórdia de Guimarães, viveu na Rua de Santa Maria, onde faleceu a 14 de Dezembro de 1728 ⁽¹⁶²⁾, tendo sido seus pais Domingos de Freitas e sua mulher, Maria Fernandes, moradores na mesma rua. Casou duas vezes: a 1.^a vez, a 17 de Janeiro de 1711, na freguesia de Creixomil, no termo de Guimarães, com D. Ana Maria Fernandes Branco (filha de Domingos Gonçalves Branco e de sua mulher, Isabel Fernandes) ⁽¹⁶³⁾, que faleceu na Rua de Santa Maria a 29 de Agosto de 1711 ⁽¹⁶⁴⁾, — sem geração; e a 2.^a vez, em Guimarães, na freguesia de S. Paio, a 15 de Junho de 1715, com D. Benta Rosa Vieira Valadares ⁽¹⁶⁵⁾, que foi baptizada em S. Paio a 23 de Agosto de 1694 (filha de Manuel de Valadares Vieira e de sua mulher, Antónia Dias Cardote, moradores na Rua dos Gatos, em Guimarães ⁽¹⁶⁶⁾, onde faleceram) e faleceu na casa da Rua de Santa Maria a 3 de Maio de 1754 ⁽¹⁶⁷⁾, — havendo, entre outros, Luís António de Carvalho Valadares, que segue.

Luís António de Carvalho Valadares, sucessor, sargento-mor de Guimarães, nasceu na Rua de Santa Maria a 18 de Dezembro de 1717 ⁽¹⁶⁸⁾ e aí faleceu a 19 de Outubro de 1781 ⁽¹⁶⁹⁾, tendo casado a..... com D. Maria Madalena Vaz Portela, filha de João Francisco Portela e de sua mulher, D. Jerónima Ribeiro Vaz, — havendo, entre outros ⁽¹⁷⁰⁾, D. Benta Rosa de Carvalho Valadares, que segue.

⁽¹⁶²⁾ Livro de Óbitos n.º 2 de Nossa Senhora da Oliveira, fl. 94 v., — no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães.

⁽¹⁶³⁾ Livro Misto n.º 6, fl. 93, — no A. M. A. P.

⁽¹⁶⁴⁾ Livro de Óbitos n.º 1 de Nossa Senhora da Oliveira, fl. 175, — no A. M. A. P.

⁽¹⁶⁵⁾ Livro de Casamentos n.º 2, fl. 8, — no A. M. A. P.

⁽¹⁶⁶⁾ Livro de Nascimentos n.º 4, fl. 14 v., — no A. M. A. P.

⁽¹⁶⁷⁾ Livro de Óbitos n.º 3 de Nossa Senhora da Oliveira, fl. 234 v., — no A. M. A. P.

⁽¹⁶⁸⁾ Livro de Nascimentos n.º 5 de Nossa Senhora da Oliveira, fl. 59 v., — no A. M. A. P.

⁽¹⁶⁹⁾ Livro de Óbitos n.º 4 de Nossa Senhora da Oliveira, fl. 82, — no A. M. A. P.

⁽¹⁷⁰⁾ O filho Tomás José de Carvalho Valadares Vieira teve carta de brasão de armas (*Arquivo Heraldico-Genealogico*, pelo Visconde de Sanches de Baêna, pág. 582, n.º 2325: «Br. p. a 15 de Setembro de 1791» (Carvalho, Valadares e Vieira)).

D. Benta Rosa de Carvalho Valadares. Nasceu na Rua de Santa Maria a 9 de Fevereiro de 1748 ⁽¹⁷¹⁾ e casou, na freguesia de Nossa Senhora da Oliveira, a 14 de Novembro de 1780, com seu primo no quarto grau canónico Domingos José Pacheco de Valadares, natural de Ribeira de Pena, filho de Gervásio Pacheco de Meireles e de sua mulher, D. Catarina de Valadares Vieira ⁽¹⁷²⁾; — com geração. ⁽¹⁷³⁾



⁽¹⁷¹⁾ Livro de Nascimentos n.º 7 de Nossa Senhora da Oliveira, fl. 2 v., — no A. M. A. P.

⁽¹⁷²⁾ Livro de Casamentos n.º 2, fl. 110, — no A. M. A. P.

⁽¹⁷³⁾ Esta notícia sobre os Valadares foi elaborada com os elementos amavelmente fornecidos ao Autor pela insigne Genealogista D. Maria Adelaide Pereira de Moraes, elementos extraídos do trabalho que tem em preparação sobre os Valadares de Guimarães.

Localização:

— Igreja do Convento do Carmo (extinto) ⁽¹⁷⁴⁾. Rematando o nicho, com a Imagem de S. José, que encima o portal.

Material: granito.

Época: ⁽¹⁷⁵⁾.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das corporações religiosas.

Escudo peninsular, acompanhado de motivos decorativos. Coroa de fantasia e timbre.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

CONGREGAÇÃO DOS CARMELITAS CALÇADOS

Timbre

} (1)

⁽¹⁷⁴⁾ O Convento do Carmo pertenceu a freiras da congregação de observância moderada da Ordem de Nossa Senhora do Carmo (Carmelitas Calçadas). Ver o n.º seguinte.

⁽¹⁷⁵⁾ A primeira pedra para a edificação da igreja e convento foi lançada a 26 de Março de 1685, dizendo-se a primeira missa, apesar do atrazo da obra, a 8 de Abril de 1687 (cf. *Guimarães, — apontamentos para a sua historia*, pelo P.º António José Ferreira Caldas, vol. II, pág. 141). Porém, a pedra de armas é de uma época muito posterior à da construção da igreja.

(1) É o brasão de armas usado pelos Carmelitas Calçados: *de negro, mantelado de prata, e três estrelas de seis pontas de um no outro*; coroa de fantasia; timbre: *um braço emangado de negro, com a mão empunhando uma espada flamejante, rodeado de doze estrelas de ouro*; superiormente ao conjunto uma filactera de prata, forrada de negro, com a legenda do mesmo ZELO ZELATUS SUM PRO DOMINO MEO ⁽¹⁷⁶⁾. No escudo da pedra de armas: cada estrela, com oito pontas, está inscrita num círculo, e temos, a mais, uma cruz sainte do campo com a extremidade dos três braços terminando em triângulo isósceles com a base para fora; e no timbre faltam as doze estrelas e lê-se na filactera ZELO ZELATV(S) SVM PRO DOMINO DEO EXERCITVVM. Se a cruz no escudo fosse uma cruz latina, estávamos na presença das armas dos Carmelitas Descalços (*de negro, mantelado de prata, com uma cruz de negro, sainte do campo, e três estrelas de oito pontas de um no outro*). Chamo a atenção para o seguinte: é frequente encontrarem-se exemplares do brasão de armas dos Carmelitas Descalços, — do séc. xvii ao séc. xix, — com o timbre e a legenda do brasão de armas dos Carmelitas Calçados. ⁽¹⁷⁷⁾



(176) No terceiro livro dos Reis, cap. XIX, encontra-se repetido, duas vezes, o versículo completo donde foi tirada a legenda: *Zelo zelatus sum pro Domino Deo exercituum* (eu ardo de zelo pelo Senhor Deus dos exércitos). É uma das frases que Elias, — o fundador, acerrimamente contestado, dos Carmelitas, — proferiu no alto do Monte Horeb, tendó por interlocutor Deus. Substituindo o «Deo exercituum» pelo ablativo do possessivo meus, mei — «meo», os Carmelitas formaram a sua legenda: *Zelus zelatus sum pro Domino meo* (eu ardo de zelo pelo meu Senhor).

(177) As freiras da Ordem de Nossa Senhora do Carmo ou do Monte Carmelo encontram-se divididas, desde os meados do terceiro quartel do séc. xvi, em duas congregações distintas: carmelitas calçadas ou conventuais e carmelitas descalças ou observantes. A segunda congregação teve a sua origem na reforma iniciada por Santa Teresa de Jesus, em 24 de Agosto de 1562, no Convento «de la Encarnación», em Ávila, pela qual se procurava regressar à observância escrupulosa da austeridade da Regra Primitiva aprovada por Inocêncio IV em 1247, reforma que foi confirmada por Pio IV em 1565.



52



52 e 53



Localização:

- Convento do Carmo (extinto) ⁽¹⁷⁸⁾.
- Portada ⁽¹⁷⁹⁾.

Material: granito.

Época: ano de 1732.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das corporações religiosas.

Escudo, assente numa cartela barroca. Tenentes: dois anjos. Coroa real.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

CONGREGAÇÃO DOS CARMELITAS CALÇADOS (1)

(1) Cada estrela com oito pontas. Ver o n.º anterior.

⁽¹⁷⁸⁾ Ver o n.º anterior.

⁽¹⁷⁹⁾ Trabalho barroco, realizado, em 1732, pelos mestres de pedraria vimaranenses João e António Pinto. Ver *Guimarães, — Guia de Turismo*, por Alfredo Guimarães, págs. 95, 96 e 97 (2.ª edição).

Localização:

- Largo de Martins Sarmiento (Largo do Carmo).
- Chafariz ⁽¹⁸⁰⁾.

Material: granito.

Época: ano de 1583, — e século dezanove.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica real.

Escudo peninsular, assente numa cartela decorativa.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

PORTUGAL — ANTIGO

(1)

(1) Cinco escudetes postos em cruz, cada um carregado de cinco besantes. Os escudetes que se vêem foram cravados no escudo em pleno séc. XIX, pois que os primitivos haviam sido picados em 1809 ⁽¹⁸¹⁾.

⁽¹⁸⁰⁾ Ver o n.º seguinte. Este chafariz, que é obra da Renascença, feito sob a traça do mestre de pedraria vimaranense Gonçalo Lopes, esteve primitivamente no Largo do Toural (cf., por ex., *Guimarães*, — *Guia de Turismo*, por Alfredo Guimarães, 2.ª ed., págs. 97 e 100).

⁽¹⁸¹⁾ Ver o n.º 1, nota ⁽³⁾.



54



55

Localização:

- Largo de Martins Sarmiento (Largo do Carmo).
- Chafariz ⁽¹⁸²⁾.

Material: granito.

Época: ano de 1583.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica municipal.

Escudo em forma de cartela.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

ARMAS ANTIGAS DE GUIMARÃES

(1)

(1) Assim: a Virgem Maria sustendo o Menino Jesus no braço sinistro, tendo à dextra uma oliveira arrancada.

(182) Ver o n.º anterior.



54 e 55

Localização:

- Largo de Martins Sarmento (Largo do Carmo).
- Casa do Carmo. Frontaria.

Material: granito.

Época: século dezoito (último quartel).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo, assente numa cartela com ornatos concheados, volutas e flores. Elmo com virol e timbre.

Escudo:

Composição: partida.

Leitura:

I MACEDO (1)

II CARDOSO (2)

Timbre de MACEDO (3)

(1) São as armas dos Macedos: *cinco estrelas de seis pontas*. Na pedra de armas cada estrela assemelha-se a uma flor de seis pétalas.

(2) Um cardo florido de uma peça, arrancado, sustido por dois leões afrontados. Ver a nota (185).

(3) Um braço vestido, com a mão empunhando uma maça de armas.

*
* *
*

Carta de brasão de armas passada a Domingos José Cardoso de Macedo ⁽¹⁸³⁾:

«DOM JOZE / Por graça de Deos Rey / de Portugal, e dos Algarves, / da quem, e da
lem Mar / em Africa Senhor de Gui- / né, e da Conquista Nave- / gação do Comercio
da Ethiopia Ara- / bia, Percia, e da India &.ª Faço saber / aos que esta Minha Carta de
Brazaõ / de Armas de Nobreza, e Fidalguia vi- / rem, que Domingos Jozé Cardozo de /
Macedo, Cavalleiro profeço na Ordẽ / de Christo, natural da Villa de Gui- / maraês,
Me fes petiçaõ dizendo, que / pella sentença de justificaçaõ de sua / Nobreza a ella junta
proferida pello / Meu Dezembargador, e Corregedor / do Civel da Corte, e Caza da
Suplica- / çãõ o Doutor Joze Antonio Cobeiro / de Azevedo, sobscripta por Cypri- / ano
Antonio Rodrigues Neves Es-/crivaõ do dito juizo, se fazia certo, / que elle he Filho
legitimo de Jero- / nimo Ennes, e de sua molher Cu- / stodia Cardoza. Neto pella parte /
Paterna de Domingos Ennes, e de / sua m.^{er} Margarida Fernandes // ambos naturaes da
freguezia de S. Ro- / maõ de Mizaõ frio. E pella Materna, / que he Neto de Manoel de
Macedo, na- / tural da Freguezia do Salvador de Soutto, / e de sua m.^{er} Marianna Car-
doza, da fre- / guezia de S. Lourenço de Sima de Se- / lho. Os quaes seus Pays, e Avôs ⁽¹⁸⁴⁾
que foraõ / pessoas muito Nobres, e legitimos des- / cendentes das familias dos apellidos /
de Macedos, e Cardozos que neste Rey- / no saõ Fidalgos de Linhagem Cotta de / Armas,
e de Solar conhecido, e como ta- / es se trataraõ a ley da Nobreza com Ar- / mas, Cavallos,
e Creados. Pello que me / pedia por Mercê, que para a memo- / ria dos ditos seus Proge-
nitores se naõ / perder, e clareza de sua antiga Nobreza / lhe mandace dar Minha Carta
de Bra- / zaõ de Armas das referidas familias / para dellas tambem uzar na forma, q̃. / as
trouxeraõ, e foraõ concedidas aos ditos / seus Progenitores, e elle as deve trazer se- / gundo
o Meu Regimento e Ordenaçãõ / da Armaria. E vista por Mim a dita / sua petiçaõ,
e sentença, e estar nella sen- / tenceado tudo o referido, lhe mandei / passar esta Minha
Carta de Brazaõ de / Armas das referidas familias, na forma / que aqui vaõ Brazonadas,
Divizadas, e // e Illuminadas com cores, e metaes segũ- / do se achaõ registados (*sic*) no
Livro dos Re- / gistos das Armas da Nobreza, e Fidalgui- / a destes Meus Reynos que tem
Portu- / gal Meu Principal Rey de Armas. A sa- / ber. Hum Escudo partido em palla. /

⁽¹⁸³⁾ Arquivo de família do 3.º Conde de Margaride.

Esta carta de brasão de armas esteve inédita até ser publicada no «Boletim de Trabalhos Históricos», do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, vol. XXVIII (1975/1977), pelo Heraldista Manuel Artur Norton, que, através da sua obra em publicação *Cartas de Brasão de Armas*, arrojada e de interesse absoluto, já nos tem dado a conhecer grande número de documentos inéditos. O registo desta carta de brasão de armas está na fl. 138 do Livro I dos copiadores do Cartório da Nobreza, — mas não se encontra extractada, por esquecimento, no *Archivo Heraldico-Genealogico*, do Visconde de Sanches de Baêna.

⁽¹⁸⁴⁾ Ver *Carta de Brasão de Armas* — XXXI (nota ⁽¹⁸³⁾).



56



Na primeira as Armas dos Macedos / em campo azul cinco estrellas de seis / pontas em sautor de ouro. Na segunda / as dos Cardozos em campo vermelho / hum cardo verde perfilado de ouro ⁽¹⁸⁵⁾ / entre dois leoões do mesmo metal ba- / talhantes. Elmo de prata aberto / guarnecido de ouro. Paquife dos me- / tal, e cores das Armas. Timbre o dos Ma- / cedos hum braço vestido de azul com / huã massa de ouro cravejada de pon- / tas de ferro como a clava de Hercules. / E por diferença huã



brica de prata / com huã lua vermelha. O qual Escu- / do, e Armas podera trazer, e uzar o dito / Domingos Jozé Cardozo de Macedo as- / sim como as trouxeraõ, e uzaraõ os di- / tos Nobres, e antigos Fidalgos seus Ante- / passados em tempo dos Senhores Reys / Meus Antecessores, e com ellas poderá / entrar em Batalhas, Campos, Reptos, Es- / caramuças, e exercitar todos os mais / actos licitos da Guerra, e da Paz. E assim // mesmo as poderá trazer em seus Firmaes, / Aneis, Sinetes, e Divizas: pollas em suas / Cazas, Capel-

(185) Embora a iluminura do brasão de armas se encontre bastante deteriorada, parece-me ver um cardo com duas alcachofras, uma sobre a outra.

las, e mais Edificios, e dexal- / las sobre sua propria Sepultura: e final- / mente se podera servir, honrar, gozar, e / aproveitar dellas em todo, e por todo co- / mo a sua Nobreza convem. Com o que / Quero, e me Pras, que haja elle todas as Hon- / ras, Privilegios, Liberdades, Graças, Mercês, / Izençoës, e Franquezas, que haõ, e devem ha- / ver os Fidalgos, e Nobres de antiga linhagê, / e como sempre de todo uzaraõ, e gozaraõ os / ditos seus Antepassados, pelo que. Mando / aos Meus Dezembargadores, Corregedores, / Provedores, Juizes, Justiças, Alcaydes e em / especial aos Meus Reys de Armas Arau- / tos, e Paçavantes, e a quaes quer outros Of- / ficiaes, e pessoas a quem esta Minha Carta / for mostrada, e o conhecimento della / pertencer, que em tudo lha cumpraõ / e guardem, e façãõ inteiramente cumprir, / e guardar como nella se contem sem / duvida nem embargo algum que em / ella lhe seja posto porque assim he mi- / nha Mercê. El Rey Nosso Senhor o man- / dou por Luis Rodrigues Cardozo Ca- / valleiro Fidalgo de sua Caza, e seu Rey / de Armas Portugal. Frey Manoel de S.^{to} / Antonio, e Silva da Ordem de S. Paulo // a fes em Lixboa aos quinze dias do Mez / de Novembro do Anno do Nascimento de / Nosso Senhor JESUS Christo de Mil sete / centos e setenta / Philippe Rodrigues de Campos a fes Escreuer / Portugal Rey de Armas e P.^{al} / Luis Roiz Cardozo // Reg.^{da} no L.^o 1.^o do reg.^{to} dos Braçoës / da Nobreza desttes rejnos, e suas con- / quistas a fl. 138. Lisboa 16 de No- / vembro de 1770. / Philippe Roiž de Campos.»

*

* *

1 — **Domingos José Cardoso de Macedo** ⁽¹⁸⁶⁾. — Foi cavaleiro professo na Ordem de Cristo, fidalgo de cota de armas (15-11-1770), senhor da Casa de Margaride (Mesão Frio — Guimarães) e da Casa do Carmo e, por doação de sua prima coirmã D. Mariana Luísa Cardoso de Abreu e Macedo, senhor, além de outras propriedades, da Casa da Taipa (S. Lourenço de Selho — Guimarães). Nasceu na Casa de Margaride a 28 de Setembro de 1733 ⁽¹⁸⁷⁾ e faleceu em Guimarães, na Rua do Gado, a 14 de Março de 1796 ⁽¹⁸⁸⁾. Era filho de Jerónimo Enes, senhor da Casa de Margaride, e de sua mulher, D. Custódia Cardoso de Macedo, da Casa da Taipa. Casou em Mascotelos, no termo de Guimarães, a 6 de Fevereiro de 1779 ⁽¹⁸⁹⁾, com D. Maria Rosa de Figueiredo e Sousa, que era filha de Francisco Machado das Neves, negociante em Guimarães, e de sua mulher, D. Rosa Benta de Figueiredo e Sousa, — havendo primogénito:

⁽¹⁸⁶⁾ *Genealogias Vimaranenses*.

⁽¹⁸⁷⁾ Livro de Nascimentos n.º 2 de Mesão Frio, fl. 13, — no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães.

⁽¹⁸⁸⁾ Livro de Óbitos n.º 4 de Nossa Senhora da Oliveira, fl. 233, — no A. M. A. P.

⁽¹⁸⁹⁾ No Livro de Casamentos n.º 1 de Mesão Frio, fl. 144, — no A. M. A. P.

Domingos Cardoso de Macedo ⁽¹⁹⁰⁾. — Nasceu na Casa de Margaride a 3 de Dezembro de 1780 ⁽¹⁹¹⁾ e faleceu na Casa do Carmo a 31 de Janeiro de 1849 ⁽¹⁹²⁾. Foi fidalgo cavaleiro da Casa Real, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, comendador da Ordem de Cristo, sargento-mor e capitão-mor de Guimarães, vereador da Câmara da mesma vila, condecorado com a medalha da Real Effigie de El-Rei D. Miguel I, senhor da Casa de Margaride, da Casa do Carmo, da Casa da Taipa e da Casa do Chantre (em Guimarães) ⁽¹⁹³⁾. Casou em Fermentões, no termo de Guimarães, a 5 de Agosto de 1818, com D. Luísa Rosa de Araújo Martins da Costa ⁽¹⁹⁴⁾, que nasceu na Casa de Minotes (Fermentões — Guimarães) ⁽¹⁹⁵⁾ a 23 de Maio de 1775 ⁽¹⁹⁶⁾ e faleceu na Casa do Carmo a 5 de Julho de 1854, — a qual, sobrevivendo a todos os seus irmãos, deles herdou uma enorme fortuna, que deixou aos sobrinhos, e também foi herdeira de seu marido, — tendo sido senhora da Casa de Aldão (Aldão — Guimarães) ⁽¹⁹⁷⁾ e da Casa de Minotes, e que era filha de Luís Martins da Costa, senhor da Casa de Minotes, e de sua mulher e prima Joana Maria de Araújo, — sem geração.

De Domingos José Cardoso de Macedo e de sua mulher, D. Maria Rosa de Figueiredo e Sousa, também foi filho:

Henrique Cardoso de Macedo, que segue.

2 — **Henrique Cardoso de Macedo** ⁽¹⁹⁸⁾. — Nasceu na Rua do Gado (na Casa do Carmo?) a 19 de Agosto de 1795 ⁽¹⁹⁹⁾ e faleceu na Casa do Carmo a 8 de Dezembro de 1875. Foi fidalgo cavaleiro da Casa Real e senhor da casa de seus pais, depois do falecimento de seu irmão mais velho, Domingos Cardoso de Macedo, e da mulher deste, D. Luísa Rosa de Araújo Martins da Costa. Casou em Creixomil, no termo de Guimarães, a 25 de Maio de 1835, com D. Luísa Ludovina de

⁽¹⁹⁰⁾ *Genealogias Vimaraneses*.

⁽¹⁹¹⁾ Livro de Nascimentos n.º 3 de Mesão Frio, fl. 73, — no A. M. A. P.

⁽¹⁹²⁾ Conservatória do Registo Civil de Guimarães: Livro de Óbitos (2.ª parte) da freguesia de Nossa Senhora da Oliveira do ano de 1847 ao de 1882, fl. 4.

⁽¹⁹³⁾ Que lhe foi doada, em 1819, pelo Rev.º Manuel de Barros Pereira da Silva, cónego prebendado.

⁽¹⁹⁴⁾ Conservatória do Registo Civil de Guimarães: Livro de Casamentos de Fermentões de 1798 a 1873, fl. 36 v.

⁽¹⁹⁵⁾ *Velhas Casas, II (Freguesia de Fermentões)*, — *Casal de Minotes*, por Maria Adelaide Pereira de Moraes, in «Boletim de Trabalhos Históricas», do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães, vol. XXV (1965).

⁽¹⁹⁶⁾ Livro de Nascimentos n.º 2 de Fermentões, fl. 32, — no A. M. A. P.

⁽¹⁹⁷⁾ A Casa de Aldão foi comprada em 1784 por Gualter Martins da Costa Guimarães e seu irmão Domingos Martins da Costa, depois pertenceu ao sobrinho destes Luís Martins da Costa, e deste passou, por sua morte, para a irmã D. Luísa Rosa (ver *Genealogias Vimaraneses*).

⁽¹⁹⁸⁾ *Genealogias Vimaraneses*.

⁽¹⁹⁹⁾ Livro de Nascimentos n.º 11 de Nossa Senhora da Oliveira, fl. 8 v., — no A. M. A. P.

Araújo Martins da Costa ⁽²⁰⁰⁾, que nasceu na Casa da Ribeira (S. João de Ponte — Guimarães) ⁽²⁰¹⁾ a 19 de Julho de 1802 ⁽²⁰²⁾ e faleceu na Casa do Carmo a 16 de Janeiro de 1867, senhora da Casa da Veiga (Azurém — Guimarães) ⁽²⁰³⁾ e, por herança de sua tia e cunhada D. Luísa Rosa de Araújo Martins da Costa, senhora, além de outras propriedades, da Casa do Carmo, da Casa de Margaride, da Casa da Taipa e da Casa do Chantre, e que era filha de Jerónimo Ribeiro Bernardes, senhor da Casa da Veiga e da Casa da Ribeira, e de sua mulher, D. Joana Maria de Araújo Martins da Costa, irmã de D. Luísa Rosa de Araújo Martins da Costa, que casou com Domingos Cardoso de Macedo; — havendo primogénito:

Luís Cardoso Martins da Costa Macedo, que segue.

- 3 — **Luís Cardoso Martins da Costa Macedo** ⁽²⁰⁴⁾. — Nasceu na Casa da Veiga a 8 de Janeiro de 1836 ⁽²⁰⁵⁾ e faleceu na Casa do Carmo a 30 de Julho de 1919. Visconde de Margaride (dec. 1-8-1872 ⁽²⁰⁶⁾) e 1.º Conde de Margaride (dec. 3-3-1877 ⁽²⁰⁷⁾), fidalgo cavaleiro da Casa Real, do Conselho de S. M. F., bacharel em Filosofia, comendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, grã-cruz da Ordem de Cristo, par do Reino, governador civil de Braga (1871-1877), governador civil do Porto (1878-1879), procurador da Junta Geral do Distrito de Braga e, por várias vezes, presidente da Câmara Municipal de Guimarães, senhor da Casa do Carmo, da Casa de Margaride, da Casa da Veiga, da Casa da Taipa, da Casa do Chantre e da Casa da Ribeira ⁽²⁰⁸⁾. Casou na capela da Casa da Portela (S. Jorge de Selho — Guimarães), a 5 de Julho de 1866, com D. Ana Júlia Rebelo Cardoso de Meneses, senhora da Casa e Capela de Arroios (Arroios — Vila Real), que nasceu em Vila Real, na freguesia de S. Pedro, a 3 de Agosto de 1838 e faleceu na Casa do Carmo a 31 de Dezembro de 1911, filha de Bernardino Felizardo Rebelo de Carvalho, fidalgo da Casa Real, senhor da Casa da Praça em Vila Real, alferes de cavalaria reformado (Dragões de Chaves) e de sua mulher, D. Matilde Carolina Cardoso Meneses Girão, herdeira dos morgados de seus pais, e neta paterna de

⁽²⁰⁰⁾ Livro de Casamentos n.º 3 de Creixomil, fl. 43, — no A. M. A. P.

⁽²⁰¹⁾ *Velhas Casas, I (Freguesia de S. João de Ponte)*, — *Casal da Ribeira de Cima*, por Maria Adelaide Pereira de Moraes, in «Boletim de Trabalhos Históricos», do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães, vol. XXIV (1964).

⁽²⁰²⁾ Livro de Nascimentos n.º 6 de S. João de Ponte, fl. 106, — no A. M. A. P.

⁽²⁰³⁾ *Velhas Casas, III (Freguesia de Creixomil)*, — *Casa do Salgueiral*, por Maria Adelaide Pereira de Moraes, in «Boletim de Trabalhos Históricos», do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães, vol. XXVI (1966).

⁽²⁰⁴⁾ *Genealogias Vimaranenses*.

⁽²⁰⁵⁾ Livro de Nascimentos n.º 5 de Azurém, fl. 61, — no A. M. A. P.

⁽²⁰⁶⁾ «Diário do Governo», n.º 173 (5-VIII-1872), pág. 1, col. 1.

⁽²⁰⁷⁾ «Diário do Governo», n.º 55 (10-III-1877), pág. 1, col. 1 (ao Visconde de Margaride «...de o elevar á grandeza...»).

⁽²⁰⁸⁾ Comprada a seu primo Eduardo Martins da Costa Montenegro.

João Rebelo de Matos e Rocha, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, 1.º administrador da Capela do Bom Jesus do Calvário, em Vila Real, e de D. Francisca Leocádia de Meireles, e neta materna de Luís Cardoso Pereira Pinto de Meneses, moço fidalgo da Casa Real, capitão-mor de S. Martinho de Mouros, 7.º administrador do morgado de Paredes, em Resende, e 4.º do de Vila Flor (Trás-os-Montes) e senhor da Casa do Bairro, em S. Martinho de Mouros, e de sua mulher, D. Maria Rita de Melo e Almeida Sousa Barros Girão Cardoso, senhora da Casa da Praça, em Vouzela; — havendo primogénito varão:

Henrique Cardoso de Macedo Martins de Meneses ⁽²⁰⁹⁾. — 2.º Conde de Margaride, fidalgo cavaleiro da Casa Real, bacharel em Direito, governador civil de Santarém (1906), senhor da Casa do Carmo e da Casa de Margaride, etc. Nasceu na Casa do Carmo a 24 de Fevereiro de 1868 e faleceu na Casa de Margaride a 17 de Abril de 1933. Casou em Almeirim, a 26 de Novembro de 1892, com D. Francisca de Paula de Assis de Borja Xavier de Sales Maria José Gabriela Joana Gonzaga Braamcamp de Almeida de Narbonne Lara e Melo Breyner, que nasceu em Lisboa a 30 de Julho de 1865 e faleceu na Casa de Margaride a 18 de Dezembro de 1955, filha dos 3.ºs Condes de Sobral; — sem geração.

Dos 1.ºs Condes de Margaride foi terceiro filho varão:

Luís Cardoso de Macedo Martins de Meneses, que segue.

- 4 — **Luís Cardoso de Macedo Martins de Meneses** ⁽²¹⁰⁾. — Diplomado com o Curso Superior de Letras. Senhor da Casa do Carmo, onde nasceu a 10 de Agosto de 1871 e faleceu a 27 de Fevereiro de 1945. Casou na capela da Casa de Pindela (Santiago da Cruz — Vila Nova de Famalicão), a 27 de Novembro de 1922, com D. Júlia Leonor Pinheiro Lobo Machado, que nasceu na Haia, Holanda, a 24 de Agosto de 1890, filha dos 2.ºs Viscondes de Pindela; — havendo os seguintes filhos, os quais são os actuais senhores da Casa do Carmo ⁽²¹¹⁾:
- 5 — **D. Maria Amália Ana Júlia Cardoso de Macedo de Meneses** ⁽²¹²⁾. — Nasceu na Casa do Carmo a 16 de Março de 1925, onde vive com sua Mãe. Actual senhora da Casa do Carmo, com seus irmãos.
- 5 — **D. Ana Luísa de Jesus Cardoso de Macedo de Meneses** ⁽²¹³⁾. — Nasceu na Casa do Carmo a 14 de Junho de 1926. Actual senhora da Casa do Carmo, com seus irmãos. Casou na capela da mesma Casa, a 6 de Julho de 1946, com Vasco Francisco Jácome de Sousa Pereira de Vasconcelos, 19.º e actual senhor da Casa

⁽²⁰⁹⁾ *Genealogias Vimaranenses.*

⁽²¹⁰⁾ *Genealogias Vimaranenses.*

⁽²¹¹⁾ *Genealogias Vimaranenses.*

⁽²¹²⁾ Informação (1-5-1979).

⁽²¹³⁾ Informação (11-5-1979).

do Avelar, em Braga ⁽²¹⁴⁾, e outros bens da sua Família, 22.º representante em legítima varonia dos Jácomes em Braga, cavaleiro de honra e devoção da Soberana e Militar Ordem de Malta, etc., que nasceu em Fornos de Algodres a 21 de Maio de 1922, filho primogénito de Fernando Jácome de Sousa Pereira de Vasconcelos, engenheiro electrotécnico, 18.º senhor da Casa do Avelar, e de sua mulher, D. Maria Luísa da Costa Cabral, neta paterna dos 1.ºs Marqueses e Condes de Tomar.

Filhos:

- 6 — *Diogo Jácome de Sousa Pereira de Vasconcelos*. Nasceu na Casa do Carmo a 29 de Maio de 1947. Director de Empresa em Damman, na Arábia Saudita. Casou na capela da Casa do Avelar, a 28 de Dezembro de 1975, com D. Ana Margarida de Melo da Cunha Pimentel, que nasceu na Casa das Carvalheiras, em Braga, a 20 de Setembro de 1952, filha de Henrique Eduardo da Cunha Pimentel de Vasconcelos, da Casa das Carvalheiras ⁽²¹⁵⁾, do Paço de Ançariz (Escudeiros — Braga) ⁽²¹⁶⁾ e da Casa da Calçada, em Provesende, e de sua mulher, D. Natália Maia de Almeida Melo.

Filho:

- 7 — *Lopo Jácome de Vasconcelos*. Nasceu em Braga, na freguesia de S. João do Souto, a 31 de Março de 1978.
- 6 — *D. Mafalda Jácome de Sousa Pereira de Vasconcelos*. Nasceu na Casa do Carmo a 6 de Junho de 1949. Casou na capela da mesma Casa, a 6 de Janeiro de 1973, com António Folhadela de Oliveira Moreira, que tirou o curso de Economia e Gestão de Empresas na Universidade de Pamplona (Espanha), e que nasceu em Vila Nova de Famalicão a 11 de Janeiro de 1946, filho de António Folhadela Moreira, industrial têxtil, e de sua mulher e prima D. Maria Luísa Folhadela de Oliveira.

Filhos:

- 7 — *António Jácome de Vasconcelos Folhadela Moreira*. Nasceu no Porto, na freguesia da Foz do Douro, a 14 de Novembro de 1973.
- 7 — *Miguel Jácome de Vasconcelos Folhadela Moreira*. Nasceu na mesma freguesia a 30 de Junho de 1975.

⁽²¹⁴⁾ Ver *Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga*, vol. I (*Cidade de Braga*), tomo II, n.º 186 (*Casa do Avelar*).

⁽²¹⁵⁾ Ver ob. cit., vol. e tomo cit., n.º 203 (*Casa das Carvalheiras*).

⁽²¹⁶⁾ Ver ob. cit., vol. II (*Concelho de Braga (freguesias rurais)*), n.º 31 (*Paço de Ançariz*).

- 6 — *D. Maria da Assunção Jácome de Sousa Pereira de Vasconcelos*. Nasceu na Casa do Carmo a 17 de Dezembro de 1950. Licenciada em História pela Universidade do Porto; e com o curso de Bibliotecária Arquivista pela Universidade de Coimbra, — na Universidade do Minho.
- 6 — *D. Ana Maria Jácome de Sousa Pereira de Vasconcelos*. Nasceu na Casa do Carmo a 2 de Junho de 1952. Casou na capela da Casa do Carmo, a 19 de Novembro de 1977, com D. Luís Gonzaga Henriques de Lancastre, piloto de aeronáutica civil com o curso da Flight Safety Incorporated — Vero Beach Academy (U. S. A.), senhor, com seus irmãos, da Casa do Feital (Frossos — Braga) ⁽²¹⁷⁾, que nasceu no Porto, na freguesia de Santo Ildefonso, a 16 de Janeiro de 1942, filho de D. Luís Maria Calheiros de Lancastre (Guarda), cavaleiro de honra e devoção da Soberana e Militar Ordem de Malta, cavaleiro da Ordem des Grimaldi, de Mónaco, cônsul do Principado de Mónaco no Porto, senhor da Casa do Feital, e de sua mulher e prima D. Isabel Maria Henriques Pereira de Faria Saldanha e Lancastre, filha dos 4.^{os} Condes das Alcáçovas ⁽²¹⁸⁾.
- 6 — *Vasco Jácome de Sousa Pereira de Vasconcelos*. Nasceu na Casa do Carmo a 28 de Fevereiro de 1954. Estudante de Economia.
- 6 — *D. Luísa Leonor Jácome de Sousa Pereira de Vasconcelos*. Nasceu na mesma casa a 19 de Abril de 1956.
- 6 — *Luís Jácome de Sousa Pereira de Vasconcelos*. Nasceu na mesma casa a 13 de Maio de 1958. Estudante.
- 6 — *Duarte Jácome de Sousa Pereira de Vasconcelos*. Nasceu na mesma casa a 18 de Janeiro de 1960. Estudante.
- 6 — *D. Isabel Maria Jácome de Sousa Pereira de Vasconcelos*. Nasceu na Casa do Avelar, em Braga, a 1 de Setembro de 1963. Estudante.
- 5 — **D. Isabel Maria Luísa Cardoso de Macedo de Meneses** ⁽²¹⁹⁾. — Nasceu na Casa do Carmo a 17 de Novembro de 1927. Actual senhora da Casa do Carmo, com seus irmãos. Casou na Basílica de Fátima, a 11 de Novembro de 1961, com Caetano de Andrada Pinto Ferreira de Passos, licenciado em Medicina pela Universidade de Lisboa, com os cursos Superior de Higiene, de Medicina Tropical e de Medicina do Trabalho, médico dos Hospitais Cíveis de Lisboa, que nasceu em Lisboa, na freguesia dos Anjos, a 23 de Janeiro de 1924, filho de Álvaro Teles Ferreira de Passos, general de Artilharia com o curso de

⁽²¹⁷⁾ Ver *Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga*, vol. II (*Concelho de Braga (freguesias rurais)*), n.º 58 (*Casa do Feital*), e também *Vales Peixotos de Vilas-Boas da Casa de Carvalho de Arca*, — *subsídios para a sua genealogia*, pelo Autor, pág. 77.

⁽²¹⁸⁾ Ver 2.^a ob. cit., pág. 59.

⁽²¹⁹⁾ Informação (16-5-1979).

Estado Maior, cavaleiro da Ordem da Torre e Espada, grã-cruz da Ordem de Avis, e de sua mulher, D. Maria Domingas de Portugal Queirós de Andrada Pinto.

Filhos:

- 6 — *Álvaro Luís Cardoso de Meneses Ferreira de Passos*. Nasceu em Lisboa, na freguesia da Pena, a 14 de Julho de 1965.
- 6 — *D. Júlia Leonor Cardoso de Meneses Ferreira de Passos*. Nasceu na mesma freguesia a 4 de Dezembro de 1966.
- 5 — **Luís Vicente Maria Cardoso de Macedo de Meneses** ⁽²²⁰⁾. — Nasceu na Casa do Carmo a 15 de Outubro de 1929. Actual senhor da Casa do Carmo, com seus irmãos. Engenheiro técnico electromecânico. Casou na freguesia de Darque, no concelho de Viana do Castelo, a 20 de Outubro de 1960, com D. Maria da Conceição Dias de Magalhães Queirós, que nasceu na vila de Alcobaça a 19 de Agosto de 1936, professora de educação visual, com o curso de escultura pelo ESBAP, filha de José Roberto de Magalhães Barros Lanços Cerqueira de Queirós, que faleceu a 4 de Dezembro de 1977, e de sua mulher, D. Lígia Marília Pereira Dias, e neta paterna de Alberto de Magalhães Barros Cerqueira de Araújo Queirós, senhor da Quinta de S. Brás da Torre (Figueiredo — Braga), bacharel formado em Direito, etc. ⁽²²¹⁾, que faleceu em Viana do Castelo a 6 de Fevereiro de 1954, e de sua mulher, D. Maria da Conceição Neiva de Matos, que faleceu em Viana do Castelo a 30 de Dezembro de 1965.

Filho:

- 6 — *Luís José de Magalhães Cardoso de Macedo e Meneses*. Nasceu no Porto, na freguesia de Santo Ildefonso, a 22 de Junho de 1963.
- 5 — **D. Maria Luísa da Conceição Cardoso de Macedo de Meneses** ⁽²²²⁾. — Actual senhora da Casa do Carmo, com seus irmãos. Nasceu na Casa do Carmo a 16 de Fevereiro de 1932. Casou na capela da mesma Casa, a 3 de Janeiro de 1953, com António Pereira de Meireles da Rocha Lacerda, senhor da Casa da Torre de Quintela (Nogueira — Ponte da Barca), da Casa da Portela (Sampriz — Ponte da Barca) e da Casa da Fonte Velha, em Ponte da Barca (esta casa em comum com a sua irmã D. Maria Carlota de Meireles da Rocha de

⁽²²⁰⁾ Informação (7-7-1979).

⁽²²¹⁾ Ver *Uma Família Minhota*, por Alberto de Magalhães Queiroz, e *Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga*, vol. II (*Concelho de Braga (freguesias rurais)*), n.ºs 34 e 35 (*Casa de S. Brás da Torre*).

⁽²²²⁾ Informação (29-5-1979).

Lacerda, que nasceu a 30 de Abril de 1918 na Casa da Fonte Velha e casou na Igreja Matriz de Ponte da Barca, a 20 de Junho de 1940, com Fernando João Andresen Guimarães, — com geração), representante dos títulos de Conde de Campanhã e Barão de Grimancelos, engenheiro agrónomo, director do Posto Agrário de Braga, inspector dos Serviços Agrícolas da Zona Norte, deputado à Assembleia Nacional, vogal da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, administrador-fundador da Celnorte, presidente do Arquidiocesano da Juventude Católica de Braga, mesário da Santa Casa da Misericórdia do Porto, provedor da Santa Casa e Hospital de Ponte da Barca, director do Asilo do Conde da Folgosa (Ponte da Barca), etc., que nasceu na Casa da Fonte Velha a 28 de Fevereiro de 1917 e faleceu no Porto, na Casa de Saúde da Boavista, a 29 de Abril de 1975, filho de António Pereira de Vasconcelos da Rocha Lacerda e Melo⁽²²³⁾, bacharel em Direito, senhor da Casa da Fonte Velha, da Casa da Torre de Quintela e da Casa da Portela, e de sua mulher, D. Maria da Conceição de Meireles Teixeira Coelho, da Casa do Campo (Molares — Celorico de Basto).

Filhos:

- 6 — *D. Maria Leonor Cardoso Pereira de Lacerda*. Nasceu em Braga, na freguesia da Cidade, a 21 de Setembro de 1953. Licenciada em Economia pela Faculdade de Economia do Porto. Senhora da Casa da Portela, com suas irmãs D. Maria da Conceição e D. Maria Luísa, e da Casa da Fonte Velha, com as mesmas e a sua tia paterna D. Maria Carlota, Solteira.
- 6 — *D. Maria da Conceição Cardoso Pereira de Lacerda*. Nasceu em Braga, na freguesia da Cidade, a 21 de Dezembro de 1954. Licenciada em História pela Faculdade de Letras do Porto. Casou na capela da Casa da Torre de Quintela, a 29 de Julho de 1978, com Teófilo Augusto Neves de Almeida Carneiro, funcionário da Direcção Regional de Agricultura de Entre Douro e Minho, que nasceu em Braga, na freguesia de S. João do Souto, a 13 de Setembro de 1952, filho de João de Almeida Carneiro e de sua mulher, D. Maria José Marques da Silva Neves.

⁽²²³⁾ Na Igreja Matriz de Ponte da Barca, «a terceira capela (ainda do lado da Epístola), a do Espírito Santo, é dos descendentes de Isabel Gonçalves da Costa⁽¹⁾ [«⁽¹⁾Filha de Maria Lopes da Costa, fundadora da Vila e instituidora, por testamento de 18-IV-1591, da referida capela, restaurada, em 1766, por seu neto Manuel Vicente da Costa Pereira de Araújo — in *Arg. da Casa da Fonte Velha*»], de quem provém a grande maioria dos actuais barquenses ilustres, e representada por Pereiras Costas Lacerdas e Melos, como mostra o brasão da capela, pertença do Dr. António Pereira de Vasconcelos da Rocha Lacerda e Melo, senhor de várias casas e vínculos, entre outros, da Casa da Fonte Velha, Torre de Quintela, Casa da Portela, etc.» (cf. *Roteiro da Ribeira-Lima*, pelo Conde d'Aurora, 3.^a ed. (1959), págs. 135 e 136).

- 6 — *António Luís da Costa Pereira de Lacerda*. Nasceu em Braga, na freguesia da Cidade, a 3 de Janeiro de 1956. Estudante universitário. Senhor da Casa da Torre de Quintela, com seus irmãos Luís Francisco e D. Maria da Graça.
- 6 — *D. Maria Luísa Cardoso Pereira de Lacerda*. Nasceu na mesma freguesia a 16 de Fevereiro de 1957. Estudante.
- 6 — *Luís Francisco Pereira de Lacerda*. Nasceu na mesma freguesia a 4 de Julho de 1959. Estudante.
- 6 — *D. Maria da Graça Pereira de Lacerda*. Nasceu no Porto, na freguesia de Massarelos, a 4 de Agosto de 1963. Estudante.
- 5 — **Vicente João Henrique Cardoso de Macedo de Meneses** ⁽²²⁴⁾. — Actual senhor da Casa do Carmo, com seus irmãos. Nasceu na Casa do Carmo a 24 de Junho de 1935. Director de laboratório. Casou na Igreja das Mercês, em Lisboa, a 28 de Janeiro de 1963, com D. Maria Luísa Corrêa Henriques, actual representante do título de Conde de Seisal, que nasceu na freguesia de S. Sebastião da Pedreira, em Lisboa, a 4 de Julho de 1940, filha primogénita e herdeira dos 4.^{os} Condes de Seisal.

Filha:

- 6 — *D. Sofia Luísa Corrêa Henriques Cardoso de Meneses*. Nasceu na freguesia das Mercês, em Lisboa, a 16 de Setembro de 1964.

*

* *

- 6 — **João Manuel Correia de Barros Cardoso de Macedo e Meneses**. — 3.^o Conde de Margaride (alv. de 30-5-1954) ⁽²²⁵⁾. Engenheiro civil pela Universidade do Porto. Chefe de serviço da Câmara Municipal de Lisboa. Nasceu no Porto, na freguesia de Cedofeita, a 28 de Dezembro de 1927. Filho de José Cardoso Martins de Meneses, representante do título de Conde de Margaride, tenente-coronel de Cavalaria, combatente da Primeira Grande Guerra (em França), comendador da Ordem de Avis, com a medalha de Mérito Militar, distinto cavaleiro hípico, que nasceu na Casa da Veiga (Azurém — Guimarães) a 31 de Dezembro de 1895 e faleceu em Lisboa, no Hospital Militar, a 18 de Agosto de 1950, e de sua mulher, D. Maria Antónia Machado Correia de Barros, que nasceu no Porto, na freguesia de Cedofeita, a 2 de Janeiro de 1906. Neto paterno de João Cardoso Martins de

(224) Informação (7-8-1979).

(225) *Boletim Oficial do Conselho de Nobreza*, 1972, pág. 109.

Meneses, representante do título de Conde de Margaride (por morte de seu irmão Henrique Cardoso de Macedo Martins de Meneses, 2.º Conde de Margaride, fidalgo cavaleiro da Casa Real, bacharel em Direito, senhor da Casa de Margaride e da Casa do Carmo, que casou com D. Francisca de Paula de Assis de Borja Xavier de Sales Maria José Gabriela Joana Gonzaga Braamcamp de Almeida de Narbonne Lara e Melo Breyner, filha dos 3.ºs Condes de Sobral, — não havendo geração), senhor da Casa da Veiga, que nasceu na Casa do Carmo a 14 de Agosto de 1869 e faleceu na Casa da Veiga a 16 de Janeiro de 1941, e de sua mulher, D. Helena Madalena de Sotomayor Felgueiras, que faleceu na Casa da Veiga a 5 de Maio de 1963. E neto materno de Manuel Correia de Barros, da Casa das Quintãs, em S. Martinho de Antas, no concelho de Sabrosa, bacharel em Medicina pela Escola Médico-Cirúrgica do Porto e especializado em Oftalmologia em Paris, e de sua mulher, D. Maria Eduarda da Silva Machado. E bisneto, por varonia, dos 1.ºs Condes de Margaride ⁽²²⁶⁾.

Veja-se:

- *Resenha das Famílias Titulares e Grandes de Portugal*, por Albano da Silveira Pinto (continuada pelo Visconde de Sanches de Baêna), tomo II, em *Margaride (Conde)*.
- *Livro de Oiro da Nobreza*, por Domingos de Araújo Affonso e Ruy Dique Travassos Valdez, tomo III, págs. 354, 355 e 356.
- *Anuário da Nobreza de Portugal*, ano I (1950) e ano II (1964), em *Margaride (Conde)*.
- *Nobreza de Portugal*, vol. II, em *Margaride (Visconde e Condes de)*.
- *Genealogias Vimaranenses*, por Helena Cardoso de Macedo e Menezes e Maria Adelaide Pereira de Moraes, cap. IV (*Cardoso de Macedo — Casa de Margaride*), § 1.º (*Condes de Margaride*), págs. 107 e segs.
- *Carta de Brasão de Armas XXXI*, por Manuel Artur Norton, in «Boletim de Trabalhos Históricos», do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães, vol. XXVIII (1975/1977).
- *Velhas Casas, VI (Freguesia de Azurém)*, — *Casa da Veiga*, por Maria Adelaide Pereira de Moraes, in «Boletim de Trabalhos Históricos», do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães, vol. XXIX (1978).

⁽²²⁶⁾ Esta notícia genealógica sobre o 3.º Conde de Margaride foi estabelecida com as informações dadas por sua Ex.^{ma} Irmã Dr.^a D. Helena Maria Correia de Barros Cardoso de Macedo e Meneses, do Instituto Português de Heráldica. (16-4-1979).

Localização:

— Monumento de D. Afonso Henriques, — a uns duzentos passos do Paço dos Duques de Bragança.

Material: granito.

Época: ano de 1940 ⁽²²⁷⁾.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica real.

Escudo quadrado.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

PORTUGAL — ANTIGO

(1)

(1) Faltam os besantes nos cinco escudetes postos em cruz, os dos flancos apontados ao do centro.

⁽²²⁷⁾ Em 20 de Outubro de 1887 foi inaugurada, no antigo Campo de S. Francisco, a estátua de D. Afonso Henriques, de bronze, um dos últimos trabalhos de Soares dos Reis, — que ficou assente sobre um pedestal de mármore, obra do arquitecto José António Gaspar, — estando presentes ao acto El-Rei D. Luís I, a Rainha D. Maria Pia, os Príncipes D. Carlos e D. Amélia e o Infante D. Afonso Henriques, Duque do Porto (ver *Curiosidades de Guimarães, X — Visitas Régias e Aposentadorias Fidalgas*, por Alberto Vieira Braga, in «Revista de Guimarães», vol. 56 (1946)). Por volta de 1912 o monumento foi mudado para o Largo do Toural. Em 1940, por decisão da Câmara e do Governo, a estátua, — «construída por iniciativa e principais encargos do saudoso Comendador João Dias de Castro» (cf. *Guimarães, — Guia de Turismo*, por Alfredo Guimarães, 2.^a ed., pág. 62), — foi transferida para as proximidades do Paço dos Duques, ficando, então, colocada sobre um pedestal de granito (cf. *Guia de Portugal*, ed. da Fundação Calouste Gulbenkian, 4.^o vol. (Entre Douro e Minho), II — Minho, págs. 1172 e 1204).

*
* *

Nas *Pedras-de-Armaz de Portugal*, por Armando de Mattos, na pág. 190 (gravura n.º 28), inventaria-se uma pedra de armas existente num «portão junto ao Paço dos Duques, (S. Nicolau)». Este portão, do séc. xvii, armoriado (escudo esquartelado de Sousa (do Prado), Barata, Meneses (antigo), ou armas picadas, e Meneses (moderno), — e coronel de nobreza), não o encontrei. Sumiu-se?





Localização:

— Paço dos Duques de Bragança (hoje convertido em *Palácio-Museu*). Na frontaria da capela, — encimando o portal.

Material: granito.

Época: ano de 1960 ⁽²²⁸⁾.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo clássico, posto ao balão. Elmo com mantel, virol e timbre.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

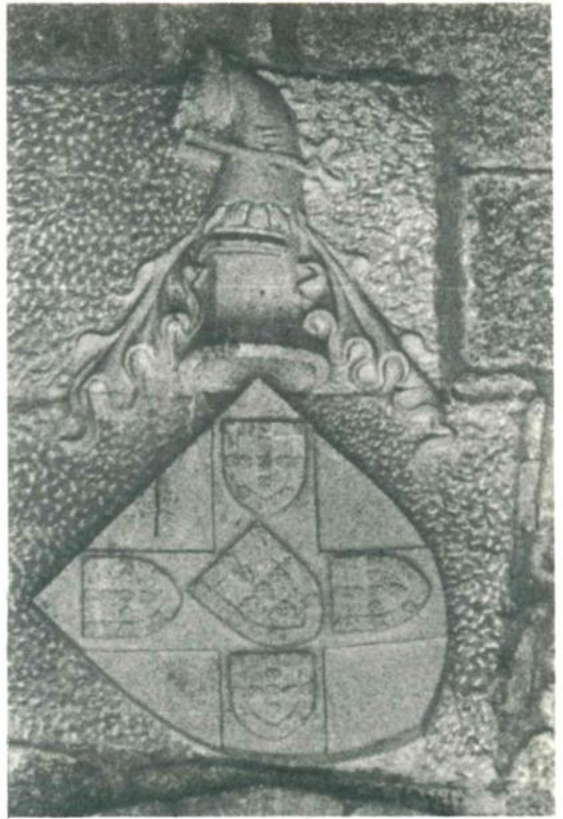
AS PRIMEIRAS ARMAS DOS DUQUES DE BRAGANÇA (1)

Timbre das armas (2)

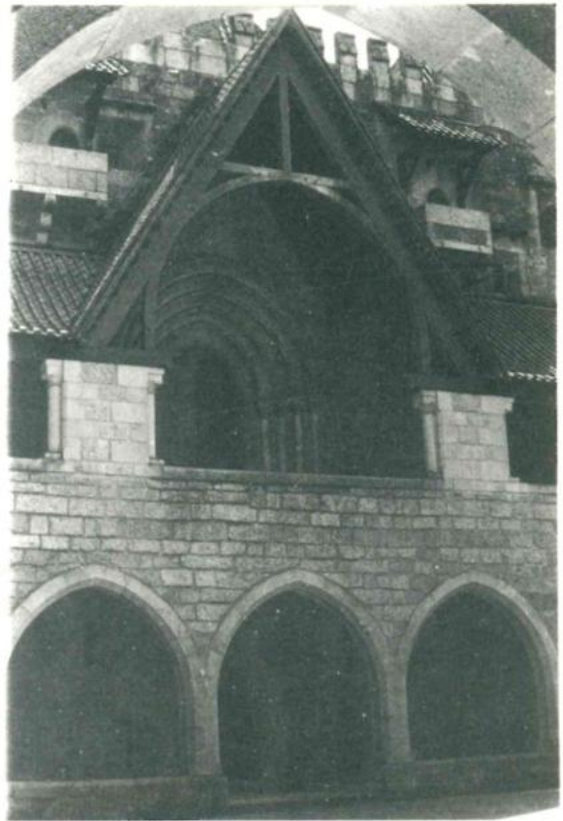
(1) Aspa carregada de cinco escudetes com as armas do Reino.

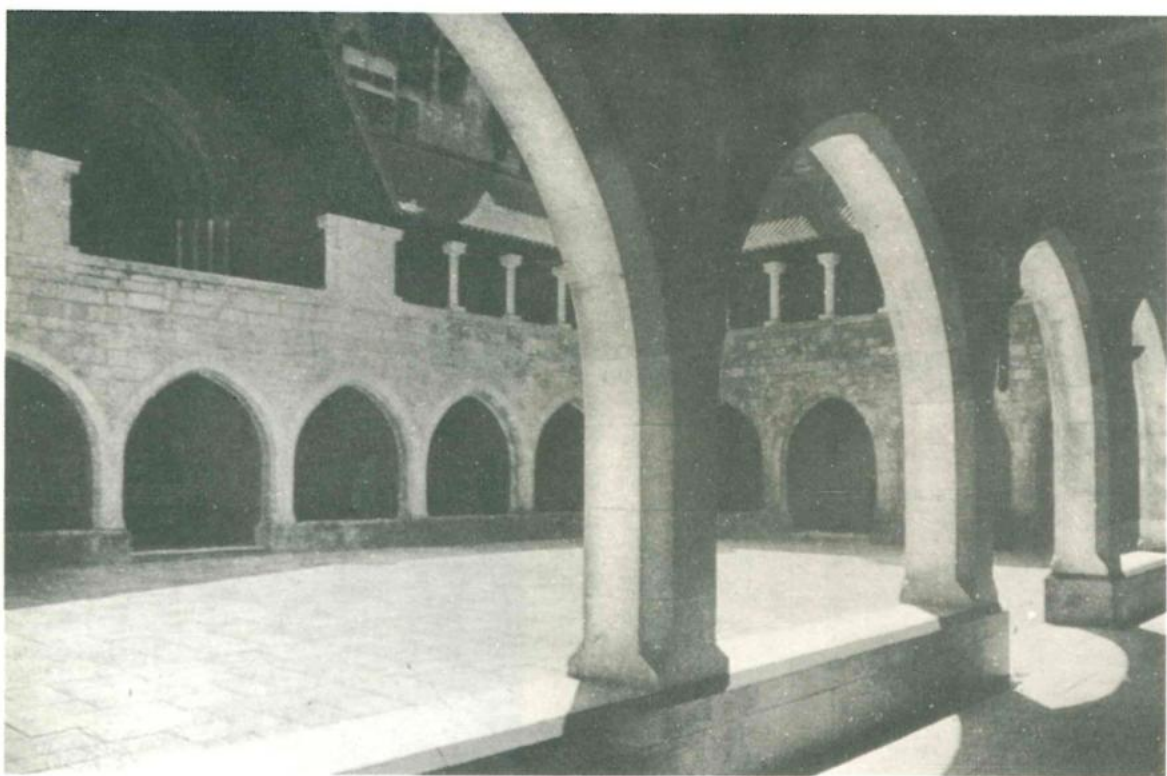
(2) Um pescoço e cabeça de cavalo, com cabeçada, rédeas e freio, e com três lançadas no pescoço.

⁽²²⁸⁾ Informação. Ver *Paço dos Duques de Bragança — Guimarães*, boletim n.º 102 (Dezembro-1960) da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, e, no mesmo boletim, a bibliografia citada pelo Autor da *Notícia Histórica*, o Dr. Eugénio de Andréa da Cunha e Freitas, notável Historiador e Genealogista.

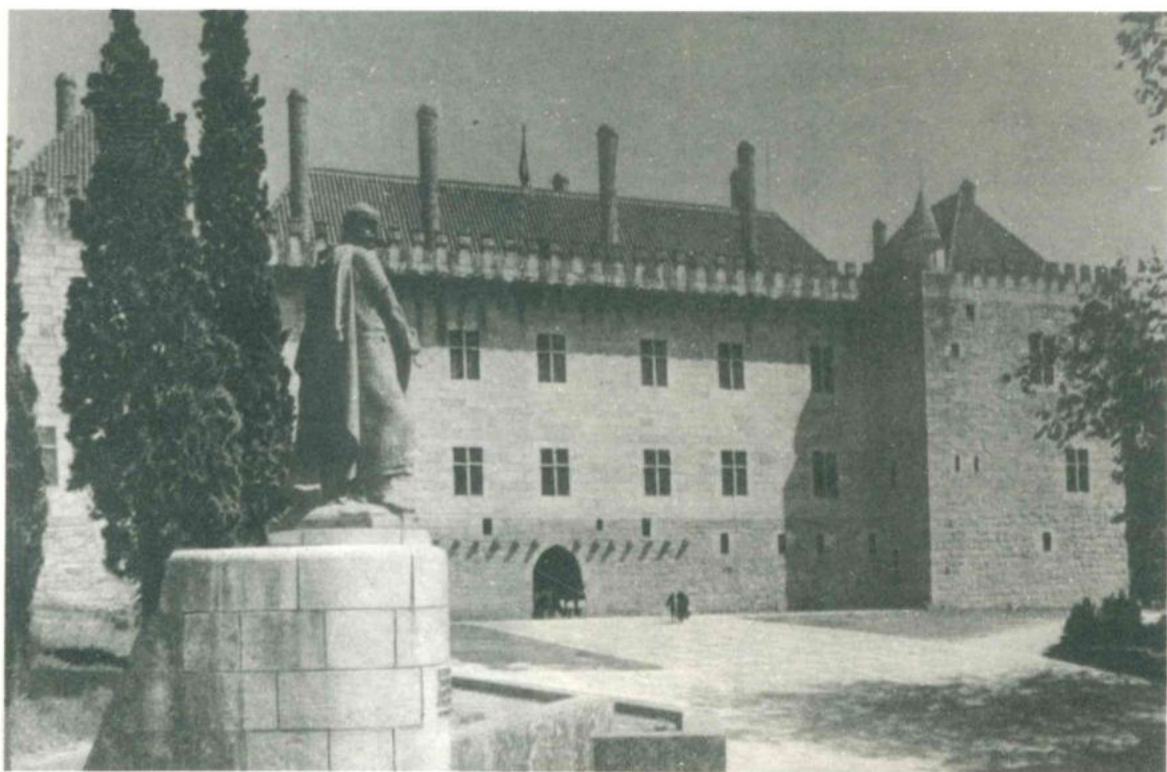


58





58



Localização:

— Igreja do Convento dos Capuchos (extinto) ⁽²²⁹⁾. Frontaria, — no frontão, sob o nicho que abriga a Imagem de Nossa Senhora da Conceição.

Material: granito.

Época: século dezoito (segunda metade) ⁽²³⁰⁾.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das corporações religiosas.

Armas, que estão acompanhadas de um cordão franciscano posto em chefe e nos flancos, — tudo assente numa cartela barroca. Coroa real.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

ORDEM DE S. FRANCISCO

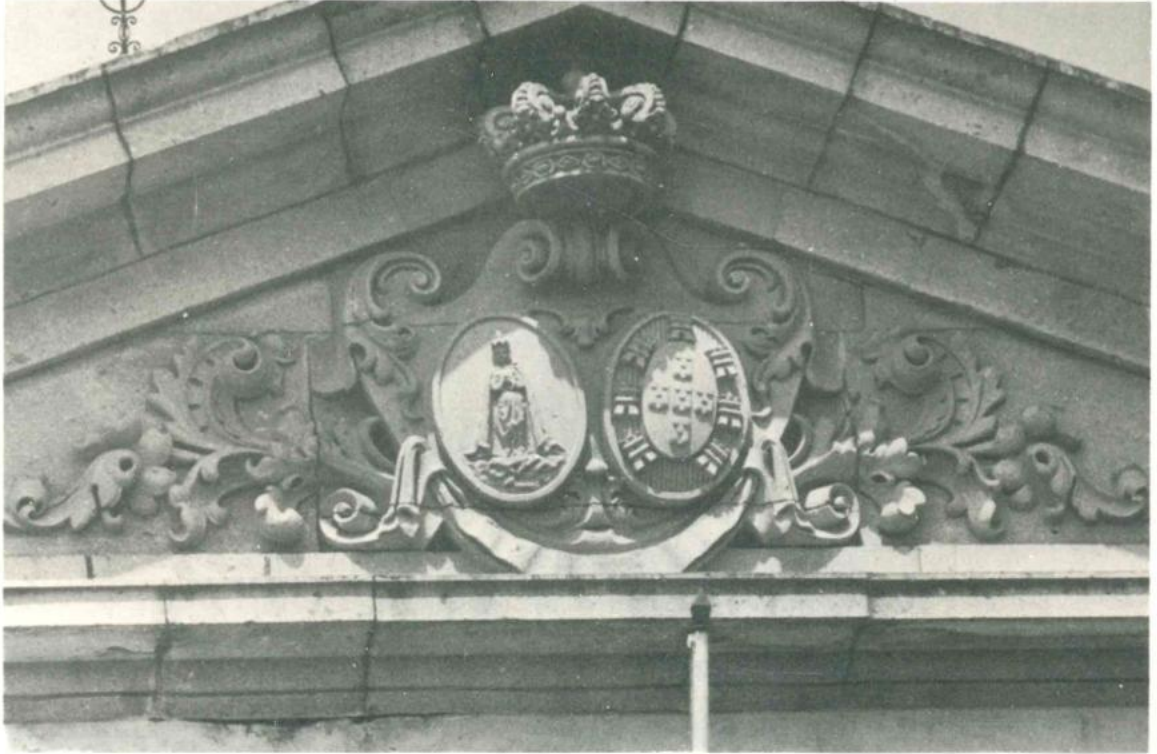
⁽²²⁹⁾ Ver *Guimarães*, — *apontamentos para a sua historia*, pelo P.^e António José Ferreira Caldas, vol. II, págs. 129 a 132.

⁽²³⁰⁾ Cf. *Guimarães*, — *Guia de Turismo*, por Alfredo Guimarães, 2.^a edição, pág. 94.



59





60



Localização:

— Hospital da Santa Casa da Misericórdia ⁽²³¹⁾. Frontaria, — no frontão.

Material: granito.

Época: terceiro quartel do século dezanove (meados).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica dos institutos.

Dois escudos ovalados, um posto em banda e o outro posto em contrabanda, lado a lado, assentes numa cartela decorativa. Coroa real.

1.º escudo:

Composição: plena.

Leitura:

A VIRGEM MÃE DA MISERICÓRDIA

2.º escudo:

Composição: plena.

Leitura:

PORTUGAL

(1)

(1) Com sete torres em vez de sete castelos, na bordadura. Indicado o esmalte da bordadura (vermelho).

É o brasão de armas usado pela Santa Casa da Misericórdia de Guimarães.

⁽²³¹⁾ Ver, por ex., *Guimarães, — apontamentos para a sua historia*, pelo P.^e António José Ferreira Caldas, vol. II, págs. 211 e 212.

Localização:

— Igreja de S. Dâmaso ⁽²³²⁾. Frontaria, — no portal.

Material: granito.

Época: século dezoito (meados?).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Escudo, assente numa cartela decorativa. Chapéu eclesiástico com cordões com seis borlas pendentes a cada lado (1, 2 e 3).

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

REBELO

(1)

(232) Ver os n.ºs 62 a 64. A Igreja de S. Dâmaso, que primitivamente esteve na desaparecida Rua de S. Dâmaso, foi transferida para o Campo de S. Mamede aquando da abertura da Alameda Salazar (hoje Alameda da Resistência ao Fascismo).

O P.º Lucas Rebelo, abade de Santa Comba de Regilde, nas margens do Vizela, no seu testamento, datado de 9 de Junho de 1609, instituiu por herdeira universal de todos os seus bens a Irmandade das Chagas e Cordão de S. Francisco, com a obrigação de edificar uma capela (Igreja de S. Dâmaso) para o serviço da mesma irmandade e junto dela um hospital para o tratamento de eclesiásticos pobres e seculares pobres de Santa Comba de Regilde (cf. *Guimarães*, — *apontamentos*

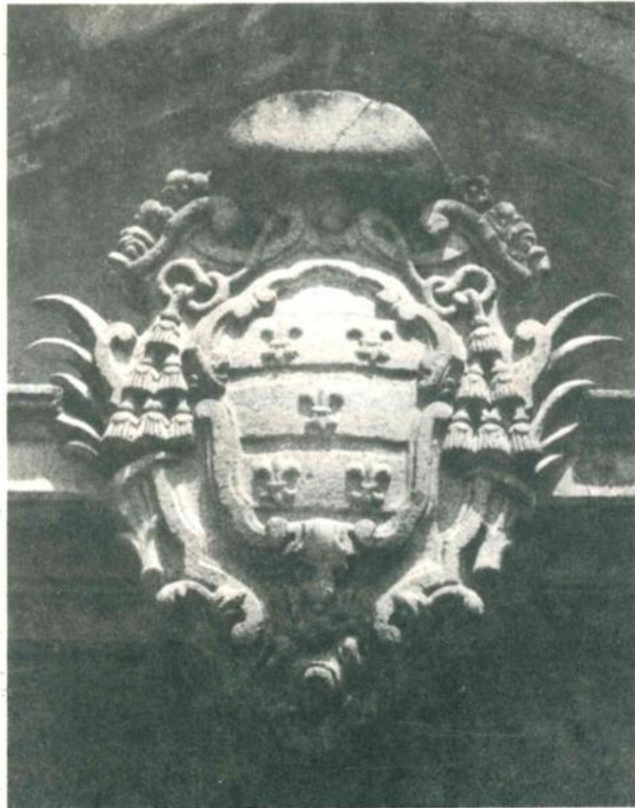
(1) Assim: três faixas carregadas de cinco flores-de-lis, 2, 1 e 2. São as armas dos Rebelos: *três faixas, cada uma carregada de uma flor-de-lis, as três flores-de-lis alinhadas em banda.*

É o brasão de armas do P.^e Lucas Rebelo, — com o erro de ter as três faixas carregadas de cinco flores-de-lis.

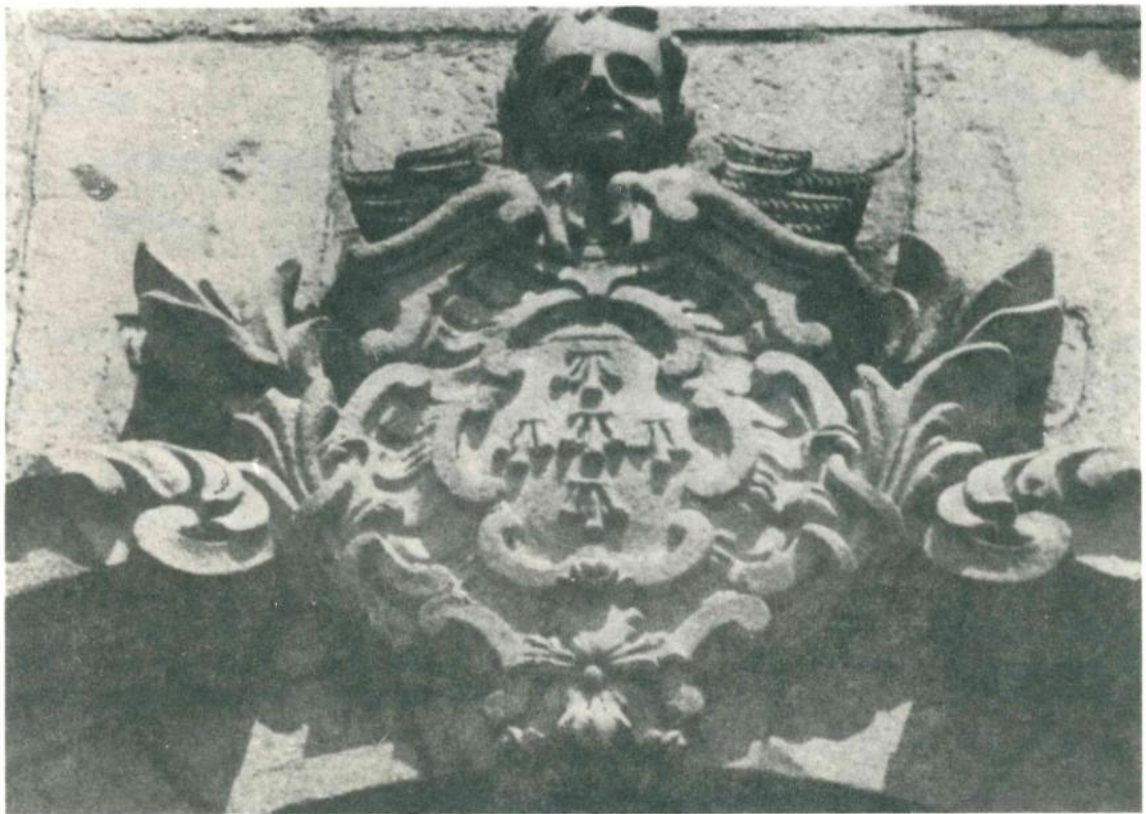


para a sua história, pelo P.^e António José Ferreira Caldas, vol. II, págs. 125, 126, 127, 128 e 129; ver *Guimarães*, — *Guia de Turismo*, por Alfredo Guimarães, 2.^a ed., págs. 158, 159 e 160. O P.^e Lucas Rebelo tem o seu túmulo na Igreja de S. Dâmaso (ver o n.º 64)).

Com interesse *Os Azulejos da Igreja de S. Dâmaso de Guimarães*, por Jerónimo de Almeida, Guimarães — 1960.



61



62

Localização:

— Igreja de S. Dâmaso ⁽²³³⁾. Na frontaria, — encimando o janelão.

Material: granito.

Época: século dezoito (meados?).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: simbologia religiosa.

Escudo em forma de cartela, rematado por um querubim.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

AS CINCO CHAGAS DE CRISTO

(1)

(1) As cinco chagas postas em cruz.

(233) Ver os n.ºs 61, 63 e 64.

Localização:

— Igreja de S. Dâmaso ⁽²³⁴⁾. Arco cruzeiro.

Material: granito.

Época: século dezassete (por volta de 1640?) ⁽²³⁵⁾.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Escudo peninsular, assente numa cartela recortada em rolos de volutas. Chapéu eclesiástico com cordões com seis borlas pendentes a cada lado (1, 2 e 3), os cordões e as borlas dourados.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

REBELO

(1)

(1) Assim: três flores-de-lis (douradas), alinhadas em banda, carregando, cada uma delas, uma faixa. São as armas dos Rebелos: *de azul, três faixas de ouro, cada faixa carregada de uma flor-de-lis de vermelho, as três flores-de-lis alinhadas em banda.*

É o brasão de armas do P.^e Lucas Rebelo, abade de Santa Comba de Regilde (no concelho de Guimarães) ⁽²³⁶⁾.

⁽²³⁴⁾ Ver os n.^{os} 61, 62 e 64.

⁽²³⁵⁾ «Em 1641 estava apenas concluída a capella-mór, a que se dera principio provavel em 1636, havendo n'este periodo sido alterada a sua construcção.» (*Guimarães, — apontamentos para a sua historia*, pelo P.^e António José Ferreira Caldas, vol. II, pág. 126).

⁽²³⁶⁾ Ver os n.^{os} 61 e 64.



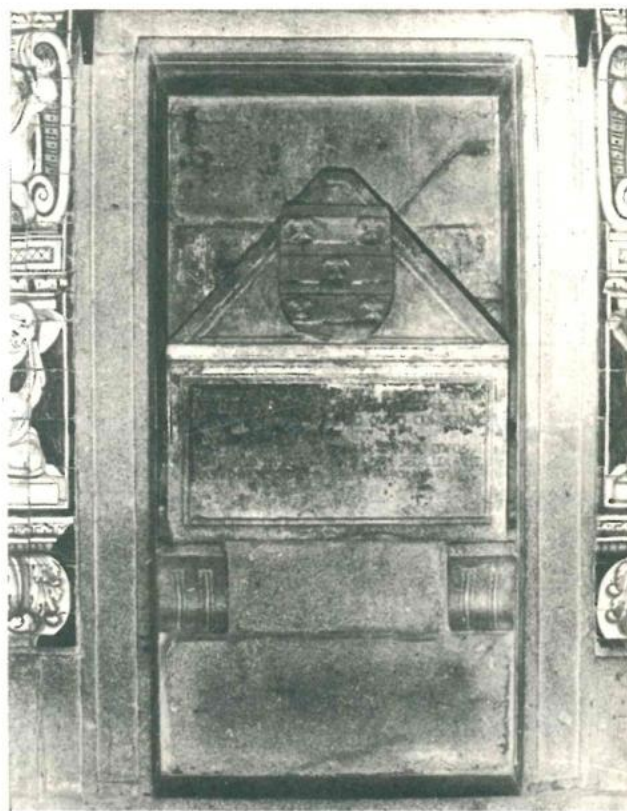
63



61 a 64



64



Localização:

- Igreja de S. Dâmaso ⁽²³⁷⁾. Capela-mor, — do lado da Epístola.
 — Osteoteca onde se guardam as cinzas do P.^e Lucas Rebelo ⁽²³⁸⁾. Na tampa.

Material: granito. As armas pintadas, com as peças em relevo.

Época: século dezassete (meados?).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo peninsular.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

REBELO

(1)

(1) Assim: três faixas de azul, assentes num campo de vermelho, as faixas carregadas de cinco flores-de-lis de ouro, 2, 1 e 2. Ver o n.^o 61. As armas dos Rebelos são: *de azul, três faixas de ouro, cada faixa carregada de uma flor-de-lis de vermelho, as três flores-de-lis alinhadas em banda.*

⁽²³⁷⁾ Ver os n.^{os} 61, 62 e 63.

⁽²³⁸⁾ Ver o n.^o 61.

*
* * *

Inscrição no frontal da arca:

RE = BELLVS LVCAS ABBAS QVI REXERAT OLIM
REGILDAE TEMPLṼ, CONDITVS HOCCE JACET
IPSE SIBI TVMVLV DAMASO QVOQ CONSTRVIT
AEDEM

IACTITE VT NATOS PATRIA TANTA DVOS
IAM QVOD PASTOR OVÈ CAELESTI SEDE LOCAVIT,
PASTOREM TEMPLO GRATA REPONIT OVIS. ⁽²³⁹⁾



⁽²³⁹⁾ Versão: *O Abade Lucas Rebelo [ou: O bem amado Abade Lucas], que outrora dirigiu a Igreja de Regilde, aqui jaz sepultado. Constrói [construiu] para si um túmulo e para Dâmaso uma capela [templo]. Aplaudi [Exaltai] com(o) a Pátria tão ilustre estes dois filhos: pois que o pastor dotou a sua grei com um templo, a mesma grei agora o repõe nele.* Com letras geminadas.

Localização:

- Rua de S. Torcato.
- Fonte. No espaldar ⁽²⁴⁰⁾.

Material: granito.

Época: ano de 1600 ⁽²⁴¹⁾.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica real.

Escudo peninsular.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

PORTUGAL

(1)

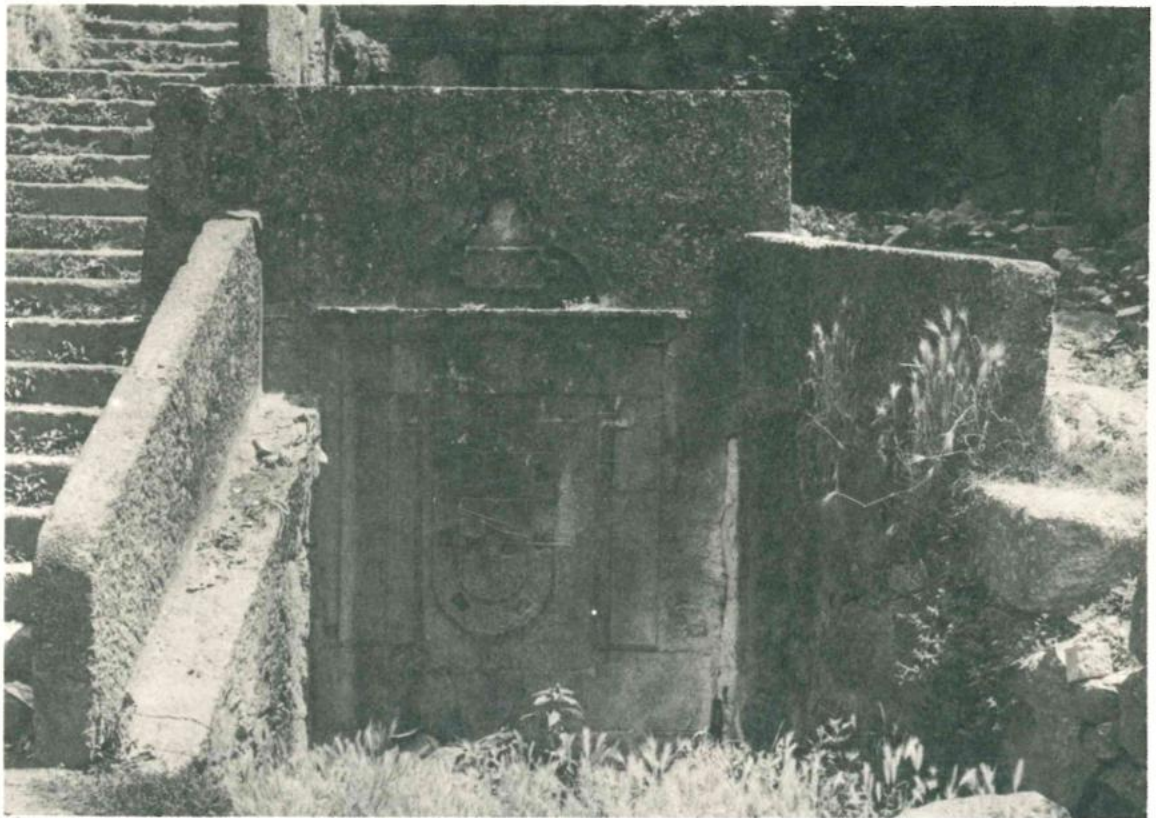
(1) Veja-se o n.º 1, nota ⁽³⁾.

⁽²⁴⁰⁾ *Guimarães, — Terras de Santa Maria*, por Maria Adelaide Pereira de Moraes, 1978, pág. 61 («Não jorra a água da sua bica. O pequenó tanque já muito partido, serviu até há pouco vergonhosamente de depósito para lixo!»).

⁽²⁴¹⁾ Data gravada no remate do espaldar da fonte.



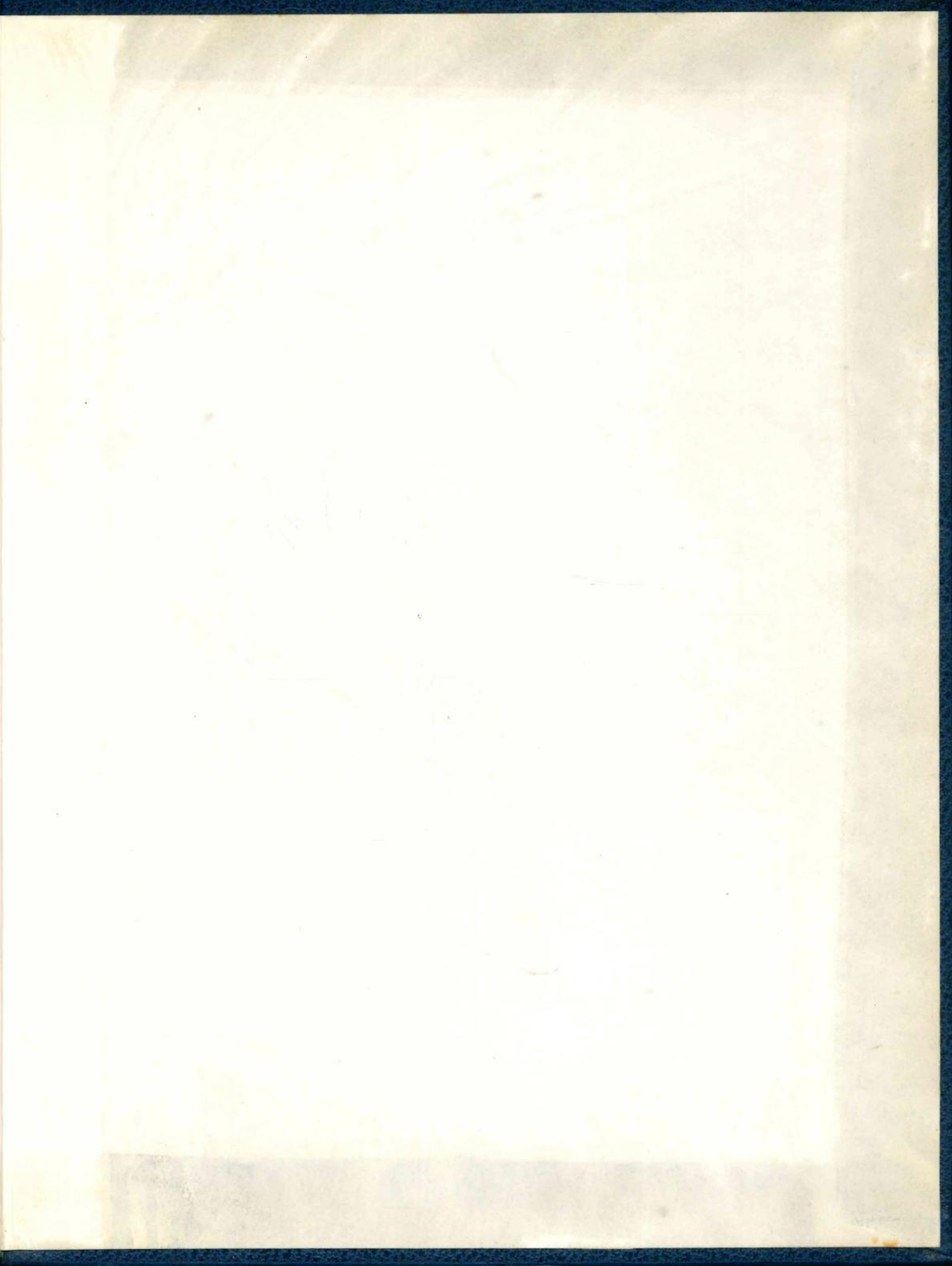
65



Fim do Tomo I
do Volume VII

LAVS DEO

FOTOLITOS DE FOTOMECÂNICA MABREU—PORTO.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO DAS OFICINAS GRÁFICAS
DA COMPANHIA EDITORA DO MINHO — BARCELOS
— ABRIL DE 1981 —



biblioteca
municipal
barcelos



8425

Pedras de armas e armas
funerárias do distrito de B